



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“Mostra-me amor”

Estilos de vinculação e
Esquemas desadaptativos precoces
na violência no namoro adulto

Inês Do Amaral Ribeiro

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Vítor Cláudio

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Vítor Cláudio

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Vítor Cláudio apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Agradeço,

Ao Professor Dr. Victor Cláudio, pelo constante desafio que me proporcionou ao longo deste percurso, colocando-me em constante evolução, obrigada pelo apoio e por toda a disponibilidade.

A todos os participantes, que tiveram disponíveis para que fosse possível a realização deste estudo.

Ao Professor Bruno Oliveira, pelo seu tempo e conhecimento que disponibilizou para que fosse possível a conclusão deste estudo.

Aos meus colegas, em especial à Marta Gomes, à Joana Barbosa, ao Micael Pereira e à Manuela Alcobia, pelo apoio que me deram na realização desta fase final do percurso académico, por me terem apoiado em momentos mais difíceis para mim e toda a disponibilidade que me concederam.

Aos meus amigos, em especial a Inês Macedo, Patrícia Luna, Filipa Dias, Inês Almeida, Joana Colhe e Márcia Arnaud, pelo constante apoio, pela compreensão, por terem estado sempre presentes durante todo o processo apesar das minhas ausências, e por toda a amizade demonstrada, aos restantes amigos não mencionados, que de uma forma directa ou indirectamente estiveram presentes ao longo desta etapa, obrigada pelo apoio e pela força que me deram.

À minha família, principalmente à minha mãe, Anabela, por me ter apoiado no meu sonho profissional em todos os momentos e por ter estado sempre ao meu lado em todas as adversidades, aos meus avós, Armando e Ilda, por serem os meus ídolos e ao meu irmão, Pedro Ribeiro, por me mostrar que apesar de haver contratempos na vida estas podem ser ultrapassadas e agradeço por ele ser quem é para mim.

Ao meu namorado, Gonçalo Henriques, pela muita paciência que me dedicou, pelo apoio incondicional mesmo em tempos mais angustiantes para mim, por ter sido um pilar.

O meu muito obrigada.

Resumo

A presente investigação teve como intuito estudar factores interpessoais da violência nas relações de namoro dos jovens adultos, os Estilos de Vinculação e os Esquemas desadaptativos precoces, com objectivo de obter informações para a intervenção na violência.

Este estudo foi dirigido para alunos universitários heterossexuais, com idades compreendidas entre os 18 e os 27 anos, que estivessem em relações de namoro sem coabitação. Foi administrado um protocolo onde estava inserido o Inventário de Violência Conjugal, o Inventário de Sintomas Psicopatológicos, a Nova Escala Multidimensional de Depressão, o Inventário Estado-Traço de Ansiedade, o Inventário da Depressão de Beck, a Escala de Vinculação do Adulto, o Questionário de Esquemas de Young e o Inventário de Problemas Interpessoais.

Os principais resultados consistiram em que os Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces obtiveram algumas associações com a Violência.

Palavras-chave: Relação de Namoro, Violência conjugal, Estilos de Vinculação, Esquemas desadaptativos precoces

Abstract

The present investigation is aimed at the study of interpersonal factors of violence in dating relations of young adults, Attachment Styles and the early maladaptive Schemes, with the goal of obtaining information for intervention in violence.

This study was aimed at heterosexual university students, aged 18 to 27 years, who were in dating relationships without cohabitation. A protocol was administered which included the Inventory of Conjugal Violence, Psychopathological Symptom Inventory, the New Multidimensional Depression Assessment Scale, the State-Trait Anxiety Inventory, the Beck Depression Inventory, the Adult Attachment Scale-R, the Young Schema Questionnaire and the Inventory of Interpersonal Problems.

The primary results showed that both the Attachment Styles and the Domains of the early maladaptive Schemes had some connections with Violence.

Keywords: Relationship, Dating violence, Attachment Styles, Early maladaptive schemes

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	2
Relações amorosas	2
Violência	6
Conceitos de violência.....	6
Caracterização dos comportamentos violentos	8
Modelo ecológico da violência.....	9
Ciclo da violência.....	12
Violência nas relações de intimidade	13
Vinculação.....	17
Vinculação adulta	21
Vinculação e Relações Amorosas	21
Vinculação e violência	24
Esquemas desadaptativos precoces	25
Esquemas desadaptativos precoces e Vinculação	29
Esquemas desadaptativos precoces, Vinculação e Relações de Namoro	30
Esquemas desadaptativos precoces e Violência nas relações de Namoro	30
Esquemas desadaptativos precoces e Vinculação na Intervenção Psicoterapêutica nas Relações de Namoro com Violência.....	32
Objectivo de Estudo e Hipóteses de Investigação	33
Métodos	34
Caracterização da Amostra.....	34
Instrumentos	35
Procedimento.....	40
Resultados	42
Classificação dos Estilos de Vinculação da Amostra (individual e como casal)	42

Aumento do número de comportamentos violentos consoante a Idade e o Género	43
Perpectuação de comportamentos violentos consoante o Género (nos relacionamentos atuais e passados)	44
Relação entre os Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas	44
Se existe correlação positiva entre o tempo de duração de namoro e a violência perpetuada no relacionamento	50
Tabela 7 - Tempo de duração de namoro e a violência perpetuada no relacionamento	50
Se existe relação entre os Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces	51
Discussão.....	55
Referências	68
Anexos.....	79
Anexo 1 - Organização Mundial da Saúde Tipologia da Violência (Krug et al, 2002).....	79
Anexo 2 - Modelo Ecológico da Violência (Krug, et al, 2002).....	80
Anexo 3 - Violência entre parceiros íntimos: causas e prevenção (Jewkes, 2002).	81
Anexo 4 - Factor de risco do agressor (Dutton, 1995a).....	82
Anexo 5 – Ciclo da Violência (Walker, 1979).	83
Anexo 6 – Um modelo de activação do sistema de ligação, hiperactivação e desactivação (Shaver & Mikulincer, 2002).	84
Anexo 7 – Quatro estilos de Vinculação entre os jovens adultos (Bartholomew & Horowitz, 1991).	85
Anexo 8 – Caracterização da Amostra	86
Anexo 9 – Consentimento informado.....	93
Anexo 10 – Questionário Sociodemográfico	94
Anexo 11- Inventário de Violência Conjugal (IVC)	96
Anexo 12- Inventário de Depressão de Beck (BDI).....	109
Anexo 14 - Inventário de Ansiedade Estado e Traço- Forma Y (STAI-Y).....	116
Anexo 15 - Inventário de Problemas Interpessoais (IIP-64)	118
Anexo 16 - Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)	120

Anexo 17 - Questionário de Esquemas de Young (QE).....	122
Anexo 18 - Nova Escala Multidimensional da Depressão – Versão 2 (NMADS).....	131
Anexo 19 – Número de comportamentos violentos consoante a Idade e o Género	135
Anexo 20 - Perpetuação de comportamentos violentos consoante o Género	136
Anexo 21 - Relação entre os Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas	137
Anexo 22 – Estilos de Vinculação e Violência nas relações amorosas.....	138
Anexo 23 – Relação entre os diferentes Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas	140
Anexo 24 - Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas...	141
Anexo 25 – Relação entre as dimensões da Violência nas relações amorosas e os esquemas desadaptativos precoces	143
Anexo 26- Relação entre os Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces	146
Anexo 27 – Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces	147
Anexo 28 - Estilos de Vinculação e os Esquemas desadaptativos precoces	151

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos Estilos de Vinculação Individual	42
Tabela 2 - Existência ou Ausência de Congruência do Estilo de Vinculação Intracasal	42
Tabela 3 - Distribuição das Congruências e Incongruências Intracasal	43
Tabela 4 - Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas.....	45
Tabela 5 - Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas	47
Tabela 6 - Violência nas relações amorosas e os domínios dos Esquemas desadaptativos precoces.....	47
Tabela 7 - Tempo de duração de namoro e a violência perpetuada no relacionamento	50
Tabela 8 - Escalas clínicas em relação com a Inexistência e Existência de Comportamentos Violentos perpetuados nas relações de namoro actuais, Auto-avaliação.....	53
Tabela 9 - Escalas clínicas em relação com a Inexistência e Existência de Comportamentos Violentos perpetuados nas relações de namoro actuais, Hetero-avaliação..	54

Introdução

As relações de intimidade, matrimoniais, coabitacionais ou de namoro, têm presentes alguns indicadores de disfunção e de abuso (Paiva & Figueiredo, 2003), deste modo comportamentos violentos são frequentes nas relações de namoro nos jovens adultos (Manuel, 2014).

Segundo Mendes e Cláudio (2010), tem havido uma banalização no que concerne ao tema da violência pelos jovens ao longo dos anos, atribuindo esta prática a actos diminutos como o ciúme e amor, Caridade e Machado (2012) aludiram que, a violência nas relações amorosas não é uma situação improvável de acontecer entre os jovens, sendo esta temática identificada como uma problemática na actualidade, pelo que a violência nas relações de intimidade é um grave problema de saúde pública (Santos, 2013), uma vez que a violência exercida no contexto de relações amorosas, quer seja física, psicológica e sexual, não é isolada (Oliveira & Sani, 2005), então deste modo é crucial a intervenção (Manuel, 2014).

O estudo de factores inerentes a estes acontecimentos poderão ter relevância para a prevenção primária como para intervenção junto das pessoas na relação de intimidade abusiva (Paiva & Figueiredo, 2003), neste âmbito é crucial conhecer mais pormenorizadamente este assunto (Caridade & Machado, 2012).

Existem estudos que relacionam a violência nas relações amorosas juvenis como sendo um preditor para a violência matrimonial (Caridade & Machado, 2012), deste modo será importante a prevenção e a intervenção nas relações de intimidade. É fundamental que haja mediação com os jovens o mais primordialmente possível, na fase em que iniciam as primeiras relações amorosas, fazendo com que haja consciencialização da seriedade deste problema nas faixas etárias jovens e que não haja banalização (Mendes & Cláudio, 2010).

No início da idade adulta há factores do desenvolvimento inerentes à construção da intimidade, sendo o contexto de mudança ou de estabelecimento dos “modelos internos dinâmicos” inseguros provenientes da vida do sujeito. Quando o esquema das relações interpessoais é disfuncional é crucial a intervenção nos mesmos, para prevenir a ocorrência da conflito ou do mal-estar consequente do término do relacionamento com o/a companheiro/a (Paiva & Figueiredo, 2003).

Enquadramento teórico

Relações amorosas

O ser Humano é uma espécie relacionável, construindo interligações de afecto (Oliveira & Sani, 2005). Este, tem desejos e necessidades, assim as relações interpessoais que o ser adquirir ao longo da sua vida, permitem o seu próprio desenvolvimento (Santos, 2013), nas quais o conflito é um componente (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães & Oliveira, Ribeiro, 2015).

O casamento, surge como uma celebração para certificar a continuidade da espécie humana, no nosso quotidiano, este toma outros significados na vida da pessoa (Carvalho, 2013). Deste modo, devido à evolução do conceito de relacionamentos, a convivência amorosa, está presente na atualidade histórico-cultural, sendo ligações afetivas sem vínculo conjugal (Oliveira & Sani, 2005). O namoro é constituído por interações, tendo implícito determinados aspectos compartilhados de identidade social, estes são transmitidos através dos valores, comportamentos e atitudes do grupo pelo qual o sujeito se identifica (Bertoldo & Barbará, 2006), existindo factores diversificados que podem contextualizar o forma diferente (Oliveira, 2011), como as normas sociais que diferem consoante dimensões individuais, de grupo, dimensão contexto histórico-cultural, existindo conformidades nas mesmas, que incluem o conceito de relações diádicas e o disponibilizar de tempo dos dois elementos para a relação (Straus, 2004), neste sentido, este conceito é multi-diversificado, onde diferentes autores têm ideias comuns e outros acrescentam novas ideias (Oliveira, 2011).

A relação de namoro, pode ser descrita como sendo uma ligação diádica, onde existe interacção social e prática de programas entre os elementos da mesma, com intenção explícita ou não, para o desenvolvimento da intimidade aumentando o nível de compromisso como por exemplo a coabitação (Straus, 2004; Aldrighi, 2004), tendo momentos inerentes ao afecto humano, como por exemplo a descoberta do outro, o romantismo, a paixão que estimula diversificadas reacções fisiológicas (Almeida, 2008).

Carvalho (2013), refere que para os jovens um relacionamento satisfatório está directamente ligado com sentimentos de amor recíproco e com todas as formas de investimento mútuo na relação, é nesta conjugalidade que o indivíduo procura a sua fonte de felicidade. Os jovens adultos, investem mais nas relações românticas e de intimidade, considerando necessário que exista um equilíbrio entre autonomia e dependência do/a parceiro/a (Oleiro, 2011). O amor romântico é assim considerado um processo de vinculação, no entanto, isso não significa, que na fase inicial da relação íntima se tenha estabelecido laço

afetivo (Hazan & Shaver, 1987). Neste âmbito, pode-se definir uma relação de intimidade, como sendo uma conexão entre dois indivíduos, onde existe ocorrência de permutações de emoções, românticas e/ou sexuais, sendo estas mais desenvolvidas que a partilha na amizade (Murray & Kardatzke, 2007).

Segundo Schmitt e Imbelloni (2011), as relações afetivas, românticas têm como característica a presença da eternidade e fidelidade, porém existe uma maior facilidade para por fim às mesmas; neste término da relação íntima Paiva & Figueiredo (2003), referem que a este são associadas respostas de desequilíbrio, tendo repercussões para a saúde do indivíduo. Neste âmbito, Schmitt e Imbelloni (2011) aludem que, as pessoas detêm receio de estabelecerem vínculos mais profundos com os outros, devido às inseguranças e dúvidas impostas pelo ambiente envolvente.

No que concerne ao conceito de namoro, foram identificados duas subcategorias, as amizades coloridas e o namoro. No que diz respeito às relações de amizades coloridas estas designam-se pela existência de maior liberdade, onde não há compromisso, neste âmbito não há responsabilidade nem fidelidade para com o outro, porém existe a importância de manter o respeito mútuo; no namoro atribui-se ao conceito determinadas regras inerentes no qual refere, que para os jovens, uma relação de namoro seja considerada saudável, é crucial que exista amizade entre o par, individualidade pessoal, confiança no/a companheiro/a, respeito recíproco incluindo fidelidade e afecto (Santos, 2013). Esta subcategoria, amizades coloridas, vai de encontro ao estudo de Schmitt e Imbelloni (2011), onde refere que no quotidiano a sociedade deixou de estabelecer relações de vínculo, descartando a importância da existência do afecto e direciona-se para ligações de rapidez, fluidez e utilidade, devido às imposições do exterior. Segundo Hazan e Shaver (1987), o grau de segurança ou de ansiedade que os elementos do relacionamento podem experienciar durante o mesmo, é influenciado pelos estilos de vinculação e por factores diversificados relacionados com o/a companheiro/a e com o meio envolvente. Deste modo, conclui-se que a qualidade da relação íntima, é influenciada por factores individuais como a vinculação, factores relacionais, como as relações interpessoais significativas do sujeito, e socioculturais (Paiva & Figueiredo, 2003).

Estudantes universitários no estudo de Fletcher, Simpson, Thomas e Giles (1999), atribuíram cinco factores de idealização cruciais para os companheiros românticos e formas de relacionamento. No que concerne aos ideais referentes aos companheiros românticos foram mencionados três factores, o apoio-confiança, onde inclui características pessoais importantes para o desenvolvimento íntimo e leal da relação; o vitalidade-atractividade, onde é dada a importância das características atractivas do outro, a saúde e personalidade, para futuro

parceiro/a ideal; por fim nos ideais de companheiros românticos deu-se importância ao factor condições-recursos, onde é avaliada a idade, os recursos monetários. Relativamente à idealização das formas de relacionamento, foram encontrados dois factores cruciais, o factor intimidade-fidelidade, onde é esperado respeito, honestidade por parte do outro elemento da relação; e o factor paixão-relacionamento, onde é importante as características de diversão e independência. Os resultados do estudo destes autores, revelam que os ideais dos companheiros e das relações amorosas são constructos cognitivos estáveis.

O amor romântico, entre os elementos de uma relação íntima é geralmente constituída por dupla direcção, ou seja, ambos os elementos podem ser ansiosos e precisarem de segurança, e noutros momentos são propiciadores da mesma e de cuidados para com o outro elemento; este amor romântico é constituído pela incorporação de três sistemas, o de estilos de vinculação inerentes a cada elemento, o de facultação de cuidados e o sistema reprodutivo (Hazan & Shaver, 1987).

O namoro, segundo o estudo de Toscano (2007), através dos relatos das adolescentes que participaram no mesmo, é constituído por sete fases. A primeira do namoro é aquela onde os elementos da futura relação íntima se conhecem, a partir do convívio entre os grupos de pares do mesmo género com o grupo de pares do género oposto, onde maioritariamente se iniciam os relacionamentos dentro do grupo que se identificam, designando-se por “reunião do grupo”. No que concerne à segunda tem como designação de “conversando e trocando”, ou seja, nesta fase os dois elementos da futura relação amorosa procede ao processo de aproximação, de conhecimento através de partilha de informação e de tempo para com o outro, e este conhecimento ocorre fora do tempo do grupo de pares. Tendo a fase anterior sido bem sucedida os elementos avançam para a terceira, onde já se consideram como tendo uma relação de namoro, e nesta estes convivem mais formalmente com outros pares de relações românticas, denominando-se esta de “casal-grupo encontro”. Prosseguindo neste desenvolvimento, a quarta refere-se ao “namoro fora do grupo”, e nesta os elementos da relação de namoro disponibilizam mais tempo para estar com o outro, deste modo existe uma maior aproximação emocional e física, havendo uma maior troca de informações do que na segunda fase do mesmo. Na quinta, os elementos da relação de namoro são vistos pelo grupo como sendo um casal de namorados, deste modo reentram no grupo como casal, estes têm uma relação independente do grupo, porém mantêm as vivências que anteriormente tinham antes de terem uma ligação íntima dentro do grupo de pares, nesta fase tem que ocorrer uma adaptação do grupo à relação íntima entre dois elementos e estes últimos conseguem adaptar-se aos papéis que tinham no grupo de pares, deste modo adquirem o apoio do mesmo

em que estão inseridos, tendo por nome de “reentrar no grupo como casal”. Referente à sexta, esta tem como designação de “ruptura”, onde ocorre o fim da relação amorosa, deste modo, os ex-elementos do relacionamento diminuem o tempo que passam juntos e a diminuição de troca de informação entre eles, e o grupo conseqüentemente está envolvido neste processo de separação, uma vez que ambos os elementos da mesma estão inseridos no mesmo conjunto de pares. A finalizar, a sétima fase em que os elementos da ex-relação de namoro entram no grupo como individuais e separados, deste modo provoca a formação de novos papéis dentro do mesmo.

Oliveira e Sani (2005), aludem que as relações amorosas são ligações de afecto sem vínculo conjugal, no entanto, segundo o estudo Toscano (2007), este tira conclusões a partir dos participantes, das quais refere que nas primeiras relações de namoro de cada indivíduo, existia pouco ou nenhum vínculo emocional entre os elementos da mesma, atribuindo menor importância às qualidades do relacionamento. Com as constantes modificações no que concerne à maneira de pensar acerca dos relacionamentos, através das experiências que os elementos da relação têm ao longo da vida, e com o desenvolvimento social do indivíduo, tornam-se mais selectivos, passando o sentimento de desejo de ter uma relação para ter benefícios de popularidade, para o sentimento de quererem intimidade com o/a parceiro/a (Toscano, 2007). O ser Humano está em constante transformação, ninguém permanece sempre igual, há mudanças a acontecer e por vezes há quem não consiga lidar com essas alterações (Almeida, 2008), a não existência de desenvolvimento da intimidade emocional e/ou física, tem por consequência a rutura do relacionamento, sendo frequente que as relações de namoro tenham fim durante a passagem da adolescência para a idade adulta (Oliveira, 2011), uma vez que existem diversificados factores que favorecem ou prejudicam o desenvolvimento do namoro (Almeida, 2008).

Toscano (2007), referiu que um factor crucial para o progresso da intimidade, é a existência da disponibilidade, de haver partilha com o outro elemento da relação, a expectativa deste desenvolvimento coincide com o estatuto social da mesma, assim sendo as estruturas sociais influenciam o processo de namoro; deste modo, este é uma fase importante para a evolução para uma ligação mais íntima, tendo como objectivo futuramente uma vida conjugal (Almeida, 2008).

O ser humano relaciona-se com base nos significados que cada aspecto tem para cada um, esses valores são adquiridos através das interacções sociais, existindo a possibilidade de mudança dos mesmos através de um processo de interpretação particular para o individuo (Blumer, 1969). No que concerne às relações interpessoais, segundo o estudo de Couto,

Muniz, Vandenberghe e Van Hattum (2008), os sujeitos do género masculino apresentam ser mais competitivos, frios e deferentes comparativamente ao género feminino, sendo este mais sociável, inseguro e confia mais facilmente nas pessoas comparativamente ao outro género.

Violência

Conceitos de violência

A violência é um acontecimento a nível mundial que ocorre com frequência (Oliveira, 2011), sendo uma preocupação de todos (Aldrighi, 2004). Na actualidade, o conceito de actos violentos envolve um conjunto de acções praticadas pelos sujeitos que são reprováveis e condenáveis dado as suas consequências negativas a curto, médio e longo prazo, para a qualidade de vida, de saúde (DGS,2014) e bem-estar dos mesmos, sejam em contexto público ou privado, quer sejam reactivos ou antecipatórios, criminosos ou não (Dahlberg & Krug, 2007), com frequência isolada ou repetida (Lisboa et al., 2006; cit, DGS, 2014), a aceitação desta prática só se justifica em auto-defesa ou em estados de guerra (DGS, 2014).

A violência é um conceito de carácter dinâmico uma vez que não há consenso sobre o mesmo, pois este é inerente às influências relativas ao tempo histórico-cultural de onde ocorre a situação violenta (DGS, 2014), sendo crucial a diferenciação dos conceitos de “agressividade”, “agressão”, “violência” (Aldrighi, 2004) e “crime” (DGS, 2014).

Violência pode ser definida como sendo um comportamento de uso deliberado de força, coacção ou intimidação imposta ao outro, ou todos os modos de acção intencional que por algum modo prejudique a integridade, os direitos e as necessidades do mesmo (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009), definido como *agressão hostil* por Aldrighi (2004) enquanto que este mesmo autor considera por *agressão normal* comportamentos que não tenham intenção ou percepção da mesma, de causar sofrimento ou dano físico ao outro (Straus, 1981). A *agressividade*, segundo DGS (2014), é uma característica inerente e vital para o ser humano, é importante para o processo de separação/individuação, de afirmação individual e construção de identidade própria, a utilização bem administrada e dirigida pode funcionar como um “organizador biológico e psicológico”, quando esta agressividade não for utilizada de forma equilibrada pode resultar em comportamentos de violência. *Crime*, segundo Lourenço e Lisboa (1992), são comportamentos classificados pela lei do país em que é praticado, uma vez que tem influencia, a percepção e representação dos valores sociais, individuais e colectivos do próprio.

A designação de violência, segundo WHO (2002), inclui determinadas concepções, como a intencionalidade, poder, alvo, natureza e impacto. Intencionalidade concerne no

intuito ou não de ferir o outro, independentemente do dano causado (Dahlberg & Krug, 2007; WHO, 2002), referente ao conceito de “poder” expande o conceito de violência no que concerne aos comportamentos de ameaça, intimidação e negligência, caracterizada como sendo uma hierarquia estabelecida entre agressor e vítima (Dahlberg & Krug, 2007; Krug et al., 2002; WHO, 2002), o “alvo” refere-se ao grupo-alvo da violência, relativamente à natureza da mesma esta refere-se aos comportamentos de negligência ou de omissões, inclui ainda todos os tipos de agressão de natureza física, psicológica ou sexual, comportamentos suicidas e formas de violência autodirigida, no que diz respeito ao impacto desta este diz respeito ao dano físico ou morte, a lesão psicológica, moral e social que acompanham ao longo da vida a vítima (WHO, 2002).

A violência pode ser sobre as mulheres (VSM) - Violência de Género; violência doméstica (VD); violência conjugal (VC); violência nas relações de intimidade (VRI) (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009); abuso contra pessoas idosas; maus tratos em crianças e jovens; suicídio e tráfico de seres humanos (DGS, 2014); violência em contexto de deficiência; coação entre parceiros íntimos homossexuais; mutilação genital feminina (Redondo, Pimentel & Correia, 2012). No presente estudo serão abordadas as seguintes: violência doméstica (VD); violência conjugal (VC) e violência nas relações de intimidade (VRI).

A violência doméstica é considerada um crime, que engloba comportamentos contra a integridade da pessoa (vítima) a nível físico e moral, sendo que a vítima vai perdendo a sua própria identidade no decorrer do tempo (Mendes & Cláudio, 2010), para os autores Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), esta engloba todos os actos violentos continuados ou padrões de controlo coercivo impostos, directa ou indirectamente, sobre qualquer sujeito quer resida no mesmo agregado familiar ou não, seja companheiro/a, ex-companheiro/a ou familiar. No que concerne à violência conjugal, é considerada uma dimensão da violência doméstica, sendo que resulta em actos violentos executados por um elemento ou ex-elemento da relação sobre o outro. Relativamente à violência nas relações de intimidade, este conceito engloba os actos opressivos praticados entre elementos envolvidos, em diversos géneros de relacionamentos íntimos, como por exemplo violência nas relações de namoro (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Pode-se concluir que a violência é qualquer tipo de forma imposta de restringir uma pessoa (Mider, 2013), e pode ser perpetuada por qualquer uma, independentemente do género (Aldrighi, 2004).

Caracterização dos comportamentos violentos

A violência doméstica/conjugal pode ser executada de diversas formas e tende a crescer em frequência, intensidade e gravidade da coação exercida (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009), os comportamentos referentes à violência podem ser de natureza física, sexual, psicológica, relacionada com privação ou ao abandono (Dahlberg & Krug, 2007; Krug et al., 2002, WHO, 2002), existindo seis tipologias da mesma, a emocional e psicológica; intimidação, coação e ameaça; violência física; isolamento social; abuso económico e violência sexual; nestas situações, frequentemente, são utilizadas mais do que uma tipologia de violência (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

No que concerne à violência emocional e psicológica, esta consiste em desprezar, ameaçar, criticar, insultar, maltratar, aterrorizar, humilhar, não deixar descansar/dormir ou destruir objectos de valor sentimental para a vítima, em contexto privado ou público, verbalmente e/ou através de acções. No que refere à intimidação, coação e ameaça, esta está intrinsecamente relacionada com a violência emocional-psicológica, e é exercida através de comportamentos que fazem a vítima viver em constante medo daquilo que o agressor possa executar contra si e/ou contra os seus familiares, amigos, animais de estimação e bens, o agressor controla e domina a vítima através de estratégias como por exemplo todas as formas de intimidar esta, como ameaçar, causar danos ou morte da mesma ou de quem é importante para ela, existindo deste modo contexto de tensão e de violência eminente, fazendo com que a vítima viva em constante ansiedade e receio (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009), relativamente à psicológica segundo McDermott e Lopez (2013) tanto pode ser por excessiva violência ou pela ausência emocional por parte do parceiro; atitude, comportamentos ou verbalização com objectivo de humilhação, controle, desaprovação, dominação, intimidação, ameaça directa, ciúmes e hostilidade (O'Leary & Smith-Slep, 2003). Violência física refere-se à utilização da força física com o intuito de magoar/provocar dano físico ou orgânico, podendo ou não existir marcas evidentes desse tipo de violência, incluem comportamentos de formas diversificadas, das menos severas até às extremamente severas das quais poderão ter como consequência lesões graves, incapacidade permanente ou mesmo chegar ao falecimento da vítima. Relativamente ao isolamento social este é consequente de estratégias do agressor para afastar a vítima da sua rede de suporte, familiar e social, uma vez que ao isola-la esta torna-se mais facilmente manipulável e consegue controla-la (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). O abuso económico é sequencialmente relacionado com o isolamento social, este é outra forma de controlo onde o agressor gere os bens económicos mesmo que a vítima tenha o seu próprio emprego e não a deixa aceder aos mesmos, incluindo bens de necessidades básicas para a

própria e para os filhos. Violência sexual é designada por todos os métodos de exigências de cariz sexual contra a vontade da vítima, utilizando ameaças e coacções ou, frequentemente a utilização de força física para realizar a sua imposição à mesma (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009), coerção sexual é uma forma de pressão para coagir o/ companheiro/a a ter comportamentos sexuais com o agressor, seja ela através da utilização de força, ameaças com objectos ou formas não físicas de pressão (Manuel, 2014).

Independentemente da natureza da violência, esta tem consequências visíveis ou não, graves ou menos graves (Oliveira, 2011), estando deste modo relacionadas com mal-estar psicológico (Callahan, Tolman & Saunders, 2003). No estudo de Callahan, Tolman e Saunders (2003), foram denotadas diferenças de género ao nível psicológico quando são vítimas de violência na relação de namoro, as vítimas do género feminino apresentam maior stress pós-traumático e dissociação, enquanto que no género masculino também apresentam stress pós-traumático e ainda níveis de ansiedade e de depressão superiores psicológicos.

No que concerne à tipologia da violência, esta tem como único objectivo de a diferenciar da que o individuo utiliza em si próprio ou sobre o outro, ou por grupos de indivíduos que a infligem sobre outros grupos, tendo deste modo respectivamente, o tipo de violência autodirigida, de violência interpessoal e de violência colectiva. Na categoria da violência auto-infligida esta pode-se subdividir-se em comportamentos suicidas, que inclui o suicídio, pensamentos suicidas ou tentativas da prática dos mesmos (“para-suicídios”/”auto-injúrias deliberadas”), no que concerne á categoria da violência interpessoal esta subdivide-se na de família e de parceiros íntimos e na comunidade, ou seja, sujeitos sem relação pessoal, que podem conhecer-se ou não, por último a categoria da violência colectiva está dividida em violência social, política e económica (Dahlberg & Krug, 2007; Krug, et al., 2002) (Anexo 1).

Modelo ecológico da violência

Para Lewis e Fremouw (2001), a violência é multidimensional, indo em concordância à opinião de Minayo (1994), que aludiu que a violência não faz parte da natureza humana nem é de origem biológica, tendo como origem o processo dinâmico biopsicossocial, que se desenvolve na sociedade na qual o indivíduo está inserido; assim, a violência entre parceiros íntimos é resultante da interacção de vários factores da própria pessoa e do meio em que se encontra (Stith, et al., 2004). Neste sentido, a violência nas relações de namoro podem advir de diversificados factores (Paiva & Figueiredo, 2003), deste modo, é pertinente perceber as características específicas desta, como a Teoria da Vinculação e a Teoria da Aprendizagem Social (Oliveira, 2011), entre outros factores intrínsecos como a auto-estima e traços de

género, e extrínsecos a presença de opressão na família (Jackson, 1990) e características relacionadas com o meio envolvente da vítima ou do agressor e com as justificações apresentadas para a perpetuação da violência (Oliveira, 2011).

Neste seguimento, não subsiste um único componente que explique a razão pelo qual existe violência, que justifique quais são os motivos que levam as pessoas a praticá-la e qual a razão para que predomina mais em algumas sociedades do que noutras, assim, esta é resultante de processos de interacção das características individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais onde o indivíduo está inserido. Deste modo, foi desenvolvido o modelo ecológico da violência com estas características respectivamente organizadas em quatro níveis, percebendo a probabilidade do indivíduo ser vítima ou agressor (Anexo 2 e Anexo 3) (Dahlberg & Krug, 2007; Jewkes, 2002; Krug, et al., 2002, WHO, 2002), podendo estar na origem das problemáticas relacionais (Oliveira & Sani, 2009).

Este modelo, o modelo ecológico sobre a violência, aborda todos os factores inerentes ao indivíduo e ao contexto, que influenciam inevitavelmente o comportamento do ser Humano (WHO, 2002). O primeiro nível, o *Indivíduo*, concerne na identificação da história pessoal que inspiram os actos (Dahlberg & Krug, 2007; Jewkes, 2002; Krug, et al., 2002, WHO, 2002) e identificação dos componentes biológicos (Oliveira & Sani, 2009), e ainda, comportamentos psicológicos, são a abordagem explicativa da teoria intra-individual (Dias, 2012); no segundo nível, a *Relação*, pretende-se perceber as relações sociais próximas do indivíduo, uma vez que têm influência sobre o comportamento e o âmbito das suas experiências (Dahlberg & Krug, 2007; Jewkes, 2002; Krug, et al., 2002, WHO, 2002), por exemplo a família, transmissão intergeracional (Oliveira & Sani, 2009) são as abordagens explicativas da teoria diática-familiar (Dias, 2012); relativamente ao terceiro nível, a *Comunidade*, tem como objectivo identificar factores dos contextos comunitários, que possam influenciar o indivíduo para comportamentos de vitimização ou de agressor, finalmente o quarto nível, o *Social*, tem como objectivo entender as características mais significativas que possam influenciar a taxa de violência na mesma, podendo estas criar um ambiente de aceitação da perpetuação da mesma, características como por exemplo, normas culturais que aceitam a violência como usual esta forma de resolução de discórdias, comportamentos que consideram o suicídio como uma escolha pessoal em vez de um acto de violência evitável, normas que dão primazia aos direitos dos pais sobre o bem-estar da criança, normas que aceitam o domínio masculino sobre o género feminino e as crianças, que apoiam o uso excessivo das autoridades para a resolução de situações de intervenção das mesmas e que apoiam o conflito político (Dahlberg & Krug, 2007; Jewkes, 2002; Krug, et al., 2002, WHO,

2002), as abordagens da contextualização cultural do fenómeno abordagens socioculturais (Dias, 2012), deste modo, este modelo permite perceber a influência recíproca entre os diferentes níveis (DGS, 2014).

Em concordância a este modelo, está Dutton (1995a), que estruturou a teoria ecológica, a qual aborda quatro níveis. O primeiro concerne no macrosistema, que é constituído pelos valores e crenças culturais onde o sujeito se insere; posteriormente surge o nível ecossistema que consiste estruturas sociais formais e informais, ou seja, estruturas relacionais do indivíduo com o seu grupo relacional com a cultura; o terceiro nível concerne no microsistema onde o individuo é influenciado pelas características pela interação do seu meio familiar e relacional; de seguida, aproximando os factores intra-individuais dos inter-individuais, temos o quarto nível, o ontogenético, que consiste nas características da própria pessoa, que influenciam o modo de resposta cognitivas e emocionais a acontecimentos de stress, tendo estes sido apreendidos na interacção das relações presentes no micro-sistema e no ecossistema. Estes níveis podem explicar de um modo multifactorial referido por estes autores (Anexo 4).

No entanto, Jewkes (2002) alude que existem dois factores de nível epidemiológico que são importantes para que se consiga perceber melhor as causas da violência nas relações de intimidade, que são o factor da posição de desigualdade das mulheres num relacionamento ou mesmo na própria sociedade, e a utilização normativa da mesma num conflito, concordando com os autores referidos que os factores se relacionam entre eles, uma vez que os efeitos de cada um não são unidireccionais.

A aceitação de situações de violência doméstica, é uma resultante de crenças erróneas que fazem com que a vítima não atribua culpa ao agressor pelos seus actos. Estas crenças são o resultado da socialização, através desta fazemos interpretações do que nos rodeia, influenciando os comportamentos de cada um, estas são interiorizadas desde que há socialização por parte do indivíduo (Mendes & Cláudio, 2010). Em 2010, houve 31.235 participações de violência doméstica, 62% foram do género feminino; em 2011 foram feitas 28.980 sendo 82% do mesmo género; em 2012 foram realizadas 26.064 participações de entre as quais 82% foram mulheres; relativamente a 2013 houveram 27.318 denuncias das quais 81% do género feminino; em 2014 foram comunicadas 27.317 (Silva, Antunes, Peixoto, Ferreira, Alves & Silva, 2015), a APAV (2014) registou um aumento de casos em cada grupo, onde se incluem 16 pessoas idosas, 19 crianças e jovens, 130 mulheres e 21 homens, que semanalmente sofrem de violência.

Ciclo da violência

A violência doméstica é contínua o que origina um ciclo, a primeira fase deste, é designada como a “fase de tensão crescente”, que consiste no sentimento de perigo eminente, devido a situações de tensão e de conflito, por parte da vítima, qualquer motivo é suficiente para proporcionar uma discussão por parte do agressor, sendo que aquela tenta minimizar o perigo; a segunda intitula-se por “fase de explosão/agressão”, nesta existe um agravamento da brutalidade exercida pelo agressor à vítima, intensificando as mesmas, tornando-as mais violentas e sendo estas mais frequentes, o agressor toma o poder total da relação, a vítima muitas vezes menospreza a situação acreditando ser um episódio pontual que não irá ter continuação, o agressor justifica a violência que exerce nos comportamentos da vítima (mecanismo de projecção); a terceira fase deste ciclo de violência é a “fase calma ou “lua-de-mel””, que tem por finalidade dar um período de tempo, sendo caracterizada pela ocorrência de pedidos de desculpa por parte do agressor, este seduz a vítima, são realizadas promessas de mudança por parte do mesmo, com a justificação de que a violência não voltará a acontecer, a vítima por variados motivos acredita nessa possibilidade de alteração e dá uma nova oportunidade e continua na relação (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009; Walker, 1979). As vítimas destes actos de violência doméstica em situação de relacionamento romântico, estão emocionalmente dependentes neste âmbito, e justificam como sendo atitudes de amor, acreditam que a violência é uma situação pontual e que não perdurará no tempo, uma vez que acreditam na mudança do agressor (Mendes & Cláudio, 2010). Com o passar do tempo, as fases deste ciclo tornam-se cada vez mais breves, com o crescimento da gravidade e frequência dos acontecimentos de violência, podendo chegar ao homicídio da vítima (DGS, 2014). Os mecanismos que o agressor utiliza na vítima, têm como objectivo o reforço do vínculo da mesma à relação (Batista, 2012). Durante este ciclo, a vítima atravessa seis etapas, a negação onde se sente confusa e não quer acreditar na violência; a cólera ou raiva, onde responde também com violência; negociação, nesta etapa a vítima faz uma previsão dos comportamentos futuros violentos do agressor; a depressão, nesta a vítima recorre a atos autodestrutivos; a transição refere-se à percepção que a vítima tem sobre o risco que corre; a aceitação, nesta a vítima tem por fim o controlo da sua própria vida (APAV, 2006) (Anexo 5).

As vítimas de violência por parte dos parceiros íntimos nas relações de namoro, procedem de forma semelhante num padrão de abandono-regresso às relações várias vezes, existe uma evolução da violência ao longo do tempo de namoro, até chegar ao ponto que esta não é menosprezada pela vítima e reconhece que não tem a culpa pelos acontecimentos violentos (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007). Segundo Lichter e McCloskey (2004), a

violência mais agressiva verifica-se mais na violência doméstica do que na violência de parceiros íntimos; uma vez que os actos mais substantivos desta ocorrem em contexto privado e não ficam documentados (DGS, 2014).

Violência nas relações de intimidade

As relações de conjugalidade e de intimidade são consideradas complexas, uma vez que existem interligações entre os elementos das mesmas, estando deste modo envolvidos por factores emocionais e sexuais, partilham assim objectivos e responsabilidades relativos às suas vidas em conjunto, fazendo com que exista dificuldade de ruptura da relação pela vítima de violência (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

Nestas ligações podem ocorrer situações de conflito, onde estão presentes manifestações de valência negativa relativamente ao outro, provocando o aparecimento desta como estratégia do mesmo; sendo que a ofensa interpessoal perpetuada no relacionamento é influenciada pelas características culturais e estruturas sociais (Oliveira & Sani, 2005). Segundo os autores Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), a violência pode ser apreendida como a existência de competição entre os elementos do relacionamento, deste modo, pode haver uma aceitação da inclusão da violência emocional, verbal, económica e outras formas desta na relação; deste modo a tolerância e a perpetuação de qualquer tipo de agressividade pelos jovens nas suas relações amorosas, parecem ser uma estratégia para obterem os seus objectivos (Oliveira & Sani, 2005), sendo que a agressão psicológica está naturalizada nos relacionamentos, não é reconhecida como violência, uma vez que é utilizada como uma forma de estratégia adoptada para resolução de problemáticas da ligação (Colossi, Razera, Haack & Falcke, 2015). Neste sentido, esta pode-se expressar através da forma da violência no namoro (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira & Ribeiro, 2015), que segundo Aldrighi (2004), esta violência conjugal é um problema social, o estudo desta contribui para a melhor compreensão do ciclo de violência.

No que concerne à relação de namoro violento, foi dado ênfase à violência psicológica como o controlo, seguindo-se a física e *a posteriori* a sexual (Santos, 2013), porém segundo Aldrighi (2004) as pessoas dentro do relacionamento não consideram a violência sexual e a psicológica como tal, considerando-as parte da relação do namoro; esta aceitação por parte dos elementos da mesma, pode proporcionar a evolução daquela até à violência física, sem que os elementos da relação se apercebam do namoro agressivo em que se encontram (Oliveira, 2011). Aldrighi (2004), conceptualiza de violência física conjugal comportamentos intencionais de lesar, tendo por consequência danos físicos ao outro elemento da relação

íntima, como por exemplo empurrões, tentar atingir o outro com objectos, utilizar ou tentativas de utilizar armas de fogo contra o/a companheiro/a.

Segundo o estudo das autoras Caridade e Machado (2012), estas mencionam que existe uma contrariedade nos resultados referentes à desaprovação social da violência, por parte dos jovens, uma vez que há uma maior perpetuação de violência nas relações de intimidade do que nas dos casais; no estudo de Mendes e Cláudio (2010), a maioria dos participantes demonstraram desaprovação no que concerne à legitimação da violência conjugal, porém os factores que foram identificados para a tolerância dos acontecimentos de violência devem-se a causas externas (ex. drogas, desemprego) e preservação da intimidade familiar. É possível perceber através do estudo Oliveira (2011), que as participantes têm ou tiveram relações íntimas violentas, e que atribuem a causas internas e externas a ocorrência destas. Mendes e Cláudio (2010), hipotetizam que a responsabilidade do aparecimento da violência no namoro se deve ao menosprezamento desta por parte dos jovens.

No estudo de Mendes e Cláudio (2010), no que se refere ao género masculino obtiveram-se resultados significativos no que concerne à aceitação da violência, banalizam a pequena agressão nas relações, responsabilizam as mulheres por determinadas práticas que resultam na violência doméstica, justificam a mesma devido a causas externas e dão maior relevância à preservação da privacidade familiar comparativamente ao género feminino, sendo crucial que haja intervenção para que exista o desmantelamento de estereótipos culturais que no nosso quotidiano ainda se aplicam (influência da sociedade patriarcal), sendo estes resultados visíveis também no estudo Moura (2012). Mendes e Cláudio (2010), obtiveram relativamente à legitimação da violência doméstica nas faixas etárias, foi que os participantes até aos 20 anos de idade apresentaram resultados mais elevados de aceitação do que os estudantes da faixa etária dos 21 aos 25 anos de idade. Nos estudantes até aos 20 anos de idade obtiveram resultados que demonstram que têm maior tendência para menosprezar a pequena violência na relação de namoro, consideram com maior constância que as mulheres merecem este tipo de maus tractos nas relações, culpabilizam a violência devido aos factores externos e consideram crucial salvaguardar a intimidade da relação comparativamente à faixa etária dos 21 aos 25 anos de idade, sendo crucial a intervenção para prevenir o aumento da violência no futuro, pela tendência de se tornar perpetua. Relativamente ao nível do tipo de formação académica, o estudo comprovou que o contacto com a temática da violência doméstica influencia as crenças acerca da mesma. Os *media* são considerados um dos meios mais utilizados na forma como os indivíduos compreendem o “mundo”, reflectindo os elementos sociais, as normas e valores culturais, uma vez que têm conhecimento do que é, e que a referência ao tema seja

socialmente transformadora (Dias & Machado, 2014), as vítimas podem identificar que não faz parte de uma relação, a violência, uma vez que há conhecimento sobre esta temática, pode-se pressupor que esta é a explicação para o aumento de participações sobre a violência na actualidade.

No estudo de Oliveira e Sani (2005), existem comportamentos violentos nas relações amorosas dos jovens universitários, onde 52% dos participantes admitiram ter agredido o/a seu/sua companheiro/a amoroso/a e 42% admitem terem sido vítimas, verificou-se que o género masculino comparativamente ao género feminino, apresenta uma média superior no que concerne ao total de agressões no presente e no passado, o que significa que, os sujeitos do género masculino têm mais comportamentos violentos nos actuais relacionamentos de namoro e nas do passado. Observou-se através da análise de dados que os indivíduos do género masculino reconhecem, mais do que do género feminino, terem sido vítimas de actos violentos nos relacionamentos actuais. Foram vistos valores mais elevados na perpetuação de violência nas relações amorosas actuais do que nas anteriores, o que segundo os autores, este resultado pode ser justificado pelos potenciais processos de aprendizagem que proporcionam a aquisição de um determinado tipo de comportamento, ou seja, se nas relações passadas o sujeito perpetuou a violência e não foi condenado socialmente então este poderá depreender que estes actos são legítimos e que são meios para a resolução de conflitos, deste modo a agressividade devido à falta de reprovação tenderá a aumentar (Oliveira & Sani, 2005). Abordando assim, a transmissão intergeracional da violência, no que diz respeito à relação da aceitação da ocorrência de determinados actos violentos no seio familiar, com o aumento da frequência da sua perpetuação e da sua gravidade, como no estudo Manuel (2014) em que alude que ambos os géneros referenciam a utilização de violência para a resolução de conflitos no namoro. Neste sentido, as crenças do grupo, onde os elementos da relação de namoro estão inseridos, tem influência na opinião dos mesmos no que concerne à aceitação ou não da violência nas relações de namoro (Oliveira, 2011). Segundo o estudo de Manuel (2014), as violências no namoro mais frequentes entre os jovens adultos, na forma de agressão ou de vitimização, são primeiramente a psicológica seguindo-se a coerção sexual. Aludem que os elementos da relação amorosa podem perpetuar ou ser vítimas de mais do que um tipo de violência, mencionam ainda que o agressor e a vítima podem sofrer de tipos de violência diferente. As percepções sobre a prevalência da violência nas relações amorosas e as experiências vividas podem formar as crenças relativamente à mesma, podendo influenciar da valência emocional negativa à percepção de relacionamentos saudáveis (Wingood, DiClemente, McCree, Harrington & Davies, 2001).

Na violência doméstica os agressores são na sua maioria do género masculino e por consequência a maioria das vítimas do género feminino, não significando que não ocorra o inverso, e também existe a simultaneidade vítima e agressor, ou seja, agressão mútua (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Porém, segundo o estudo Oliveira e Sani (2005), no que concerne às diferenças em função do género referentes à vitimização e à perpetuação dos comportamentos violentos dos relacionamentos actuais, foi verificada a hipótese de que o género masculino é o género dos que mais agride como os que mais são vitimizados, esta não existe somente num dos géneros, sendo que a agressão não é característica unicamente do género masculino porém é pouco associada ao género feminino, levantando a possibilidade de quem perpetua estes actos de violência também seja vítima dos mesmos. Referente aos relacionamentos passados não foram encontradas diferenças significativas entre os géneros (Oliveira & Sani, 2005). Nos resultados obtidos no estudo de Manuel (2014) foi possível denotar que ambos os géneros são vítimas e agressores no namoro, ou seja, a violência do namoro é bidireccional, no entanto existem algumas especificidades relativamente aos mesmos, em que o género masculino alude que perpetua mais a coerção sexual, por outro lado o género feminino é vítima deste tipo de violência. Relativamente à violência física obteve-se neste estudo que o género feminino refere perpetuar mais frequentemente apenas este tipo de violência e eles mencionam ser mais frequentemente as vítimas. Sendo crucial, que a violência conjugal não seja entendida como um problema de género, mas como um problema do ser humano (Aldrighi, 2004).

A violência tem consequências significativas a curto e a longo prazo prejudicando a qualidade de vida das vítimas, proporcionando um factor de risco para disfunções do foro psicológico e fisiológico (Paiva & Figueiredo, 2003; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009), a nível emocional, social e económico (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Segundo Whisman e Baucom (2012), as relações de intimidade têm um papel central na vida do indivíduo, deste modo, o funcionamento destas são influenciadas e têm impacto na saúde mental de cada elemento da relação. Segundo Oliveira (2011), as consequências da violência nas relações de namoro podem ser físicas, apresentar dificuldades em dormir, distúrbios alimentares, infecções sexualmente transmissíveis; a nível psicológico podem ocorrer depressões, stress pós-traumático, dissociação, ansiedade e ideação suicida; ao nível emocional pode-se verificar ansiedade, medo, raiva e menor satisfação com a vida, por fim no que concerne a consequências ao nível comportamental pode-se identificar a fuga, comportamentos sexuais desadaptados e comportamento de controlo de peso disfuncionais. Deste modo, Kaura e Lohman (2007), aludem que o grau de satisfação que a vítima de violência tem da relação

amorosa é determinada pela própria violência, uma vez que esta interfere com a saúde mental da mesma; deste modo, a qualidade do relacionamento está ligada ao estado mental de saúde de ambos os elementos do mesmo (Paiva & Figueiredo, 2005).

De acordo com Oliveira (2011), para além de ser necessário ter noção da prevalência da violência no namoro e das suas naturezas e tipologias, é fulcral entender factores inerentes às vítimas e aos agressores; assim, para ser possível perceber os relacionamentos adultos, é crucial entender como os modelos do *self* e dos Outros influenciam o próprio sujeito no relacionamento, sendo desta forma imprescindível estudar os estilos de vinculação (Collins & Read, 1990). Ainda, é pertinente referir alguns factores inerentes ao comportamento violento, como por exemplo a duração do relacionamento e a idade dos sujeitos, que segundo Beserra, Leitão, Dixe, Veríssimo e Ferriani (2016), obtiveram resultados no seu estudo de investigação, que o crescimento da duração do relacionamento de namoro aumenta o comportamento violento perpetuado, quer no género feminino e masculino, que com esse progresso o género feminino também amplia a sua vitimização, e que com o avançar da idade o género feminino intensificar a continuidade da violência, no entanto não existem alterações significativas no aumento da idade referente ao género masculino, estes resultados foram anteriormente verificados no estudo de Caetano, Sá, Silva, Amado e Santos (sd), assim a duração da relação de namoro está associada positivamente à perpetuação da violência, uma vez que com o tempo as vulnerabilidades de cada elemento vão sendo expostas (Brown & Bulanda, 2008), no entanto, foi encontrada uma associação negativa entre a vitimização e continuação da violência com a idade, e a relação entre a perpetuação da violência, não foi significativamente comprovada no estudo de Antunes e Machado (2012), nem no estudo de Fonseca (2015), foram denotadas estas correlações significativas entre a vitimização e perpetuação da violência com a duração do namoro, podendo justificar estes resultados deste últimos dois estudos com a amostra da investigação, que se dirigiu para a população adolescente (Antunes & Machado, 2012).

Vinculação

Bowlby (1969) menciona que a vinculação é um sistema bio-psicossocial que é necessário para a sobrevivência do indivíduo, aproximando na presença de ameaça, as crianças dos progenitores. O objectivo da vinculação é mais do que proximidade física e sobrevivência, é também sentir-se seguro na relação (Bretherton, 1985).

A vinculação está relacionada com mecanismo através do qual a criança se conhece e conhece o mundo social que o rodeia, começando a desenvolver-se o *self* da mesma (Shaw &

Dallos, 2005). Segundo Bowlby (1969), a procura de proximidade serve para que a pessoa consiga aliviar o sofrimento e lidar com as ameaças físicas e psicológicas por que passa, sendo este comportamento parte do sistema adaptativo comportamental. Bowlby (1973), alude que o estilo de vinculação influencia o desenvolvimento da personalidade da criança, e que a natureza e qualidade daquela é determinada pelas qualidades da figura vinculativa a nível de disponibilidade emocional e capacidade de resposta adequada às necessidades daquela criança.

Segundo Paiva e Figueiredo (2003), a teoria da vinculação, está relacionada com a estruturação e maturação dos “modelos internos dinâmicos”, sendo estes resultantes da interacção das figuras significativas na infância. Estes modelos têm influência na formação das relações interpessoais do indivíduo, uma vez que são esquemas do comportamento interpessoal do próprio, pois são através destes que o indivíduo cria expectativas relativamente a si e ao outro na relação, estes servem como molde para acontecimentos no futuro, onde são activados perante situações diversas ao longo da vida, nomeadamente acontecimentos desorganizadores para o indivíduo, como por exemplo a violência (Paiva & Figueiredo, 2003). O modelo de Shaver e Mikulincer (2002) integra a dinâmica e activação que existe no sistema de vinculação, uma vez que quando o indivíduo se depara com acontecimentos os quais são percebidos como uma situação de ameaça real ou potencial, o estilo de vinculação é activado sendo que as estratégias primárias vinculativas são accionadas, onde o indivíduo recorre a representações internalizadas. Este modelo é constituído por três componentes, o primeiro concerne na monitorização e avaliação dos eventos ameaçadores que elaboram o pedido de socorro, sendo deste modo o componente responsável da activação do sistema de vinculação; o segundo diz respeito à monitorização e avaliação da disponibilidade e capacidade de resposta por parte da figura vinculativa da possibilidade de fornecer apoio e aliviar as angústias, satisfazendo as necessidades de vinculação, possibilitar a construção dos próprios recursos internos e ampliar o seu esquema de pensamento-acção; por último, o terceiro componente refere-se à monitorização e avaliação da viabilidade da procura de proximidade como um meio de vínculo de lidar com a insegurança e com a angústia, sendo este responsável pelas diferenças individuais na utilização de estratégias de regulação (Shaver & Mikulincer, 2002)(Anexo 6).

Através da construção de representações mentais das suas experiências de valência de suporte seguro, adquirem assim a capacidade de fazer uma associação a conhecimentos anteriores importantes para a adaptabilidade a novas experiências significativas (Waters, Crowell, Elliott, Corcoran E Treboux, 2002), podendo ajudar a criança a compreender e tomar

previdências uma vez que as crianças internalizam as práticas sociais vivenciadas (Bowlby, 1969), deste modo a função de vinculação é o mecanismo através do qual a criança aprende sobre si mesmo e sobre mundo social (Shaw & Dallos, 2005). Neste contexto, as amizades importantes para a pessoa e as vivências amorosas ao longo da vida fornecem possibilidades de rever os modelos mentais de si e dos outros construídos na infância (Hazan & Shaver, 1987).

Segundo Bartholomew e Horowitz (1991), no que concerne aos modelos do *self* (de si) (dependência) em relação com os modelos do outro (evitamento), se tiverem apreciação de valência positiva em ambos então o indivíduo terá estilo de vinculação “segura”, se nos mesmos os indivíduos tiverem apreciação de valência negativa então o mesmo terá estilo de vinculação “receoso/evitante”, se o indivíduo tiver uma apreciação de valência positiva no que se refere ao modelo do self e uma de valência negativa relativamente ao modelo do outro o indivíduo terá estilo de vinculação “desligado”, diz respeito à apreciação de valência negativa ao modelo do self e apreciação de valência positiva no modelo do outro o indivíduo “preocupado/ansioso” (Anexo 7). No estudo de Collins e Read (1990), estes diferenciaram as pessoas ansiosas em dois grupos, o dos ansiosos-seguros, no qual os participantes estavam ansiosos, mas confortáveis com a proximidade, e o dos ansiosos-evitantes, no qual os sujeitos estavam ansiosos e desconfortáveis com a proximidade. Em 1991, Bartholomew e Horowitz, propuseram quatro estilos de vinculação para a adultez, estes foram definidos através da combinação entre a auto-imagem que a pessoa tem com a imagem do outro, sejam elas de valência positiva ou negativa em ambas as categorias, estas combinações foram baseadas na teoria de Bowlby (1973, 1980) referentes aos modelos interno de si mesmo e do outro.

No que concerne ao estilo de vinculação “segura” esta está direcionada para caracterizar sujeitos que se sintam confortáveis com a intimidade e com a autonomia, tem boa auto-estima, auto-confiança e uma dependência saudável relativamente ao outro, tendo um conforto em relação a si mesmo; no que concerne à vinculação evitante, refere-se a um desconforto que o adulto tem com a intimidade, desconfia dos outros, têm uma necessidade de ser independentes e têm dificuldade nas relações (Muller, 2009); relativamente ao estilo de vinculação “receoso/evitante” este caracteriza o sujeito que apesar de necessitar de relações de intimidade tem receio de ligação/vínculo e uma visão de si e dos outros de valência negativa, é evitante em relação à intimidade e ao social, deste modo sente-se desconfortável com a proximidade emocional, é-lhe penoso confiar e depender de terceiros, demonstrando emoções de vulnerabilidade inapropriados; no estilo de vinculação “desligado” o sujeito nega a existência de vínculo confiando apenas em si mesmo, desconfiando de terceiros, não tem

qualquer necessidade de intimidade sentindo-se confortável com o mesmo, tem oposição à dependência onde não quer estar sujeito a ninguém nem que dependam dele, sendo deste modo crucial para este sujeito a sua independência e auto-suficiência; finalmente os sujeitos que apresentam o estilo de vinculação “preocupado/ansioso” têm como características sentirem-se desconfortáveis se não tiverem numa relação íntima, necessitam de estar emocionalmente ligados a terceiros, apresentam emoções de vulnerabilidade e não se adequam socialmente, neste sentido o sujeito tem um sistema de regulação influenciado pelos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os sujeitos com estilo de vinculação seguro tendem a ter perspectivas de valência emocional positivas sobre o mundo, enquanto que os de estilo evitante e ansioso têm propensão para ter perspectivas de valência emocional negativas e apresentam desconfiança dos outros (Collins & Read, 1990). Foi denotado, que a frequência dos três estilos de vinculação são equivalentes na idade adulta como na idade infantil, no estudo de Hazan e Shaver (1987) e estes referem que a diferença entre o estilo de vinculação “segura” da “esquiva” é que os últimos fazem descrições de valência positiva acerca do relacionamento parental mas também aludem a elementos de valência negativa no mesmo.

A Teoria da Vinculação segundo Paiva e Figueiredo (2003), refere, que é na idade infantil que são elaborados modelos internos dinâmicos através das experiências e padrões de interacção vivenciadas durante a mesma, que por sua vez vão ter impacto no padrão de comportamento da pessoa; deste modo, as crianças podem construir organizações cognitivas desadaptativas devido à elaboração de crenças, emoções e memórias sobre si e sobre a segurança no mundo envolvente devido a condições desfavoráveis, como trauma, testemunho de violência doméstica (Seeds & Dozois, 2010). Quando existe uma relação saudável na infância com os progenitores são mais propensos a ter padrões de relacionamento de intimidade saudáveis no futuro (Del Toro, 2012). Assim, segundo a Teoria da Aprendizagem Social, os modelos parentais têm influência nas aprendizagens referentes ao comportamento para as futuras relações de intimidade, deste modo, vão adquirir conhecimento dos papéis de género e se tiverem contacto com a violência vão reproduzi-la nas suas relações (Jackson, 1999), tal como segundo Callahan, Tolman e Saunders (2003), referem se o indivíduo sofreu de violência no namoro na adolescência, pode aumentar a probabilidade da continuação ou a de ser vítima da mesma na idade adulta, passando para a violência no contexto familiar (violência doméstica). A aceitação da prática de violência por parte dos pares é um factor para a sua perpetuação (Jackson, 1999); para além da família, apoiando deste modo, a teoria da aprendizagem social (Seeds & Dozois, 2010).

Os estilos de vinculação fornecem ao indivíduo uma forma de desenvolver o funcionamento socio emocional na infância e na idade adulta, incluindo os estilos comportamentais dos relacionamentos íntimos, através destes procedimentos de vinculação pode-se ter uma visão da saúde mental e a reação adaptativa do sujeito (Schuengel, Schipper, Sterkenburg & Kef, 2013).

Vinculação adulta

Segundo Bowlby (1980), se houver desenvolvimento saudável de vinculação, existe a criação de laços afectivos, que se origina e começa na relação progenitores e filhos, e a posteriori entre adulto e adulto, deste modo a vinculação está presente durante toda a vida do indivíduo é activada quando necessária.

As dimensões do estilo de vinculação segundo Collins e Read (1990), têm influências na escolha do/a companheiro/a, estas são fulcrais na organização de comportamentos, percepções e expectativas relacionadas com as relações amorosas (Collins & Read, 1990). Ambos os pais são cruciais na contribuição da construção de crenças, porém, o pai do género oposto ao indivíduo desempenha um papel especial na construção de um modelo de convicções e expectativas centrais heterossexuais (Collins & Read, 1990).

Existe uma continuidade dos estilos vinculativos da infância (Honari & Saremi, 2015), deste modo segundo Bowlby (1980) as relações de vinculação são importantes para toda a vida; uma vez que estas são utilizadas nos relacionamentos de intimidade na idade adulta (Honari & Saremi, 2015). As representações internas de experiências de vinculação levam a diferenças individuais no desenvolvimento da personalidade, também diferentes respostas comportamentais e emocionais no contexto da interacção com as figuras vinculativas (Bowlby, 1973). A teoria da vinculação referente ao amor sugere que este é um processo biológico e social, sendo o amor um processo de vinculação (Hazan & Shaver, 1987).

Vinculação e Relações Amorosas

Para Hazan e Shaver (1987) a vinculação nos relacionamentos amorosos adultos é equiparável e é influenciada pela ligação precoce. Sendo assim, é essencial incluir a avaliação dos estilos de vinculação nos relacionamentos com violência (Karakurt, Keilley & Posada, 2013), uma vez que estudos do desenvolvimento infantil sugerem que várias formas de maus tratos são preditores de problemáticas na vida adulta (Muller, Thornback & Bedi, 2012), sendo que Bowlby (1973, 1980) mencionou que o sistema de vinculação do funcionamento auto e dos outros nos modelos internos, desenvolvem-se na interacção inicial com as figuras cuidadoras, vão organizar o sujeito ao longo da sua vida a nível cognitivo, emocional e

comportamental. Collins e Read (1990), referem que situações de valência emocional durante a infância, têm impacto na natureza e na qualidade das relações amorosas na idade adulta; uma vez que as relações amorosas são compostas por processos vinculativos que têm semelhanças à vinculação na infância (Hazan & Shaver, 1987). Conclui-se neste âmbito que o estilo de vinculação tem influência na forma como na idade adulta o sujeito vivencia as suas relações de namoro (Portela, 2015).

Cada elemento do relacionamento deve ter funções para com o outro, se o/a parceiro/a se tornar uma figura vinculativa, onde existe contínua proximidade, prestação de cuidado segurança física e emocional, são uma fonte de apoio e conforto, sendo assim uma base segura onde cada elemento do casal pode explorar e apreender sobre o mundo, desenvolver as suas próprias capacidades e personalidade, com todas estas características os membros da relação tornam-se uma fonte de segurança de vinculação (Bowlby, 1969).

Segundo Carvalho (2013), refere o ditado popular português “os opostos atraem-se” não é o que os sujeitos procuram para os seus parceiros, estes procuram alguém idêntico a si mesmos, uma vez que as características podem ter um peso significativo para a satisfação conjugal, demonstrando que a existência das diferenças de personalidade afectam os conjugues. Esta procura de semelhanças é comprovada no estudo de Collins e Read (1990), onde refere que adultos que tenham estilo de vinculação “segura” tendem a juntar-se com parceiros com estilo de vinculação “seguros”, sendo o mesmo procedimento encontrado nos estilos de vinculação “inseguro” e “ambivalente”, confirmando ainda assim as expectativas subsequentes dos seus “modelos internos dinâmicos” referenciados por Paiva e Figueiredo (2003).

Foram relacionados os três estilos de vinculação com a forma como os elementos da relação amorosa vivenciam a mesma, os autores aludem que elementos que tenham o estilo de vinculação “segura” referem que experienciam o amor como sendo amigável, alegre, confiante (Hazan & Shaver, 1987). Os elementos de relacionamentos com estilo de vinculação seguro, caracterizaram as suas relações como felicidade e confiança, por outro lado os elementos ansiosos que se encontravam em relacionamentos descreveram as suas relações como tendo altos e baixos emocionais (Collins & Read, 1990); referente ao estilo de vinculação “evitante” os elementos demonstram que têm medo da proximidade; no que concerne ao estilo de vinculação “ansioso/ambivalente” os elementos da relação íntima aludem a existência de ciúme, desejo de reciprocidade e a existência de oscilações emocionais, comprovando deste modo que existem diferenças do tipo de experiências nas relações íntimas consoante o estilo de vinculação que apresenta (Hazan & Shaver, 1987). Foi

obtida no estudo, maior ocorrência de solidão, como experiência relacional nos sujeitos com estilo de vinculação “insegura”, do que nos elementos com estilo de vinculação “segura” (Hazan & Shaver, 1987). No que concerne aos grupos de estilo de vinculação “insegura” observou-se que relataram vivências e crenças de valência mais negativa relativamente ao amor, tendo relacionamentos amorosos de mais curta duração e aludiam a referências menos favoráveis nos mesmos com os progenitores, comparativamente ao grupo de estilo de vinculação “segura” (Hazan & Shaver, 1987).

Os diferentes estilos de vinculação diferem a forma como os adultos experienciam o amor. Deste modo, os estilos de vinculação têm implicações no comportamento nos relacionamentos, como na qualidade dos mesmos e na escolha de parceiros amorosos (Collins & Read, 1990).

A satisfação dos elementos numa relação íntima está dependente do estilo de vinculação do/a parceiro/a com quem tem o relacionamento. Como por exemplo, os indivíduos do género feminino têm tendência a estar menos satisfeitas aquando estão com um parceiro com estilo de vinculação *evitante*, uma vez que estes não dão importância à relação, por outro lado, os do género masculino tendem a ficar menos satisfeitos com uma parceira com estilo de vinculação *ansioso/ambivalente*, porque se sentem ameaçados pelos requisitos da companheira e elementos possessivos da mesma (Paiva & Figueiredo, 2003). Os relacionamentos são acontecimentos complexos nos quais são interferidos efeitos causais da personalidade de cada elemento do mesmo. Num relacionamento onde um dos elementos tem o estilo de vinculação *segura* e o outro elemento tem o estilo de vinculação *ansiosa/ambivalente*, o primeiro poderá na construção do relacionamento sentir e proceder de maneira *evitante/insegura* (Hazan & Shaver, 1987).

Os indivíduos que tenham modelos representacionais de estilo de vinculação *insegura* (Hazan & Shaver, 1987), irão perpetuar ao longo da vida e terão consequências futuras nas interações sociais (Shaw & Dallos, 2005), como por exemplo nas relações de intimidade na adultez (Hazan & Shaver, 1987), deste modo as diferenças individuais nos estilos de vinculação *inseguros* (ansiosas e de evitamento) que constroem os modelos do self e do Outro, das quais a auto-estima pode explicar as dificuldades passadas nos relacionamentos (Hepper & Carnelley, 2012).

Os relacionamentos de elementos de estilo de vinculação *segura* têm maior qualidade neste e menor nível de conflito que os restantes estilos (Lewis & Fremouw, 2001). Referente ao estilo de vinculação *preocupado* está associado a um baixo nível de qualidade do relacionamento, compromisso e estabilidade (Tarabulsy, et al., 2012), uma vez que segundo o

estudo de Stanton e Campbell (2013), os sujeitos que tenham o estilo de vinculação *inseguro* (ansioso ou evitante) têm reacções agudas psicológicas e fisiológicas a eventos de stress (ex. discussões).

A violência, segundo Fonagy (2003), faz parte do desenvolvimento normal no ser humano e a vinculação tem um papel importante para o controle da agressividade inata, se esta for *insegura* pode disputar a interrupção de uma aprendizagem adaptativa da violência como sobrevivência da criança. Em suma, pode-se assumir a existência da importância nesta temática, deste modo é crucial perceber melhor os elementos relacionados com os comportamentos violentos nos relacionamentos amorosos numa perspectiva holística, uma vez que o tipo de relação que cada indivíduo tem com as figuras cuidadoras durante a infância tem crucial importância no desenvolvimento de estratégias de vinculação e nas implicações na maturação das estruturas neuroanatômicas, estas que interferem significativamente nas interacções relacionais futuras incluindo as relações de intimidade (Paiva & Figueiredo, 2003).

Os estilos de vinculação, são esquemas para uma pessoa de expectativas relacionais, emocionais e comportamentais que resultaram da internalização de experiências de ligação e a elaboração de estratégias relacionadas com a regulação da pessoa (Fraley & Shaver, 2000; Shaver & Mikulincer, 2002).

Vinculação e violência

A teoria da vinculação é um factor crucial na integração para o conhecimento sobre a violência, uma vez que, abrange características interpessoais e de desenvolvimento (Ogilvie, Newman, Todd & Peck, 2014).

As investigações, realizadas no âmbito da criminologia, apoiam que a inexistência de práticas parentais afectivas é um crucial factor precipitante da violência no namoro juvenil (Caridade & Machado, 2012). Deste modo, Paiva e Figueiredo (2003) aludiram a importância do tipo de relação interpessoal com os cuidadores durante a infância, para a estruturação de estratégias de vinculação e para o envolvimento no desenvolvimento do indivíduo, que vão ser influencia para as futuras interacções relacionais, particularmente na idade adulta aquando se estabelecem relações de intimidade. Neste sentido, relações violentas durante a idade infantil associa-se a padrões de vinculação “insegura”, estando relacionado com possível surgimento de psicopatologias na adultez, que repetem esses acontecimentos ao longo da vida sobretudo com o/a parceiro/a do seu relacionamento íntimo (Paiva & Figueiredo, 2003), uma vez que os modelos de relacionamento e os modelos de resolução de conflitos são

apreendidos nas relações familiares desde a infância, o que proporciona a compreensão e a aceitação da agressão como inerente às relações, ignorando-as vai contribuir para o ciclo da violência na próxima geração (Aldrighi, 2004; Jewkes, 2002). A aprendizagem social da violência e a possibilidade da transmissão intergeracional, têm um papel sobre a temática da mesma, neste sentido é crucial os contextos precoces de socialização familiar e de influências dos pares no comportamento agressivo (Caridade & Machado, 2012), assim a prevenção da violência doméstica está na infância (Staggs & Schewe, 2011).

Na adultez, a contiguidade das figuras de vinculação, particularmente com o/a parceiro/a, pode ser um factor organizador do comportamento do sujeito, sendo as relações interpessoais íntimas de valência positiva para o sujeito o que trará benefícios para os envolvidos; por outro lado, se houver disfunção nessas relações poderá ter doenças como resultante desta, por constituir uma procedência stressora que põe em causa as estratégias do sujeito (Paiva & Figueiredo, 2003).

Os motivos para que exista violência no contexto das relações de intimidade com o conjugue são diversos, deste modo será pertinente estudar os aspectos pela teoria da vinculação (Paiva & Figueiredo, 2003), uma vez que influenciam a qualidade da relação íntima e o grau de segurança/ansiedade (Santos, 2013).

Esquemas desadaptativos precoces

Segundo Cabral (2015), os esquemas desadaptativos precoces têm uma crucial função na evolução, manutenção e término das relações de namoro; sendo pertinente o estudo dos mesmos nas relações onde estejam presentes a violência.

Os esquemas são crenças através das quais o indivíduo percepção as suas experiências, como este percebe o mundo exterior (Anmuth, 2011; Boscardin & Kristansen, 2011); permitindo ao sujeito avaliar de uma maneira mais eficiente as suas vivências (Beck et al., 1979). Estes resumos são constituídos por modelos esquemáticos, os quais são apreendidos através das experiencias iniciais de cada indivíduo e através de crenças sobre situações que activam e confirmam o esquema (Beck et al., 1979), manifestando-se por meio destas sobre si, os outros e sobre o meio, manifestando-se ainda através de pensamentos automáticos (Anmuth, 2011). Cognações em qualquer destes três níveis têm a aptidão de se tornarem globais, rígidas e generalizadas o que por consequência resultará na disfunção e construção de pensamentos erróneos (Anmuth, 2011).

Os processos cognitivos medeiam o comportamento da pessoa, constroem mecanismos de interpretação, ponderação e de resposta a determinado evento, através de experiências vivenciadas no presente e no passado e através dos seus esquemas (Benett, Farrington & Huesmann, 2005).

Segundo Bowlby (1969, 1973, 1980), os modelos cognitivos (esquemas) são representações dinâmicas que podem ser modificados em resposta a novas situações e pode elaborar uma previsão de possíveis resultados de determinados acontecimentos. Estes modelos permitem elaborar previsão de acontecimentos e planejar respostas aos mesmos, permite a preparação emocional para determinados resultados, e ainda a interpretação e explicação do mundo, para que o ser humano tenha capacidade de compreender o que o envolve (Collins & Read, 1990), segundo Anmuth (2011), os esquemas desadaptativos de uma pessoa, para a teoria cognitiva, pode influenciar as percepções que apoiam as crenças de valência emocional negativa.

A formação de representações internas é um processo bidirecional, neste as pessoas internalizam as suas vivências com os outros, construindo as relações no futuro (Bowlby, 1973), apoiado pelos autores Silva, Rodrigues, Carvalho e Lourenço (2005), que mencionam que as crenças pessoais são construídas através de interações com o meio envolvente, estas possibilitam ao sujeito perceber o mundo que o rodeia através do seu ponto de vista e dos outros com quem interage, por isso para Wagner, Falcke e Meza (1997), o contexto familiar é fundamental para a construção da opinião, onde o indivíduo tem as suas primeiras experiências pessoais; no entanto, a sociedade onde este está inserido também influência nessa construção (Bertoldo & Barbará, 2006).

No estudo de Seeds e Dozois (2010), aludem que a estrutura cognitiva pode ser um factor de vulnerabilidade relativamente estável, que interage com eventos de valência emocional negativa da pessoa, uma vez que os eventos importantes da sua vida podem activar os esquemas construídos precocemente, activando emoções, crenças e memórias associadas aos mesmos (Riskind & Alloy, 2006), no estudo de Anmuth (2011) foram identificados dois tipos de ocorrência de vida de valência emocional negativos, acontecimentos interpessoais e de realização stressantes. Deste modo, segundo Beck (1983), para as pessoas com esquemas que dão mais valência emocional aos relacionamentos e aos domínios interpessoais, a rejeição pode ser devastadora.

Em conclusão, os esquemas são estruturas organizadoras, que atribuem sentido às experiências vivenciadas pelo sujeito, provendo processos úteis de descoberta e resolução de problemas. Por outro lado, podem ser consideradas esquemas desadaptativos, ou seja, como

categorias disfuncionais, se forem constantemente alteráveis ou inflexíveis, sendo estes resultantes de padrões repetidos de interações com os diferentes elementos relacionais, família e pares. Os esquemas são dimensionais, ou seja, têm diferentes níveis de inflexibilidade e de predominância, neste sentido, quanto maior for a rigidez do esquema maior será o número de situações que podem activar o mesmo (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Para Young, Klosko e Weishaar (2003), existem seis domínios hierárquicos de esquemas, constituídos por dezasseis esquemas precoces desadaptativos.

O *Domínio de Instabilidade e Separação* que consiste, na expectativa negativa que o indivíduo tem no que concerne às funções que as relações têm referentes ao apoio, estabilidade e segurança, o que influencia a construção adaptada de vínculos em relação como os outros, considerando-se não ser apto permitem-lhe retificar as suas carências de segurança, cuidado, estabilidade e afecto (Cláudio, 2009). Este domínio é constituído por 3 esquemas precoces desadaptativos, o *Abandono* o qual concerne a instabilidade percebida ou a falta de fiabilidade, nos recursos disponíveis, para obter o apoio e suporte das figuras significantes por parte do indivíduo, uma vez que consideram estas figuras incapazes de o fazerem e tendo a possibilidade de morrerem ou de o abandonar; o da *Privação Emocional*, onde o sujeito acredita que é impossível obter as suas necessidades emocionais; o da *Desconfiança* é aquele que se refere à desconfiança que a pessoa tem nos outros devido à constante suspeita que os outros iriam de algum modo mal tratá-lo, manipulá-lo ou causar-lhe dano (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Relativamente ao *Domínio da Redução da Autonomia*, este direcciona-se às expectativas que a pessoa tem perante as aquisições do seu processo autonómico, alteração na avaliação das suas aptidões e expectativas relacionadas com desempenho e solitações externas. Ainda, se relaciona com a existência de uma grande dificuldade em estabelecer objectivos e em assumir atitudes que possibilitam os processos de individualização no exterior do contexto familiar. Este domínio incorpora 3 esquemas desadaptativos, o da *Dependência Funcional*, o qual remete para a pessoa acreditar na incapacidade de se adaptar ao seu quotidiano; o da *Vulnerabilidade ao Prejuízo ou Doença*, o qual se relaciona com o medo hipervalorizado de que haja uma catástrofe; o da *Dependência Emocional*, neste esquema o indivíduo sente que só poderia sentir-se bem e sobreviver se tiver um envolvimento emocional excessivo (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

O *Domínio da Indesejabilidade* diz respeito a que a pessoa se considere indesejável em todos os parâmetros (Young, Klosko & Weishaar, 2003), os esquemas desadaptativos que o

integram são o da *Deficiência*, que consiste na consideração que a pessoa tem relativamente à impossibilidade de alguém o amar devido a uma deficiência interna que tem o do *Isolamento Social*, o qual se relaciona com o acreditar que tem características corporais que afastam os outros de si; e o do *Falhanço da Realização*, este esquema refere-se à consideração que o sujeito tem de si, de não conseguir realizar qualquer tipo de tarefas, falando uma vez que se considera inferior aos outros (Cláudio, 2009).

O *Domínio da Auto-restrição*, está relacionado com a imposição rígida de regras de controlo e inibição elevada da expressão de afectos, o que impossibilita a si mesma a obtenção de prazer, neste estão incorporados 2 esquemas, o da *Subjugação* que concerne em colocar os seus quereres e desejos em segundo lugar em detrimento aos dos outros; e o da *Inibição Emocional*, esta diz respeito à crença que o sujeito tem, se demonstrar as suas emoções causaria dano e mau estar aos outros (Cláudio, 2009).

O *Domínio Redução da Gratificação*, está relacionado com a hipervalorização dos factores direccionados para o dever, em comparação com acontecimentos referentes ao prazer e outros de maior valência emocional positiva para os mesmos que os secundariza. Desta forma, a pessoa tem a crença, de que se inibir aquilo que necessita e o que é, vai adquirir o amor do outro e evitar a discórdia. Os esquemas desadaptativos que o constituem são o do *Auto-Sacrifício*, que remete para as convicções que o sujeito tem sobre o dever de cuidar dos outros de forma enaltecida (Cláudio, 2009), colocando a sua própria gratificação em segundo lugar (Young, Klosko & Weishaar, 2003); o do *Padrão Rígido*, neste, o indivíduo acredita que deve atingir padrões de funcionamento inalcançáveis; e por fim o do *Negativismo*, o qual diz respeito às crenças de que é inevitável desviar-se os aspetos de valência emocional negativa da vida (Cláudio, 2009), tendo deste modo, expectativas hipervalorizadas no que concerne a estes mesmos aspectos, menosprezando ou negligenciando os de valência positiva da vida (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Por último, o *Domínio da Redução dos Limites*, está relacionado com as dificuldades que o indivíduo tem ao nível dos limites da relação com os outros, no controlo das emoções e na autodisciplina. Nomeadamente, dificuldade em ter um relacionamento adaptado com os outros, devido ao facto da ausência de limites internos que dificultavam o Auto-controlo e a resistência à frustração; este consiste em dois esquemas desadaptativos, o de *Ignorar o Direito do Outro*, que diz respeito à pessoa realizar uma acção sem ter em consideração os outros; e o do *Défice de Auto-Controlo*, concerne na crença do indivíduo em que poderia retrair a relevância ao controlo da expressão emocional e à autodisciplina (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

Esquemas desadaptativos precoces e Vinculação

Para os autores Collins e Read (1990), os estilos de vinculação na infância, originam crenças cruciais para o indivíduo sobre o seu self e o mundo que o envolve, que vão ter influência nas relações na adultez. Através da interacção continuada com as figuras vinculativas, a criança constrói esquemas internos, compostos por crenças, expectativas, percepções e comportamentos, referentes às situações (Bowlby, 1973). Deste modo, os modelos de funcionamento internos (esquemas) dão continuidade ao estilo de vinculação ao longo da vida da pessoa, tendo crucial importância na compreensão dos relacionamentos de namoro, uma vez que os estilos de vinculação estão relacionados com as crenças sobre si próprio e sobre as relações sociais (Collins & Read, 1990).

Estes modelos de funcionamento internos (esquemas) das figuras de vinculação e do self, ao estarem estruturados, fazem com que as novas experiências sejam associadas aos mesmos, tendendo a resistir à mudança (Bowlby, 1980), apesar que, determinados comportamentos regidos pelos padrões de vinculação, podem ser modificados ao longo da vida (Bretherton, 1985).

Relativamente aos estilos de vinculação e esquemas estes são construídos no âmbito do sistema de controlo de motivação-comportamental, sendo que este elabora as expectativas que a pessoa tem referente ao meio envolvente. Este sistema é adaptável às situações, pode alterar-se consoante a avaliação cognitiva do comportamento for de valência emocional positiva ou negativa, tendo que ser significativa (Bretherton, 1985).

No estudo de Bosmans, Braet e Van Vlierberghe (2010), existe uma associação entre estilos de vinculação e todos os domínios dos esquemas desadaptativos precoces, dos quais o estilo de vinculação evitante e ansioso estão associados a cinco domínios do esquema cognitivo de Young. Estes autores, viram que as dimensões Instabilidade e Separação e o da Auto-Restrição estão associadas ao estilo de vinculação ansioso, e que os domínios Instabilidade e Separação e o da Redução de Autonomia estão com o estilo de vinculação de evitamento. Neste sentido, o domínio cognitivo Instabilidade e Separação estão associados aos estilos de vinculação ansioso e de evitamento, o que confirma que o estilo de vinculação inseguro reflecte nos domínios de esquemas cognitivos associados a vivências de rejeição, estando o estilo de vinculação ansioso relacionado a crenças de abordagem submissa (esquema do domínio da Auto-restrição) (Bosmans, Braet & Van Vlierberghe, 2010).

Deste modo, os esquemas desadaptativos estão relacionados com o estilo de vinculação inseguro, e os estilos de vinculação com psicopatologia segundo o estudo de Bosmans, Braet e Van Vlierberghe (2010).

Esquemas desadaptativos precoces, Vinculação e Relações de Namoro

Os diferentes estilos de vinculação estão relacionados com diferentes padrões de crenças (esquemas) sobre si e sobre os outros. Neste âmbito os indivíduos, de estilo de vinculação *seguro* adquire crenças de valência emocional positiva sobre o mundo, ao contrário do estilo de vinculação *ansioso* os quais adquirem certezas de valência emocional negativa de si e dos outros, os primeiros têm como características relacionais o seguro e confortável, um estilo de amor mais romântico e menos racional, enquanto que, no último as relações são associadas a um estilo dependente/obsessivo, tendo importância nos relacionamentos de namoro adulto (Collins & Read, 1990). Assim, o estilo de vinculação poderá ser uma ligação entre as vivências dos elementos de uma relação e a construção de esquemas (Chorpita & Barlow, 1998).

As pessoas escolhem os seus parceiros consoante a confirmação de semelhanças em todas as dimensões de vinculação, crenças e sentimentos, e que confirmam as suas expectativas e necessidades (Collins & Read, 1990). Neste sentido, as pessoas possuem determinados esquemas de relacionamento, porém estes estão susceptíveis de possível adaptação em resposta ao estilo de comportamento do outro elemento da relação (Collins & Read, 1990), possível verificar no estudo de Hazan e Shaver (1987).

Esquemas desadaptativos precoces e Violência nas relações de Namoro

Segundo McCann e Pearlman (1990), quando os esquemas cognitivos são adaptáveis, as pessoas em situações adversas e de stress têm a capacidade de desenvolver estratégias para conseguirem lidar com as mesmas. Estes autores referem que esquemas cognitivos adaptáveis relacionados com a violência nos parceiros íntimos promovem a resiliência apesar de estarem a ser vítimas, por outro lado quando pessoas com esquemas desadaptativos sendo vítimas de violência tornam-se mais vulneráveis e a capacidade de lidar com a situação pode ser comprometida, deste modo as vítimas desenvolvem crenças de que são a razão por existir violência e por isso inevitável, não tendo estratégias pessoais adequadas para a resolução da problemática (Calvete, Corral & Estévez, 2007). Estas estratégias de lidar com situações adversas vão de encontro com o modelo de recursos de coping de Holahan, Moos, Holahan e Brennan (1997), onde estes relacionam os recursos pessoais e sociais da pessoa com a capacidade de aquisição de estratégias. Neste sentido, Calvete, Corral e Estévez (2007), aludiram que os esquemas cognitivos de cada pessoa, pode influenciar as respostas de lidar com a violência na relação, que podem contribuir para desajustes psicológicos da vítima.

Os indivíduos quando presenciaram violência na infância têm maior probabilidade de serem condescendentes à prática desta como forma de resolução de problemáticas durante a relação, devido aos esquemas que construíram sobre a temática (Lichter & McCloskey, 2004), e à desvalorização que atribuem ao comportamento da violência (Machado, Matos & Gonçalves, 2006).

Os esquemas em relações interpessoais, como a relação de namoro, são constituídos por crenças sobre ser necessário suprimir as próprias necessidades e emoções e dar controle aos outros (subjugação), de que é desadequado a comparação com os outros (falha), e que nas relações as necessidades da pessoa não serão atendidas (instabilidade e separação), desencadeia stress/ansiedades nas suas relações interpessoais (Eberhart, Auerbach, Bigda-Peyton & Abela, 2011). Deste modo, esquemas desadaptativos precoces estão relacionados com as necessidades emocionais básicas, estando assim ligados negativamente a capacidade de negociar, o que resulta em estratégias errôneas de resolução de conflitos e evidência de possibilidade destrutiva dos esquemas para o vínculo conjugal (Paim, Madalena & Falcke, 2012).

Segundo Tezel, Kislak e Boyan (2015), as experiências traumáticas e os estilos interpessoais são mediados pelos esquemas desadaptativos precoces, referem que o domínio Redução da Gratificação, predisseram significativamente estilos interpessoais agressivos e abusivos. A relação entre o abuso sexual e estilos interpessoais Evitante, Manipulador e Abusivo, é mediada por estes, tendo sido associados ao abuso físico e à negligência (Tezel, Kislak & Boyan, 2015). Enquanto que, no estudo de Calvete, Corral e Estévez (2007), a violência psicológica e a física estão positivamente associadas a dois domínios de esquemas cognitivos desadaptativos, Instabilidade-Separação e Redução de Autonomia. No que concerne aos esquemas desadaptativos precoces, para Paim, Madalena e Falcke (2012), existe correlação positiva e significativa entre os esquemas da desconfiança, do isolamento social, deficiência, dependência funcional, dependência emocional, auto-sacrifício, ignorar o direito do outro e défice de auto-controlo com o índice de perpetuação de violência conjugal, no que concerne ao índice de vitimização foi verificada o mesmo tipo de correlação com os esquemas desconfiança, dependência emocional, auto-sacrifício, padrão rígido, ignorar o direito do outro e défice de auto-controlo. Assim, estes autores concluíram que tanto para a vitimização e perpetuação da violência associam-se aos esquemas desconfiança, dependência emocional, auto-sacrifício, ignorar o direito do outro e défice de auto-controlo.

Esquemas desadaptativos precoces e Vinculação na Intervenção Psicoterapêutica nas Relações de Namoro com Violência

No que concerne às crenças da violência nas relações de namoro o seu conhecimento é crucial para a compreensão do comportamento exercido (Machado, Matos & Gonçalves, 2006), podendo contribuir para elaborar prevenções (Jackson, 1999) e intervenções nas mesmas (Calvete, Corral & Estevéz, 2007). Eberhart, Auerbach, Bigda-Peyton e Abela (2011), aludem que para ajudar as pessoas a perceber melhor os padrões de vulnerabilidades cognitivas podem influenciar o modo de lidar com o stress que vivenciam no quotidiano; uma vez que o estilo cognitivo negativo consegue prever a ocorrência de futuros eventos da vida com valência emocional negativos, sendo um gerador de stress, no qual a intervenção terapêutica pode focar-se na alteração desses padrões cognitivos, devido a esta vulnerabilidade cognitiva ter maior probabilidade de ocorrência de depressão (Safford, Alloy, Abramson & Crossfield, 2007).

As fases primordiais da intervenção psicoterapêutica, baseiam-se geralmente na activação comportamental, em que se identifica e se modifica os pensamentos automáticos e posteriormente realiza-se a diminuição de sintomas, no entanto, os esquemas são como anteriormente referido padrões cognitivos relativamente estáveis, crenças, que moldam as atitudes e comportamentos do sujeito. Neste âmbito, estes são componentes implícitos para o processamento de novas informações, deste modo, cruciais para a alteração comportamental, emocional e outras cognições, assim, fulcrais como componente da psicoterapia (Friedman, Thase & Wright, 2008). Como referido anteriormente, os esquemas desadaptativos precoces inibem o desenvolvimento de estratégias eficazes para lidar com a violência, deste modo, intervenções psicológicas devem abordar as crenças das vítimas relativamente ao isolamento, falta de apoio social percebido e negação (Calvete, Corral & Estevéz, 2007).

Apesar de cada elemento da relação ter um estilo de vinculação estável este pode ser adaptado em resposta ao do parceiro/a (Collins & Read, 1990). Neste contexto, Portela (2015), referiu que se pode diminuir os níveis de desconforto com a proximidade e aumentar os níveis de confiança nos outros das pessoas com estilo de vinculação ansiosa, que se pode alterar o padrão de vinculação do mesmo para mais seguro, e por consequência melhorar a relação de namoro do elemento, elevando os níveis de confiança do vínculo relacional.

Os esquemas precoces desadaptativos podem possibilitar a compreensão de informação de cognições desadaptativas implícitas aos estilos de vinculação, uma vez que estas podem ou não ser estáveis ao longo do tempo. Deste modo, os esquemas precoces desadaptativos são construídos com as figuras de vinculação, assim, um método de desenvolvimento de

estratégias psicoterapêuticas, uma vez que os modelos internos podem ser um método de mudança (Bosmans, Braet & Van Vlierberghe, 2010). Estes autores sugerem que o desenvolvimento de novos esquemas cognitivos relacionados com a vinculação e estratégias de mudança podem ter sucesso a nível terapêutico, através de novas capacidades de mentalização, de novas experiências e compreensão das interações negativas com a figura de vinculação.

Para além de ser importante conhecer mais sobre a violência no namoro para se realizar programas de prevenção, também é crucial para a sua intervenção, identificar sujeitos com risco de perpetuação de violência e intervir antes do acontecimento ou evitar o seu agravamento (Lewis & Fremouw, 2001).

Objectivo de Estudo e Hipóteses de Investigação

No nosso quotidiano pode-se observar diversas tipologias de violência e verifica-se que pode estar presente em atitudes que costumamos vulgarizar, podendo aumentar o seu grau e à posteriori a intervenção ser tardia. Deste modo, pretende-se compreender se os jovens adultos (universitários) têm a percepção da violência existente em seu redor, a violência exercida durante um relacionamento de namoro e como se poderia intervir com base no conhecimento nos estilos de vinculação e nos Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces, no tipo de violência executada.

H1: Os sujeitos tendem a escolher uma relação amorosa com companheiros que compartilhem do mesmo estilo de vinculação;

H2: Com a idade aumenta o número de comportamentos perpetuados do género feminino e não do género masculino

H3: O género feminino é mais vítima e o género masculino é mais perpetrador de violência (relações do presente e do passado);

H4: Os relacionamentos onde ambos os indivíduos têm o estilo de vinculação “Seguro” perpetuam menos violência do que nos relacionamentos “Inseguros” (“Amedrontados” e “Preocupados);

H5: Existe relação entre Violência e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces;

H6: Existe correlação positiva entre o tempo de namoro e a perpetuação de violência;

H7: Existe uma associação entre os estilos de vinculação e todos os domínios dos esquemas desadaptativos precoces;

Métodos

Caracterização da Amostra

A população a que se dirige esta investigação é a de casais de namorados heterossexuais, na população estudantil universitária, com idades compreendidas entre os 18 e os 35anos, na grande Lisboa. A mostra será não aleatória objectiva por conveniência, pois a amostragem irá ser obtida no grupo de casais heterossexuais e num intervalo de idades específico, sendo uma amostragem de especialistas por conveniência uma vez que é obtida numa determinada área que é a região da Grande Lisboa.

Neste sentido, obteve-se uma amostra de 27 casais (54 indivíduos), 50% da amostra era do género feminino e 50% do género masculino, tendo como idade mínima de 18 anos e máxima de 27 anos ($M=22,19$, $DP=0,5$). No que concerne à profissão, 63% é estudante do ensino superior, 14,8% é trabalhador-estudante e por fim, 22,2% é trabalhador, tendo sido obtido em estudantes de diversas Universidades (21). Esta amostra tem como Habilitações Literárias, 3,7% o 9ºano; 61,1% o 12ºano; 29,6% Bacharelato/Licenciatura; 5,6% Mestrado. Referente à Nacionalidade da amostra, 94,4% tem Nacionalidade portuguesa, 1,9% é Luso-Belga, 1,9% Luso-Ucraniano e por fim, 1,9% Luso-Suíço, tendo como Localidade de Residência, 85,2% reside no distrito de Lisboa, 13% no distrito de Setúbal e 1,9% no distrito de Santarém. Estes casais de namorados têm mínimo tempo de relação de 5 meses (0,42 anos) e de máximo 10 anos ($M=2,9$ anos; $DP=2,05$ anos)(Anexo 8).

A escolha da amostra baseou-se no facto de o abuso psicológico ser comum nas relações de namoro durante a vida universitária o, que pode contribuir para o surgimento de outras problemáticas ao nível da saúde mental, como a depressão, ansiedades e baixa auto-estima (Gormley & Lopez, 2010); sendo que o namoro é uma fase importante na evolução para uma relação mais íntima, tendo como objectivo futuramente uma vida conjugal (Almeida, 2008); a violência nas relações amorosas juvenis é um preditor para a violência matrimonial (Caridade & Machado, 2012), neste sentido, o estudo desta população é crucial para a compreensão, para a prevenção e intervenção na violência. O estudo de ambos os elementos do relacionamento, deve-se ao facto de em regra geral, os elementos da relação íntima definirem e interpretarem as situações amorosas de forma diferente, sendo deste modo importante para uma melhor compreensão desta temática o estudo de ambos os elementos da relação, podendo conseguir adquirir conhecimento das percepções e atitudes do outro elemento (Caridade & Machado, 2012).

Instrumentos

O presente estudo tem como instrumentos de investigação, o *Inventário de Violência Conjugal (I.V.C)*, o *Inventário de Depressão de Beck (BDI)*; a *Escala de Vinculação do Adulto (EVA)*; o *Inventário de Ansiedade Estado e Traço (STAI Forma Y-1, Forma Y-2)*; o *Inventário de Problemas Interpessoais (IPP-64)*; o *Questionário de Esquemas de Young (YSQ)*, *Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)* e a *Nova Escala Multi-Dimensional da Depressão (NEMD)*, tendo estes sido incorporados no protocolo juntamente com o Consentimento Informado e com o Questionário Sociodemográfico.

O *Consentimento Informado*, é um documento onde se descreve sucintamente e de forma clara a temática da investigação, o tempo aproximado da participação no estudo, assegura a confidencialidade e o anonimato do participante e possibilita a escolha de o sujeito participar voluntariamente no estudo, dando a conhecer que este pode desistir de participar durante a realização da investigação (Código Deontológico, 2011) (Anexo 9).

No que concerne ao *Questionário Sociodemográfico*, este remete-nos para a obtenção de informações da amostra em estudo, com o objectivo de realizar a caracterização da mesma, este está dividido em três sectores, o primeiro direcciona-se mais para o participante em si, género, idade, habilitações literárias, universidade/local de emprego, nacionalidade e local de residência, o segundo remete para a obtenção acerca da durabilidade da relação de namoro em que se encontra e por fim, o terceiro sector tem como finalidade a obtenção de informação direccionada para o processo psicoterapêutico e á medicação psicofarmacológica (Anexo 10).

Relativamente ao *Inventário de Violência Conjugal (IVC)*, elaborado por Machado, Matos e Gonçalves em 2000, foi aplicado com o objectivo de identificar a vitimização e/ou perpetração de comportamentos abusivos na relação de namoro. Este instrumento é constituído por 21 itens, os quais se referem a comportamentos físicos, emocionais, de coerção/intimidação e sexual abusivo. Este é composto por dois momentos, a parte A refere-se aos comportamentos que adaptaram no último ano na sua relação amorosa actual, enquanto que a parte B foca-se nos comportamentos nas relações de namoro passadas. Nestas partes é pedido ao participante que refira se o acontecimento foi exercido uma única vez ou mais vezes, se este tiver sido assinalado com um comportamento adotado no relacionamento. Estas duas partes subdividem-se na Auto-avaliação, opção de resposta (a), e na Hetero-avaliação, opção de resposta (b). Segundo o manual adquirido desta escala, e sem mais informações, os dois domínios da violência estudada para a escala são o domínio da Violência Física (itens 1, 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12,13, 15, 16, 17, 18) e o domínio da Violência Emocional (itens 2, 6, 7, 9, 14, 19, 20). No que concerne à cotação do instrumento, os participantes que admitam ter

perpetuado pelo menos um dos comportamentos apresentados serão categorizados como maltratantes (Machado, Gonçalves, & Matos, 2015) (Anexo 11).

O *Inventário de Depressão de Beck* (BDI), é constituído por 21 itens, tendo 4 afirmações cada, as quais remetem para o modo como o participante se sentiu na última semana, sendo a cotação de 0 (sentimentos ou atitudes inexistentes) a 3 (sentimento ou atitude grave) (Cláudio, 2004), sobre sintomas e atitudes do sujeito, como a tristeza, pessimismo, culpa, falta de satisfação, sentimento de fracasso, irritação, retração social, indecisão, distúrbios do sono, fatigabilidade, perda de apetite, perda de peso, preocupação somática e perda de libido (Cheik, et al., 2003). Relativamente à cotação, o somatório dos valores varia entre 0 e 63, sendo que Beck e Beamesderfer (1974) interpretaram os valores, estes referem que os sujeitos que obtinham resultado superior a 4 valores tinham depressão ligeira, os indivíduos que tinham obtido valores entre 14 e 20 tinham depressão média, os sujeitos que obtinham como resultado superior a 21 valores tinham depressão severa. O instrumento BDI foi desenvolvido pelos autores Beck, Ward, Mendelson, Mock e Erbought (1961), tendo sido adaptado para a população portuguesa (não publicado) por Cláudio em 1990 (Cláudio, 2004) (Anexo 12).

No que concerne à *Escala de Vinculação do Adulto*, desenvolvida por Collins e Read (1990), designada como *Adult Attachment Scale*, foi adaptada e validada para a população portuguesa por Canavarro, Dias e Lima (2006), a qual designaram por EVA, sendo deste modo possível a aplicação sua aplicação. Esta escala é constituída por 18 itens, que avalia três dimensões a de *Ansiedade* (vinculação ansiosa – itens 3, 4, 9, 10, 11, 15), o grau no qual o sujeito se encontra preocupado com a possibilidade de ser rejeitado ou abandonado; *Conforto com a Proximidade* (vinculação segura – itens 1, 6, 8, 12, 13, 14) que avalia o modo como o sujeito se sente confortável ao relacionar-se intimamente e estabelecer relações próximas; e *Segurança nos Outros* (vinculação evitante – itens 2, 5, 7, 16, 17, 18), avalia o modo que o sujeito vivência a necessidade de depender de outrem, sendo necessário ter em atenção aos itens invertidos para uma análise correta das mesmas (itens 2, 7, 8, 13, 16, 17, 18) (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Neste estudo vamos adoptar os 4 protótipos de Bartholomew (1990), que segundo o estudo de Canavarro, Dias e Lima (2006), juntou-se as *dimensões Confiança nos Outros e Conforto com a Proximidade*, originando *Conforto-Confiança* (soma dos valores médios das duas dimensões), deste modo classificava-se como vinculação “*Segura*”. Os participantes que obtinham valores superiores ao valor médio da escala (3) na variável *Conforto- Confiança* e valores inferiores ao valor médio na variável *Ansiedade*; determina-se como vinculação “*Preocupado*”, os participantes que obtenham valores superiores a 3 na

variável *Conforto-Confiança* e na variável *Ansiedade*; os participantes que eram classificados como “*Desligados*”, obtinham valores inferiores a 3 nas variáveis *Conforto-Confiança* e na variável *Ansiedade*; por último designava-se como vinculação “*Amedrontados*”, os participantes que obtinham valores inferiores a 3 na variável *Conforto-Confiança* e superior a 3 na variável *Ansiedade* (Anexo 13).

Relativamente ao *Inventário de Ansiedade Estado e Traço*, este consiste num inventário de Auto-avaliação, dividida em duas subescalas, a primeira (Forma Y -1) consiste na avaliação do nível de ansiedade de estado a partir da questão “*Como se sente neste momento/ como se sente agora?*”, e a segunda (Forma Y-2) tem o objectivo de avaliar a ansiedade traço, a partir da questão “*Como se sente habitualmente?*” (Cláudio, 2004; Silva & Campos, 1988). A ansiedade estado refere-se ao nível desencadeado por um determinado acontecimento num momento específico, por outro lado, a ansiedade traço relaciona-se com o modo como o indivíduo avalia acontecimentos que passa (Cláudio, 2009). Estas subescalas são constituídas por 20 itens cada, as respostas são obtidas através de uma escala de Likert, de 1 (“Nada”) a 4 (“Muito”), no que concerne aos itens invertidos os itens 1, 2, 5, 8, 11, 15, 16, 19 e 20 estão presentes na subescala Y-1, e os itens invertidos 21, 23, 26, 27, 30, 33, 34, 36 e 39 estão presentes na subescala Y-2. No que se refere à cotação, cada subescala no seu somatório obtém no mínimo 20 valores e 80 de máximo, sendo que quanto maior for a pontuação maior é a ansiedade da pessoa, no qual os sujeitos que apresentem valores entre o 0-30 são considerados com um nível baixo de ansiedade, entre os 31-49 são considerados como tendo nível moderado de ansiedade e por fim, igual ou superior a 50, apresentam ter elevado nível de ansiedade (Rosinha, et al., 2008). Este Inventário foi desenvolvido por Spriemberger em 1983, aferido para a população portuguesa por Silva e Campos em 1987 e 1988 (Silva & Campos, 1988) (Anexo 14).

O *Inventário de Problemas Interpessoais*, tem como objectivo avaliar as causas do sofrimento interpessoal, identificando padrões nas relações de interacção interpessoal do sujeito (Horowitz, Rosenberg & Bartholomeu, 1993), podendo este verificar a presença ou ausência de distúrbios da personalidade, através da presença ou não de problemas interpessoais (Chiclana & María, 2013). Este, é constituído por 64 itens, referentes a problemas no relacionamento com os outros, composto por dois grupos, o primeiro refere-se a aspectos que o participante considera difíceis de fazer com as outras pessoas (“*É difícil para mim*”) (itens 1 a 39) onde avalia as Insuficiências ou inibições interpessoais, e o segundo diz respeito aos aspetos que o participante faz em demasia (“*Segue-se os aspectos que faz em demasia*”) (itens 40 ao 54) no que concerne a excessos ou compulsões (Locke, 2005). Este é

agrupado em 8 subescalas, a Autoritário/Controlador que avalia se o indivíduo controlador ou manipulador nas relações interpessoais (itens 17, 31, 44, 45, 50, 52, 57 e 59), Vingativo/Egocêntrico no qual o sujeito apresenta-se hostil e egocêntrico nas interações com os outros (itens 1, 22, 24, 29, 32, 40, 56 e 64), Frio/Distante sendo uma pessoa que demonstra pouca ligação e evita os outros (itens 11, 15, 16, 20, 23, 27, 36 e 60), Socialmente Inibido tendo o indivíduo como característica ansioso nas relações, evitando-as (itens 3, 7, 14, 18, 33, 35, 55 e 62), Não Assertivo o que concerne num sujeito que tem dificuldade em ser assertivo e expressar as suas necessidades (itens 5, 6, 8, 9, 12, 13, 19 e 39), Excessivamente Acomodado remete a pessoas que sejam submissos e fáceis de explorar (itens 2, 10, 25, 34, 38, 42, 53 e 61), Auto-Sacrifício é quando uma pessoa é excessivamente altruísta, magnânimo e confiante nos outros (itens 21, 28, 37, 46, 49, 51, 54 e 63) e por fim a subescala Intrusivo/Carente que concerne nos problemas que o sujeito tem referente ao respeito das fronteiras dos outros (itens 4, 26, 30, 41, 43, 47, 48 e 58) (Alden, Wiggins & Pincus, 1990; Sousa, 2013). Este Inventário foi construído por Horowitz, Alden, Wiggins e Pincus em 2000 (IIP-64), estando a ser traduzido e aferido para a população portuguesa por Paulo Machado e João Salgado (COST-B6) (Anexo 15).

Em relação ao *Inventário de Sintomas Psicopatológicos*, este tem por objectivo avaliar os sintomas psicopatológicos do participante, sendo de autopreenchimento, composta por 53 itens, dividido em 9 dimensões, a Somatização, que remete para o mal-estar psicológico que se torna visível (itens 2, 7, 23, 29, 30, 33 e 37), Obsessão-Compulsão, são ideias ou comportamentos repetidos onde o sujeito não consegue evitar (itens 5, 15, 26, 27, 32 e 36), Sensibilidade Interpessoal, quando uma pessoa se sente inadequada ou inferior em relação a outras (itens 20, 21, 22 e 42), Depressão consiste na perturbação emocional para a valência emocional negativa resultante de experiências passadas traumáticas, e os itens presentes remetem para indicadores de depressão (itens 9, 16, 17, 18, 35 e 50), Ansiedade, é um estado físico originado pela emoção de medo de algo possa acontecer no futuro (itens 1, 12, 19, 38, 45 e 49), Hostilidade, existe quando o sujeito demonstra agressividade (itens 6, 13, 40, 41 e 46), Ansiedade Fóbica, concerne na continua ansiedade apresentando uma resposta não adaptativa ao estímulo, apresentando comportamentos de evitamento (itens 8, 28, 31, 43 e 47), Ideação Paranóide, são comportamentos de desconfiança que o indivíduo tem face a outros (itens 4, 10, 24, 48 e 51), Psicoticismo, são sujeitos com comportamentos de agressividade, impulsividade, falta de empatia, isolamento, ainda podem apresentar alucinações e acreditar no controlo de pensamentos (itens 3, 14, 34, 44 e 53) (Derogatis & Spencer, 1982), e três índices globais que avaliam de modo sumário as perturbações

emocionais (IGS – Índice Geral de Sintomas; ISP – Índice de Sintomas Positivos; TSP – Total de Sintomas Positivos). O cálculo do valor de cada dimensão, adquire-se através da soma do valor de cada item (0-4) e seguidamente, dividir pelo número de itens da dimensão respectiva, referente ao IGS calcula-se com a soma das pontuações de todos os itens que compõe o inventário e posteriormente dividir-se pelo número total de respostas; o TSP, alcança-se através da cotação do número de itens assinalados com uma resposta positiva, e por último o ISP, obtém-se pela divisão do somatório de todos os itens pelo total de sintomas positivos (Canavarro, 1999), se este último valor obtido for igual ou superior a 1.7, considera-se que os indivíduos são considerados emocionalmente perturbados (Derogatis & Spencer, 1982). Este tem como estruturação de respostas o estilo Likert com o intuito de avaliar o grau no qual cada problema afectou a pessoa na última semana. O resultado de cada dimensão, obtém-se através da soma do valor atribuído dos itens, possibilitando deste modo obter o índice Geral de Sintomas (IGS), que varia entre os valores 0 (“Nunca”) a 4 (“Muitíssimas vezes”) como resposta à questão “*Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas*”. Este, foi desenvolvido pelo autor L. Derogatis em 1982, traduzido e adaptado para a população portuguesa por Maria Cristina Canavarro (1999) (Anexo 16).

O Questionário de Esquemas de Young, consiste na avaliação dos Esquemas Precoces Desadaptativos (Young, Klosko & Weishaar, 2003), sendo um questionário de auto-resposta, é composto por 123 itens, tendo 6 Domínios constituídos por 15 esquemas precoces desadaptativos. O primeiro Domínio é o da Instabilidade e Separação (Disconnection/Rejection), que é composto por 3 esquemas, o de Abandono (itens 49 ao 54), o da Perda Emocional (itens 40 ao 48) e o da Desconfiança (itens 55 ao 64); relativamente ao Domínio da Redução da Autonomia (Impaired Autonomy/Performance) engloba os esquemas de Dependência (itens 1 ao 6) e da Vulnerabilidade ao Prejuízo ou Doença (itens 21 ao 31); no que concerne ao Domínio da Indesejabilidade agrupa 3 esquemas, o da Deficiência (itens 70 a 74), o da Dependência Emocional (itens 65 ao 69) e o da Falha de Realização (itens 92 ao 104); referente ao Domínio de Autorrestricção (Impaired Limits) da expressão é composto pelos esquemas de Auto-imagem (itens 75 ao 82) e pelo da Inibição Emocional (itens 105 a 115); ainda o Domínio da Restrição da Gratificação (Overvigilance/ Inhibition), que constitui o esquemas de Auto- sacrifício (itens 7 a 20), Padrão Rígido (itens 116 a 120) e Inferioridade (itens 83 a 91), e por fim, o Domínio da Redução dos Limites (Impaired Limits), que constitui o esquema do Medo de perder o controlo (itens 32 ao 39) e o do Défice de Auto-controlo (itens 121 ao 123) (Cláudio, 2009). As opções de resposta são apresentadas por uma escala de Likert que varia entre 1 (“*Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser*”) e 6

(“*Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser*”), tendo como somatório mínimo de 123 valores e máximo de 738 valores. A versão utilizada foi a versão do Schema Questionnaire elaborado por Young e Brown em 1994, traduzido e adaptado para a população portuguesa por Pinto-Gouveia e Robalo em 1994 (Anexo 17).

Por fim, *A Nova Escala Multi-Dimensional da Depressão*, tem como objectivo a avaliação dos quatro domínios da sintomatologia depressiva, o Domínio Emocional (item 1 a 12), o Domínio Cognitivo (item 13 ao 24, e do item 49 ao 52), o Domínio Somático (item 25 ao 36) e por fim o Domínio Interpessoal (item 37 ao 48), tendo como somatório mínimo de 52 valores e máximo de 260 valores (Cheung & Power, 2012). Esta escala foi construída pelos autores Cheung e Power (2012), e encontra-se actualmente a ser aferida para a população portuguesa pelos autores Michele Balola e Victor Cláudio (Anexo 18).

Procedimento

O desenvolvimento deste estudo teve início na pesquisa de literatura que aborda o tema da violência no namoro de jovens adultos, estilos de vinculação e esquemas desadaptativos precoces, após a recolha de informação sobre estes, procedeu-se à selecção do instrumento referente à violência do namoro, com o objectivo de avaliar os comportamentos abusivos que possam existir dentro dessa relação, tendo sido seleccionado o IVC (Machado, Matos & Gonçalves, 2000), excluindo outros instrumentos, uma vez que não abordavam os comportamentos abusivos exercidos nas suas violências, mas sobre a opinião da violência e as crenças da mesma. Assim, procedeu-se à compra do instrumento na editora Psiquilibrios, com autorização dos autores Professor Doutor Miguel Gonçalves e à Professora Doutora Marlene Matos.

Para a aplicação do protocolo de investigação, a população alvo teria que corresponder aos parâmetros anteriormente mencionados na caracterização da amostra, procedeu-se, *a posteriori*, a aplicação do protocolo aos participantes, foi estabelecida uma data e local para a realização dos questionários. A aplicação iniciou-se com um esclarecimento prévio sobre o assunto abordado, um consentimento informado para a realização do estudo, no qual se garantia confidencialidade e anonimato dos participantes, mencionava ainda a possibilidade de poderem interromper a qualquer momento a participação no estudo, e posteriormente procedeu-se à aquisição de dados sociodemográficos e ao preenchimento nos instrumentos em estudo, não tendo limite de tempo para a realização do mesmo.

Após a aplicação dos questionários, os valores foram inseridos numa base de dados, posteriormente foram analisadas as características sociodemográficas e as variáveis em estudo, através da análise estatística no programa SPSS versão 23.0.

Resultados

Classificação dos Estilos de Vinculação da Amostra (individual e como casal)

Com o objectivo de proceder à análise dos resultados para que possam responder à hipótese 1, iniciou-se primeiramente uma caracterização dos quatro Estilos de Vinculação Adulto (*Seguro, Preocupado, Amedrontado e Desligado*), segundo a categorização de Bartholomew e Horowitz (1991), seguindo os parâmetros psicométricos mencionados no artigo de Canavarro, Dias e Lima (2006).

Tabela 1 - Distribuição dos Estilos de Vinculação Individual

	Frequência	Percentagem
Seguro	40	74,1
Preocupado	4	7,4
Desligado	2	3,7
Amedrontado	4	7,4
Não Classificável	4	7,4
Total	54	100,0

Com base nos valores obtidos, pode-se identificar que o Estilo de Vinculação “*Seguro*” obteve o valor de 74,1% o que significa que este é o estilo que está mais presente na amostra da investigação, seguindo-se com 7,4% o estilo “*Preocupado*”, “*Amedrontado*” e o “*Não classificável*”, e por fim, o estilo “*Desligado*” com a presença de 3,7% visível na amostra. Os indivíduos que obtiveram a categorização de “*Não classificável*”, foram os que não correspondiam a nenhuma outra categoria, ou seja, estavam nos valores limites entre duas dimensões (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Tabela 2 - Existência ou Ausência de Congruência do Estilo de Vinculação Intracasal

	Frequência	Percentagem
Sem Congruência	10	37,0
Com Congruência	17	63,0
Total	27	100,0

Com base na análise da distribuição de congruência dos estilos de vinculação intercasal, ou seja, ambos os elementos terem o mesmo estilo de vinculação, e a ausência de

congruência, a inexistência de igualdade de estilos no casal. Nesta, obteve-se o valor de 17 (63%) dos casais terem congruência e 10 (37%) ausência de congruência de estilos com os seus parceiros. Deste modo é verificado que, na maioria das relações amorosas, da amostra seguem o mesmo estilo de vinculação com o parceiro. Para uma mais pormenorizada caracterização, foi realizada a análise dos tipos de estilo de vinculação congruentes no casal, e quais os tipos de estilos de vinculação não congruentes na amostra.

Tabela 3 - Distribuição das Congruências e Incongruências Intracasal

	Frequência	Percentagem
Congruência		
Seguro/Seguro	16	94,1%
Amedrontado/Amedrontado	1	5,9%
Total de Congruências	17	100,0
Incongruência		
Não Classificável/Seguro	3	30,0
Preocupado/Seguro	3	30,0
Seguro/Amedrontado	1	10,0
Desligado/Seguro	1	10,0
Amedrontado/Desligado	1	10,0
Preocupado/Não Classificável	1	10,0
Total de Incongruência	10	100,0

No que concerne aos estilos de vinculação congruentes nas relações amorosas da amostra, foram verificados (94,1%) com o estilo “*Seguro*” e (5,9%) com o estilo “*Amedrontado*”. Relativamente aos casais que não apresentaram congruência de estilos de vinculação, foram obtidas seis tipos de combinações de diferentes estilos vinculativos, o “*Não classificável/Seguro*” (30%), “*Preocupado/Seguro*” (30%), “*Seguro/Amedrontado*” (10%), “*Desligado/Seguro*” (10%), “*Amedrontado/Desligado*” (10%), e por fim, “*Preocupado/Não Classificável*” (10%). Foi percecionado que 80% dos casais que não apresentam o mesmo estilo de vinculação, um dos elementos apresenta ter um estilo de vinculação “*Seguro*”, sendo um dado que poderá ser utilizado para futuros estudos.

Aumento do número de comportamentos violentos consoante a Idade e o Género

Segundo a análise estatística apresentada no Anexo 19, no género Feminino, quanto maior a idade, maior a perpetuação da violência, quer na relação atual ($R=0,216$; $p=0,278$) quer nas relações passadas ($R=0,012$; $p=0,954$), e que no género Masculino na relação atual

quanto maior a idade do sujeito menor vai ser a perpetuação da violência ($R=-0,021$; $p=0,918$), contudo acontece o oposto com a violência perpetuada nos relacionamentos passados ($R=0,054$; $p=0,789$), apesar destes resultados não terem sido significativamente significativos (Anexo 19).

Perpectuação de comportamentos violentos consoante o Género (nos relacionamentos atuais e passados)

Para perceber estes aspetos, foram realizados os somatórios dos comportamentos violentos perpetuados em ambos os géneros no relacionamento presente e nos relacionamentos passados (Anexo 20). No que concerne à relação atual, o género Feminino apresenta perpetuação de comportamentos violentos (físicos e emocionais) de 40,7% e os do género Masculino 29,6%, e nas relações passadas, o género Feminino perpetuou 14,8% enquanto que o género Masculino, 11,1% utilizou comportamentos violentos nas relações. Assim, conclui-se, que na amostra em estudo não se verificou o esperado, deste modo, foi o género Feminino quem perpetuou maior número de comportamentos violentos que o género Masculino, e através destes resultados, pode-se verificar que ambos os géneros são perpetuadores de violência.

Relação entre os Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas

Para perceber se existe relação entre estas duas variáveis (hipótese 4) procedeu-se primeiramente ao estudo de verificação da existência das diferenças significativas face à violência perpetuada tendo em consideração o Estilo de Vinculação, utilizando o teste não-paramétrico Kruskal-Wallis, verificou-se assim que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os estilos de vinculação perante o número de comportamentos violentos perpetuada (Auto-avaliação) ($p=0,906$), nem face à violência percebida (Hetero-avaliação) ($p=0,791$), nas relações actuais. Contudo, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas na ocorrência de comportamentos violentos perpetuados ($p=0,01$) e percebidos ($p=0,030$) em relação aos estilos de vinculação, nas relações passadas (Anexo 21).

Neste contexto, realizou-se o estudo através do teste Post Hoc (Bonferroni) para os relacionamentos passados, onde foram verificadas diferenças estatisticamente significativas. Através desta análise, os grupos verificados que diferem entre si, relativamente à relação passada face à auto-avaliação (violência perpetuada), foram os grupos entre o estilo “seguro” e o estilo “desligado” ($p=0,14$), e entre o estilo “preocupado” e o estilo “desligado” ($p=0,028$), ou seja, são os estilos de vinculação que apresentam diferenças estatisticamente significativas

relativamente aos comportamentos violentos numa perspectiva de auto-avaliação (perpetuação de violência), sendo estes os grupos que diferem entre si. Posteriormente foram verificados os grupos que diferem entre si, ou seja os estilos de vinculação que apresentam maior número de comportamentos violentos, independentemente da dimensão da violência (física e emocional), neste sentido, verificou-se que o estilo “seguro” perpetua menos comportamentos violentos comparativamente ao estilo de vinculação “desligado”, na diferença ente o grupo “desligado” e o “preocupado” foi verificado que o primeiro apresenta maior perpetuação de violência que o segundo, consoante estes resultados pode-se verificar que o estilo de vinculação “desligado” perpetua mais actos de violencia face aos grupos “seguro” e “preocupado” (Anexo 22).

Tabela 4 - Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas

Bonferroni					
Variável dependente	(I) Estilo_Vinc	(J) Estilo_Vinc	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.
Sum_Rel_Passado_Auto	Seguro	Preocupado	,100	,192	1,000
		Desligado	-,900*	,266	,014
		Amedrontado	-,400	,192	,429
		Não Classificável	,100	,192	1,000
	Preocupado	Seguro	-,100	,192	1,000
		Desligado	-1,000*	,318	,028
		Amedrontado	-,500	,260	,598
		Não Classificável	,000	,260	1,000
	Desligado	Seguro	,900*	,266	,014
		Preocupado	1,000*	,318	,028
		Amedrontado	,500	,318	1,000
		Não Classificável	1,000*	,318	,028
	Amedrontado	Seguro	,400	,192	,429
		Preocupado	,500	,260	,598
		Desligado	-,500	,318	1,000
		Não Classificável	,500	,260	,598
	Não Classificável	Seguro	-,100	,192	1,000
		Preocupado	,000	,260	1,000
		Desligado	-1,000*	,318	,028
		Amedrontado	-,500	,260	,598

Anteriormente tinha sido apurada a existência de diferenças estatisticamente significativas, no que concerne ao grupo das relações passadas relativamente á Hetero-avaliação face ao número de comportamentos violentos, contudo estas diferenças apesar de terem sido demonstradas no teste não-paramétrico Kruskal-Wallis, na realidade são pequenas

diferenças porque nas comparações múltiplas, ou seja, no teste Post Hoc (Bonferroni) não foram encontrados nenhum estilo de vinculação que defira significativamente, ou seja, que seja expressivamente diferente com outro estilo de vinculação relativamente a comportamentos violentos, assim assume-se que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente à percepção de comportamentos violentos (enquanto vítima) e entre estilos de vinculação (Anexo 22).

Relação entre os diferentes Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas

Para uma melhor compreensão da análise da hipótese 6, sucedeu-se à análise entre os diferentes estilos de vinculação com as duas dimensões da violência (física e emocional), através do estudo do teste não-paramétrico Kruskal-Wallis. Neste, pode-se verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os estilos de vinculação face aos comportamentos violentos relativamente à dimensão Física ($p= 0,027$) e na dimensão Emocional ($p= 0,002$), em relacionamentos passados, na perspectiva Auto-avaliação (Anexo 23). De seguida, realizou-se o teste Post Hoc (Bonferroni), neste foi possível verificar nos comportamentos violentos a dimensão emocional, na auto-avaliação nas relações passadas, que existem diferenças estatisticamente significativas entre o estilo de vinculação “seguro” e o estilo “amedrontado”, sendo que o estilo “amedrontado” apresenta violência emocional perpetuada superior à do estilo de vinculação “seguro”, o “preocupado” também apresenta diferenças estatisticamente significativas com o estilo “amedrontado”, onde uma vez mais, o “amedrontado” apresenta valores superiores de perpetuação de violência emocional face ao estilo “preocupado”, e ainda, uma diferença entre o “Não classificável” com o “amedrontado”, sendo que o estilo “amedrontado” apresenta um nível superior de comportamento violento desta dimensão face ao “Não classificável”. Concluí-se assim, que o tipo de vinculação “Amedrontado” apresenta diferenças significativas relativamente ao comportamento violento emocional numa perspectiva de auto-avaliação em relacionamentos passados, essas diferenças são face ao estilo “seguro”, “preocupado” e “não classificável”, sendo que este apresenta valores de perpetuação superiores comparativamente aos outros grupos. No que diz respeito à violência física, não há diferenças estatisticamente significativas, apesar de que no teste não-paramétrico ter sido apresentado existir estas diferenças, aquando uma maior premonnoriação da análise (no teste Post Hoc – Bonferroni) essas diferenças não foram classificadas como significativas entre os estilos de vinculação (Anexo 24).

Tabela 5 - Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas

Bonferroni					
Variável dependente	(I) Estilo_Vinc	(J) Estilo_Vinc	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.
V_Emocional _Passada_Auto	Seguro	Preocupado	,004	,026	1,000
		Desligado	-,067	,036	,689
		Amedrontado	-,139*	,026	,000
		Não Classificável	,004	,026	1,000
	Preocupado	Seguro	-,004	,026	1,000
		Desligado	-,071	,043	1,000
		Amedrontado	-,143*	,035	,002
		Não Classificável	,000	,035	1,000
	Desligado	Seguro	,067	,036	,689
		Preocupado	,071	,043	1,000
		Amedrontado	-,071	,043	1,000
		Não Classificável	,071	,043	1,000
	Amedrontado	Seguro	,139*	,026	,000
		Preocupado	,143*	,035	,002
		Desligado	,071	,043	1,000
		Não Classificável	,143*	,035	,002
	Não Classificável	Seguro	-,004	,026	1,000
		Preocupado	,000	,035	1,000
		Desligado	-,071	,043	1,000
		Amedrontado	-,143*	,035	,002

Relação entre as dimensões da Violência nas relações amorosas e os domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

Tabela 6 - Violência nas relações amorosas e os domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

		Domínio _Instabili dade_Sep aração	Domínio _Reduçã o_Auton omia	Domínio_In desejabilida de	Domíni o_Auto _restric ção	Domínio_ Restrição_ Gratificaçã o	Domínio_ Redução_L imites
V_Física_Ac tual_Auto	Coefficiente de Correlação	-,308*	-,132	-,248	-,317*	-,303*	-,234
	Sig. (2 extremidades)	,024	,343	,070	,019	,026	,088
	N	54	54	54	54	54	54
V_Emociona l_Actual_Auto	Coefficiente de Correlação	,014	,123	,034	,071	,039	,267

o	Sig. (2 extremidades)	,919	,374	,808	,608	,778	,051
	N	54	54	54	54	54	54
V_Física_Ac	Coeficiente de	-,098	,025	-,075	-,034	,007	,219
tual_Hetero	Correlação						
	Sig. (2 extremidades)	,482	,858	,590	,807	,961	,112
	N	54	54	54	54	54	54
V_Emociona	Coeficiente de	-,083	-,039	-,106	-,073	-,098	,180
l_Actual_Het	Correlação						
ero	Sig. (2 extremidades)	,549	,781	,447	,602	,479	,192
	N	54	54	54	54	54	54
V_Física_Pa	Coeficiente de	-,051	-,002	-,058	-,141	-,090	-,005
ssada_Auto	Correlação						
	Sig. (2 extremidades)	,726	,991	,688	,328	,536	,974
	N	50	50	50	50	50	50
V_Emociona	Coeficiente de	,296*	,187	,282*	,370**	,323*	,340*
l_Passada_A	Correlação						
uto	Sig. (2 extremidades)	,037	,192	,048	,008	,022	,016
	N	50	50	50	50	50	50
V_Física_Pa	Coeficiente de	,146	,073	-,015	-,077	-,158	-,011
ssada_Hetero	Correlação						
	Sig. (2 extremidades)	,313	,616	,920	,596	,272	,941
	N	50	50	50	50	50	50
V_Emociona	Coeficiente de	,232	,101	,310*	,334*	,125	,213
l_Passada_H	Correlação						
etero	Sig. (2 extremidades)	,105	,483	,028	,018	,388	,138
	N	50	50	50	50	50	50

Após ser analisada a relação entre estas duas variáveis, foi possível verificar através da tabela 7, tendo em consideração os resultados que são considerados estatisticamente significativos ($p < 0,05$), que existem relações entre os Domínios da violência (física e emocional) e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces.

Podemos verificar, que a Violência Física nas relações atuais perpetuadas (Auto-avaliação), segundo a perspectiva do agressor, está associada a alguns domínios dos Esquemas. Relativamente ao Domínio Instabilidade Separação, foi encontrada uma associação negativa ($R = -0,308$; $p = 0,024$), o que significa que à medida que aumenta a violência física perpetuada, diminui o valor de significância deste domínio. Realizou-se uma análise mais pormenorizada entre os esquemas de cada domínio com as dimensões da violência (Anexo 25), na qual se pode verificar que aquele tem estatisticamente mais impacto para estes resultados é o esquema Desconfiança ($R = -0,317$; $p = 0,002$), o que significa que a Desconfiança diminui quando

aumenta a perpetuação de comportamentos deste tipo de violência. Ainda nesta dimensão da violência, pode-se verificar uma associação negativa aquando relacionado com o Domínio da Restrição-Gratificação ($R=-0,303$; $p=0,019$), mais uma vez, quanto maior o número de comportamentos violentos perpetuados menor será a influência deste domínio, tendo maior influência do esquema Auto-sacrifício (Anexo 25), uma vez que este esquema diminui conforme a perpetuação da violência ($R=-0,299$; $p=0,028$).

No que concerne à Violência Emocional perpetuada na relação actual (perspectiva do agressor), comparativamente aos Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces, não se pode observar nenhum valor estatisticamente significativo, contudo, na análise mais pormenorizada, pode-se encontrar diferenças entre esta tipologia de violência com os esquemas Padrão-rígido ($R=0,343$; $p=0,011$) e Défice de Auto-controlo ($R=0,298$; $p=0,029$), existindo uma associação positiva, o que se pode concluir é que quanto maior o número de comportamentos violentos emocionais perpetuados, aumenta a influência destes esquemas.

Relativamente à Hetero-avaliação das relações actuais, na perspectiva da vítima, referente á Violência Física, não existe ligação com os Domínios e com os esquemas. O semelhante acontece com a Violência Emocional, porém através da análise mais detalhada dos esquemas, pode-se encontrar diferenças estatisticamente significativas, do Auto-sacrifício ($R=-0,2701$; $p=0,048$), o que diz que quanto maior o número de violência percebida menor será a influência deste esquema.

No que diz respeito às relações passadas, relacionado com a violência perpetuada (Auto-avaliação), do domínio agressão Física, esta não se relaciona com nenhum Domínio, porém aquando da realização da análise mais detalhada (Anexo 25) pode-se observar associações positivas, que com o aumento da violência física exercida maior a influência dos esquemas de Auto-imagem ($R= 0,284$; $p=0,046$), maior na Inibição Emocional ($R=0,330$; $p= 0,019$), no Auto-sacrifício ($R=0,284$; $p=0,046$), no do Padrão-Rígido ($R= 0,320$; $p= 0,024$), e ainda pelo esquema Medo de Perder Controlo ($R=0, 326$; $p=0,021$). No que concerne ao domínio da violência Emocional, existe uma associação positiva entre cinco domínios, no qual a violência emocional aumenta com o efeito do Domínio Instabilidade-Separação ($R=0,296$; $p=0,037$), os esquemas que o constituem têm associação positiva na influência desta tipologia de violência, o esquema Perda Emocional ($R= 0,346$; $p=0,014$) e o da Desconfiança ($R= 0,346$; $p=0,014$); existe também associação positiva no Domínio da Indesejabilidade ($R=0,282$; $p= 0,048$), sendo influenciado por todos os esquemas que o compõe, o da Dependência Emocional ($R=0,304$; $p=0,030$), o da Deficiência ($R=0,304$; $p=0,032$) e o da Falha da Realização ($R=0,314$; $p=0,027$); no Domínio da Auto-restrição

($R=0,370$; $p=0,008$), com maior impacto os esquemas da Auto-imagem ($R=0,284$; $p=0,046$) e o da Inibição Emocional ($R=0,330$; $p=0,019$); do Domínio da Restrição e Gratificação ($R=0,323$; $p=0,022$), tendo o impacto dos esquemas Auto-sacrifício ($R=0,284$; $p=0,046$) e o do Padrão-Rígido ($R=0,320$; $p=0,024$); por último o Domínio da Redução de Limites ($R=0,340$; $p=0,016$) sofrendo influência do esquema Medo de Perder o Controle ($R=0,326$; $p=0,021$).

Na medida de Hetero-avaliação, ou seja, na perspectiva da vítima, no que concerne à Violência Física, não existe relação estatisticamente significativa entre esta os Domínios e os esquemas, contudo existe associação positiva entre o da Violência Emocional com o Domínio de Indesejabilidade ($R=0,310$; $p=0,028$), sendo que o esquema que tem maior impacto para este resultado é o da Falha de Realização ($R=0,318$; $p=0,024$); ainda associação positiva com o Domínio de Auto-restrição ($R=0,334$; $p=0,018$), onde o esquema da Inibição Emocional ($R=0,333$; $p=0,018$) é o que influencia mais para este resultado, deste modo, aquando aumenta o número de comportamentos violentos emocionais das relações passadas aumenta estes dois Domínios.

Se existe correlação positiva entre o tempo de duração de namoro e a violência perpetuada no relacionamento

Tabela 7 - Tempo de duração de namoro e a violência perpetuada no relacionamento

		Correlações			
			Sum_Rel_Ac tual_Auto	Sum_Rel_Pas sado_Auto	Tempo de Namoro
rô de Spearman	Sum_Rel_Actual_	Coefficiente de Correlação	1,000	,297*	,365**
	Auto	Sig. (bilateral)	.	,029	,007
		N	54	54	54
	Sum_Rel_Passado	Coefficiente de Correlação	,297*	1,000	-,130
	_Auto	Sig. (bilateral)	,029	.	,349
		N	54	54	54
	Tempo de Namoro	Coefficiente de Correlação	,365**	-,130	1,000
		Sig. (bilateral)	,007	,349	.
		N	54	54	54

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

**.. A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Foi possível verificar que existe correlação positiva entre estas duas variáveis, o que significa que a Violência perpetuada aumenta com o passar do tempo de duração da relação

amorosa nas relações atuais ($R=0,365$; $p=0,007$), em correspondência às relações do passado, existe uma associação negativa, porém este valor não é estatisticamente significativo.

Se existe relação entre os Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

Todos os Domínios tiveram diferenças estatisticamente significativas em relação aos diferentes Estilos de Vinculação, que se pode perceber no teste não-paramétrico Kruskal-Wallis (Anexo 26). O Domínio da Instabilidade e Separação em relação à variável mencionada obteve $p=0,004$; o Domínio da Redução Autonomia subjugou um valor de $p=0,003$; o Domínio da Instabilidade adquiriu o valor de $p=0,019$; o Domínio da Auto-restrição obteve o valor de $p=0,004$; o Domínio da Restrição Gratificação alcançou o valor $p=0,015$ e por último o Domínio da Redução de Limites adquiriu o valor de $p=0,015$.

Através do Anexo 27, é possível verificar que o Estilo de Vinculação “Amedrontado” e o “Não Classificável” têm maior consideração na influência do Domínio Instabilidade Separação, do que o estilo “Seguro” e “Preocupado”, pode-se verificar com melhor detalhe a influência dos esquemas deste Domínio (Anexo 28), em que o esquema “Abandono” tem maior impacto nos estilos “Amedrontado” e “Não Classificável” que no estilo vincutivo “Seguro”, no que concerne ao esquema “Perda Emocional” tem maior influência no “Não Classificável” que no “Seguro”, por fim, o “Amedrontado” e o “Não Classificável” dão maior importância ao esquema “Desconfiança” que o estilo “Seguro”, e o “Amedrontado” em comparação com “Preocupado”.

Nesta análise apercebe-se que os estilos de Vinculação “Amedrontado” e “Não Classificável” em relação ao “Seguro” têm maior presença dos Domínios Redução de Autonomia, o da Indesejabilidade e o da Redução de Limites. Após serem analisadas com maior pormenor os domínios tendo em consideração os esquemas que os constituem, pode-se mencionar que no que diz respeito ao primeiro Domínio, relativamente ao esquema “Dependência” não houve resultados estatisticamente significativos, contudo no esquema “Vulnerabilidade ao Prejuízo ou Doença”, os elementos que tenham estilo de Vinculação “Amedrontado” e “Não Classificável” têm em maior consideração deste esquema do que o do “Seguro”. No seguinte Domínio, no esquema “Dependência Emocional” pode-se identificar que o estilo de vinculação “Amedrontado” tem em maior consideração este esquema em detrimento ao “Seguro” e ao “Preocupado”. Referente ao esquema “Deficiência”, o estilo “Amedrontado” e “Não Classificável” tem em conta este em comparação ao do “Seguro”, no que diz respeito ao esquema “Falha de Realização” os elementos “Não Classificável”

apresentam um nível superior ao deste esquema que os do “Seguro”. No terceiro Domínio onde ocorrem estas diferenças, na análise mais pormenorizada, em relação aos estilos e aos esquemas, pode-se identificar que o “Medo de Perder o Controlo”, é mais percebido nos estilos “Desligado” e “Amedrontado” que no “Seguro”, e por fim, o esquema “Défice Auto-controlo” apresenta ter maior significado para o “Não Classificável” do que para o “Seguro”.

Referente ao Domínio da Auto-restrição pode-se averiguar que o estilo “Amedrontado” tem em maior consideração este domínio que o “Seguro” e que o “Preocupado”, no qual o esquema “Auto-imagem” tem maior impacto no estilo “Amedrontado” que nos restantes grupos vincutivos. Relativamente ao esquema “Inibição Emocional” tem maior influência nos sujeitos com o estilo “Amedrontado” que para os “Seguros”. Por término, o Domínio da Redução de Limites está mais relacionado com os estilos “Amedrontados” e com o “Não Classificável” em relação ao “Seguro”, em que os esquemas “Auto-sacrifício”, “Inferioridade” e “Padrão Rígido” não têm impacto significativo nos estilos de vinculação na amostra do estudo.

Conclui-se deste modo, que o estilo de vinculação seguro não sofre de tanta influência dos esquemas desadaptativos precoces em comparação aos restantes grupos, com ênfase ao estilo de vinculação “Amedrontado”, no qual este último é influenciado por todos os Domínios de Esquemas desadaptativos precoces menos o Domínio da Restrição da Gratificação.

Violência e Escalas Clínicas

Nesta tabela pode-se verificar as escalas clínicas em relação com a Inexistência e Existência de Comportamentos Violentos perpetuados nas relações de namoro actuais.

Pode-se verificar que não existem diferenças significativas entre as médias dos sujeitos que não perpetuam comportamentos violentos e os que executam esse mesmo tipo de comportamentos. Em relação ao BDI em relação às duas amostras, e através dos valores apresentados pode-se afirmar que a amostra em estudo encontra-se com depressão ligeira, sendo que os participantes que não consideram perpetuar actos de violência apresentam média superior ao outro grupo. Referente à Ansiedade Estado, no que concerne à ansiedade que o sujeito tinha aquando o preenchimento do protocolo, tanto os participantes que não têm comportamentos abusivos nas suas relações como os agressores, apresentam nível elevado de ansiedade, podendo este valor ser justificado pela temática e pela presença da investigadora no momento da sua realização. Foi possível denotar na Ansiedade Traço, os sujeitos

apresentam nível moderado de ansiedade, apesar de existir um valor mais elevado nos sujeitos que perpetuam a violência nas relações presentes. No que diz respeito ao IIP pode-se denotar que existe uma média superior de problemáticas que podem causar sofrimento nos sujeitos que praticam violência do que os que não o realizam. Ainda, referente ao BSI, ao valor do Índice Geral de Sintomas, observa-se que o primeiro grupo tem um nível mais elevado do que o segundo, e ainda que ambos são inferiores a 1.7, o que se considera que os indivíduos não são emocionalmente perturbados, porém o grupo que não perpetua comportamentos violentos, está muito próximo desse valor.

Tabela 8 - Escalas clínicas em relação com a Inexistência e Existência de Comportamentos Violentos perpetuados nas relações de namoro actuais, Auto-avaliação

		Estatísticas Descritivas				
Sum_Rel_Actual_Auto		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Inexistência de	Sum_Rel_Actual_Auto	35	,00	,00	,00	,00
Comportamentos Violentos	Sum_BDI	35	,00	40,00	6,03	7,55
	Sum_STAI_E	35	42,00	58,00	50,37	3,78
	Sum_STAI_T	35	37,00	54,00	45,83	4,37
	Sum_IIP	35	21,00	142,00	60,43	26,32
	BSI	35	1,08	4,21	1,66	,63
	N válido (listwise)	35				
Existência de Comportamentos Violentos	Sum_Rel_Actual_Auto	19	1,00	1,00	1,00	,00
	Sum_BDI	19	,00	19,00	5,95	5,43
	Sum_STAI_E	19	45,00	60,00	51,32	4,14
	Sum_STAI_T	19	38,00	70,00	49,37	6,49
	Sum_IIP	19	9,00	120,00	65,47	25,80
	BSI	19	1,04	3,13	1,52	,52
N válido (listwise)	19					

Na próxima tabela concerne na análise na Hetero-avaliação dos participantes, ou seja, os que percebem ou não violência nos seus relacionamentos actuais, na qual não se verificou nenhum valor diferente estatisticamente significativo. Neste grupo, através da escala clínica BDI, pode-se verificar depressão ligeira como anteriormente percebido, em que o grupo que não assinala qualquer tipo de ocorrência de violência por parte do parceiro, apresenta maior valor médio de depressão do que os que percebem. Alusivo à Ansiedade Estado e Traço, e ainda ao IIP, pode-se apurar que o grupo que percebe comportamentos violentos nas suas relações, apresentam maior valor médio em detrimento ao outro grupo. Referente ao

BSI denota-se um valor quase igual, em que o que identificam este tipo de comportamentos obteve um valor ligeiramente superior, e ainda que ambos são inferiores a 1.7, ou seja, os indivíduos não são considerados emocionalmente perturbados.

Tabela 9 - Escalas clínicas em relação com a Inexistência e Existência de Comportamentos Violentos perpetuados nas relações de namoro actuais, Hetero-avaliação.

Estatísticas Descritivas						
Sum_Rel_Actual_Hetero		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Inexistência de	Sum_BDI	37	,00	40,00	6,2432	7,59168
Comportamentos	Sum_STAI_E	37	42,00	58,00	50,4865	3,69400
Violentos	Sum_STAI_T	37	37,00	54,00	46,0811	4,40567
	Sum_IIP	37	21,00	142,00	61,8919	26,03180
	BSI	37	1,04	4,21	1,6068	,62246
	Sum_Rel_Actual_Hetero	37	,00	,00	,0000	,00000
	N válido (listwise)	37				
	Existência de	Sum_BDI	17	,00	19,00	5,4706
Comportamentos	Sum_STAI_E	17	45,00	60,00	51,1765	4,39083
Violentos	Sum_STAI_T	17	38,00	70,00	49,2353	6,83309
	Sum_IIP	17	9,00	120,00	62,8824	26,74622
	BSI	17	1,11	3,13	1,6193	,54367
	Sum_Rel_Actual_Hetero	17	1,00	1,00	1,0000	,00000
	N válido (listwise)	17				

Discussão

A violência nas relações amorosas é uma problemática multidimensional (Lewis & Fremouw, 2001; Paiva & Figueiredo, 2003), deste modo é fulcral o estudo de factores intrínsecos (Jackson, 1990), como a Vinculação (Oliveira, 2011) e os Esquemas desadaptativos precoces, uma vez que são pertinentes para o estudo das ligações (Pinheiro, 2015), podendo estes estar na origem das problemáticas nas mesmas, sendo que a violência é uma estratégia utilizada para a resolução destas (Oliveira & Sani, 2005).

H1: Os sujeitos tendem a escolher uma relação amorosa com companheiros que compartilhem do mesmo estilo de vinculação.

Verifica-se através da literatura apresentada sobre os Estilos de Vinculação, que existem muitos conceitos. Deste modo, tentou-se agrupar as suas definições, sendo divididos em quatro estilos o “Seguro”, o “Desligado”, o “Amedrontado” e o “Preocupado” como foram utilizados neste estudo. Assim, depreende-se que o estilo de vinculação “Seguro” tem uma apreciação de valência emocional positiva em relação a si e aos Outros, sentem-se confortáveis com a intimidade, com a independência e ao mesmo tempo com a existência de uma dependência saudável, os sujeitos com o mesmo são caracterizados como sendo auto-confiantes e com boa auto-estima. No que concerne ao grupo “Desligado”, estes têm uma avaliação de valência emocional positiva referente a si e negativa ao Outro, fazendo com que estes sujeitos rejeitem o vínculo, uma vez que não confiam em terceiros, só em si, neste sentido, sentem-se incomodados com a proximidade e intimidade, opondo-se à dependência em relação a outros. No que diz respeito à categorização do estilo “Inseguro”, este subdivide-se em “Amedrontado” e “Preocupado”. O “Amedrontado”, tido em conta também como “Ansioso-Evitante”, “Evitante” e “Receoso”, estes são considerados os sujeitos que ficam desassossegados e desconfortáveis com a proximidade, a avaliação de valência emocional negativa sobre os dois modelos, o de si e do Outro, apesar de ter medo de estabelecer vínculo necessitam que exista relação de intimidade; contudo o estilo “Preocupado”, também visto como “Ansioso-seguro”, “Ansioso-ambivalente” e “Ambivalente”, são indivíduos que se sentem angustiados mas confortáveis com a proximidade, uma vez que, têm uma avaliação de si, de valência emocional negativa, e do Outro valência emocional positiva, neste âmbito, estes sujeitos sentem-se incomodados se não tiverem numa relação íntima pois necessitam de

estar emocionalmente ligados. Esta divisão tornará mais fácil a interpretação das características de cada pessoa consoante os seus estilos vinculativos.

No que concerne à interpretação dos resultados referentes à escolha do parceiro, consoante a congruência dos estilos de vinculação dos elementos do relacionamento, verificou-se uma maior percentagem de casais com combinação de estilos de vinculação iguais (63%) do que os incongruentes (37%). Assim, os resultados obtidos vão de encontro aos recolhidos na literatura, onde referem que os indivíduos procuram para parceiro alguém idêntico a si (Carvalho, 2013; Paiva & Figueiredo, 2003), onde existem as combinações “Seguro-Seguro”, do estilo “Inseguro” como a de “Amedrontado-Amedrontado” (Collins & Read, 1990), com o intuito de confirmarem as suas expectativas em relação aos seus modelos internos dinâmicos (Paiva & Figueiredo, 2003; Prette & Prette, 2001). Ainda que seja para desencadear expectativas negativas, que foram adquiridas precocemente o que originou o estilo de vinculação “inseguro” (Collins & Read, 1990; Kilman et al., 2013). O estilo de Vinculação, influencia as relações que o sujeito vai ter ao longo da sua vida, uma vez que através deste tem determinadas expectativas de si e do Outro (Paiva & Figueiredo, 2003), em que o “Seguro” tem expectativas de valência emocional positiva sobre ambos (Collins & Read, 1990). Por outro lado, os “Preocupado”, “Amedrontado” e “Desligado” (Bartholomew & Horowitz, 1991), tendem a ter expectativas de valência emocional negativas nas mesmas (Collins & Read, 1990), sendo utilizados nas relações de intimidade (Honari & Saremi, 2015), onde afectam as respostas comportamentais e emocionais (Bowlby, 1973). Deste modo têm influência na escolha do parceiro, uma vez que estas expectativas estão presentes nas relações amorosas (Collins & Read, 1990; Portela, 2015), moldando a forma como a mesma é vivenciada (Hazan & Shaver, 1987). Confirmando deste modo, a Hipótese em estudo.

Como referido por Paiva e Figueiredo (2003), o estilo de Vinculação influencia a satisfação dos parceiros da ligação amorosa; na qual a incongruência do mesmo vai desencadear alterações ao nível comportamental e emocional de um dos elementos, como Hazan e Shaver (1987) aludiram, numa relação onde a combinação seja Seguro-Desligado/Inseguro (Amedrontado e Preocupado), o elemento “Seguro” vai adoptar estratégias relacionais adaptativas à do companheiro, alterando a sua forma de responder às necessidades do outro. Conclui-se que, a incongruência da combinação dos estilos nos elementos da relação afectam a mesma (Carvalho, 2013).

H2: Com a idade aumenta o número de comportamentos perpetuados do género Feminino e não do género Masculino.

Como anteriormente referido, com o aumento da idade cronológica do género Feminino aumenta o número de comportamentos perpetuados, e diminui no género Masculino nos relacionamentos actuais, apoiando os resultados obtidos nos estudos de Fonseca (2015), porém no que concerne às relações do passado, vai contra a literatura, na qual o género Masculino com o aumento da idade aumentava a violência perpetuada. Apesar destes resultados poderem confirmar a Hipótese nas relações actuais, o valor obtido não é estatisticamente significativo, tendo assim que Infirmar a mesma.

H3: *O género feminino é mais vítima e o género masculino é mais perpetuador de violência (relações do presente e do passado).*

Na amostra em estudo, os resultados demonstraram que o género Feminino perpetua mais comportamentos violentos em comparação ao género Masculino nas relações actuais e passadas, não indo em concordância com os resultados obtidos no estudo de Manita, Ribeiro e Peixoto (2009) e dos autores Oliveira e Sani (2005), podendo no entanto comprovar que ambos os géneros perpetuam violência e ao mesmo tempo vítimas, apoiando os estudos de Manuel (2014), Bartholomeu, Cobb e Dutton (2015) e Aldrighi (2004), deste modo esta hipótese é Infirmada.

H4: *Os relacionamentos onde ambos os indivíduos têm o estilo de vinculação “Seguro” perpetuam menos violência do que nos relacionamentos “Inseguros” (“Amedrontados” e “Preocupados”).*

Para Bowlby (1973, 1980), os estilos vinculativos têm um papel crucial ao nível cognitivo, emocional e comportamental do sujeito; ou seja, tem influência nas relações do mesmo (Portela, 2015), deste modo é pertinente estudar a ligação entre os estilos de vinculação e os comportamentos violento no trato amoroso (Karakurt, Keilley & Posada, 2013), uma vez que segundo Hepper e Carnelley (2012) os estilos de vinculação “Insegura” (“Preocupado” e “Amedrontado”) podem explicar as dificuldades relacionais; possíveis reacções agudas fisiológicas, como por exemplo discussões (Stanton & Campbell, 2013). Por outro lado o “Seguro” tem um nível menor de conflitos que os restantes estilos vinculativos (Lewis & Fremouw, 2001). Neste sentido, no estudo procedeu-se à investigação desta relação, na qual resultou na existência estatística significativa entre a violência perpetuada e a percebida, independentemente da dimensão da mesma.

Após este resultado, realizou-se uma análise mais detalhada dos diferentes tipos de Vinculação com os comportamentos perpetuados, uma vez que com este exame não se verificou valores estatisticamente significativos na perspectiva da vítima (percepção de comportamentos violentos). Neste sentido, não diz respeito à violência perpetuada das

relações passadas, pode-se verificar que o estilo de Vinculação “Desligado” exerce mais comportamentos violentos em comparação ao estilo “Seguro” e “Preocupado”. Estes valores podem ser justificados devido à caracterização do estilo de Vinculação “Desligado”, o qual tem uma apreciação de valência emocional positiva referente a si e negativa no que concerne ao Outro, assim este rejeita a existência de vínculo, desconfia dos outros, não tendo necessidade de intimidade (Bartholomew & Horowitz, 1991), sendo expectável numa ligação amorosa uma relação diática (Straus, 2004; Aldrighi, 2004), onde existe um processo de vinculação (Hazan & Shaver, 1987), a presença de sentimento de amor e investimento mútuo (Carvalho, 2013). Como Oliveira e Sani (2005) referiram, a violência nas relações de intimidade ocorrem como estratégia à expressão de valência negativa no trato com o parceiro, resultante da valência negativa referente aos Outros.

Aquando da análise das dimensões da violência com os estilos de Vinculação, pode-se verificar que o “*Amedrontado*” perpetua em maior número de comportamentos agressivos emocionais comparativamente ao estilo “*Seguro*”, “*Preocupado*” e “*Não Classificável*”, estando parcialmente em concordância com outros estudos (Paiva & Figueiredo, 2003; Lewis & Fremouw, 2001; Stanton & Campbell, 2013) em que referem que o estilo de vinculação “*Inseguro*” (“*Amedrontado*” e “*Preocupado*”) está relacionado com ligações violentas, estando mais propensas a serem problemáticas (McCarthy & Maughan, 2010; Kilman, et al., 2013). Porém na dimensão Violência Física, os valores obtidos não foram estatisticamente significativos. Esta hipótese foi Infirmada com linhas de tendência a confirmação, no sentido em que a dimensão de Violência Emocional perpetuada nas relações passadas, os resultados foram concordantes, no entanto não ocorreu nas restantes dimensões da violência, uma vez que foram parcialmente verificadas.

H5: Existe relação entre Violência e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

Os processos cognitivos medeiam os comportamentos dos indivíduos através dos esquemas (Benett, Farrington & Huesmann, 2005), neste âmbito é pertinente relacionar a violência com os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces, uma vez que estes influenciam as respostas que os indivíduos têm ao lidar com a violência na ligação (Calvete, Corral & Estévez, 2007). Nos estudos realizados, obtiveram a relação positiva entre os Domínios Instabilidade-Separação, Redução de Autonomia (Calvete, Corral & Estévez, 2007) e Redução da Gratificação (Tezel, Kislak & Boyan, 2015), com Violência na união amorosa. E que segundo Paim, Madalena e Falcke (2012), os esquemas desconfiança, isolamento social, inibição emocional, dependência funcional, auto-sacrifício, ignorar o

direito do outro, déficit de Auto-controlo, obtiveram uma associação positiva com a violência perpetuada na relação conjugal.

Neste estudo foi verificada uma associação negativa entre violência Física perpetuada nas relações actuais com o Domínio *Instabilidade de Separação* e com o da *Restrição-Gratificação*. Neste sentido, quanto maior for o número de comportamentos violentos físicos executados pelo agressor, menor é a associação com o primeiro Domínio, assim, diminui o sentimento de insegurança e instabilidade (Cláudio, 2009), uma vez que segundo Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), no ciclo da violência o agressor adquire o poder e o controlo da relação; deste modo, não tem necessidade de procurar suporte e estabilidade no parceiro. Este valor obtido pode ser interpretado, através da análise mais pormenorizada deste Domínio, em que o esquema que tem maior influência neste resultado foi o da “Desconfiança”. A associação negativa pode corresponder à baixa desconfiança que o agressor tem em relação às respostas que da vítima, como por exemplo o término da união, uma vez que tem o poder sobre a mesma. Relativamente ao segundo Domínio associado negativamente, pode-se interpretar como diminuto sentimento de dever para com a vítima, dando primazia aos seus prazeres e secundarizar as do parceiro, não inibe a discórdia em detrimento do que deseja (Cláudio, 2009). Sendo esta interpretação plausível com os valores obtidos no esquema de Auto-sacrifício, onde quanto maior a perpetuação menos o sujeito tem em consideração este esquema, deste modo, o agressor não apresenta a crença de ter o dever de cuidar do parceiro.

Na Violência Emocional perpetuada e na Violência Física e Emocional percebida (Hetero-avaliação) das relações actuais, e no que concerne às passadas, a Violência Física perpetuada e a percebida, foi verificado que não houve associações estatisticamente significativas com os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces.

Foi possível verificar também uma associação positiva entre a Violência Emocional perpetuada nos relacionamentos passados com os Domínios da Instabilidade-Separação, da Indesejabilidade, da Auto-Restrição, da Restrição da Gratificação e da Redução de Limites, neste sentido amplia a perpetuação desta violência com o aumento da importância que estes esquemas têm para o agressor. Pelo que, o Domínio da Instabilidade-Separação, acresce na perpetuação da violência emocional, o que poderá dizer que o agressor utiliza este tipo de violência como procura de segurança e estabilidade, por parte do companheiro, através de comportamentos coercivos como o controlo e intimidação, ou pela ausência de demonstração afectiva ao parceiro, com intuito de sentir apoio emocional e segurança, uma vez que existe um aumento no esquema da “Privação Emocional” e no “Desconfiança”; onde estes remetem para a crença de ser impossível a obtenção das necessidades emocionais e desconfiança de o

parceiro poder causar-lhe dano, respectivamente (Young, Klosko & Weishaar, 2003). No que diz respeito à associação positiva com o segundo domínio mencionado, diz que o agressor perpetua esta tipologia de violência, pois considera-se indesejado (Young, Klosko & Weishaar, 2003), onde necessita de se sentir desejado, uma vez que, os esquemas da Dependência Emocional, da Deficiência e da Falha da Realização aumentam os comportamentos de violência emocional, ou seja, o agressor necessita de envolvimento emocional excessivo para se sentir bem, acredita que o companheiro não o ama devido a alguma deficiência que tenha, e ainda o sentimento de inferioridade em relação ao parceiro devido á crença que tem de não conseguir concretizar tarefas, respectivamente (Cláudio, 2009), sentindo assim a necessidade de dominar de alguma forma o parceiro. No que concerne à associação desta violência com o terceiro domínio referido, e quando a perpetuação desta aumenta o agressor tende a impor regras de controlo e inibição de comportamentos afectuosos, o que resulta da impossibilidade de obter prazer imposta por si mesmo, sendo influenciado pelo esquema da Inibição Emocional e pelo da Auto-imagem, onde a demonstração de afecto causaria dano ao sujeito e iria denegrir a imagem que tem de si. A associação positiva com o Domínio da Redução da Gratificação, significa que o agressor, hipervaloriza os deveres em detrimento aos acontecimentos que lhe atribuem prazer, e secundariza os seus quereres em relação ao parceiro com o objectivo de receber o amor do outro e evitar a discórdia. Este, tem o impacto dos esquemas do Auto-sacrifício que remete para a protecção do companheiro e para o Padrão-rígido, onde acredita que deve ter normas de funcionamento inalcançável, o que se poderá interpretar sobre esta associação, é que os sujeitos devem ter a crença errónea de como devem demonstrar a importância que o outro tem para si. Por última associação, o Domínio da Redução de Limites, quanto maior for o número de comportamentos violentos maior é a associação com este, tendo influência superior o esquema “Medo de Perder o Controlo”, que remete para o receio que o sujeito tem em continuar com este tipo de estratégias de resolução de conflitos.

Por fim, foi notada uma associação positiva nesta Violência Emocional percebida nas relações passadas, com os Domínios da Indesejabilidade e da Auto-Restrição. A primeira associação remete para a procura de se sentir desejado por parte do parceiro, uma vez que o esquema de “Falha de Realização” está muito presente nestes sujeitos, este considera-se inferior em relação a outros inclusive ao parceiro, utilizando a violência como estratégia. Ainda, na segunda associação, pode-se perceber que esta estratégia advém do esquema da Inibição Emocional, onde o sujeito acredita que a demonstração de afecto lhe causaria dano.

Pode-se ainda mencionar, que os esquemas associados positivamente à perpetuação da violência são os da Privação Emocional, Desconfiança, Dependência Emocional, Deficiência, Falha de Realização, Inibição Emocional, Auto-Imagem, Auto-sacrifício, Padrão-rígido e Medo de Perder o Controlo; estando em concordância com os quatro encontrados no estudo de Paim, Madalena e Falcke (2012).

Conclui-se que esta Hipótese foi Infirmada, apesar de apresentar linhas de tendência à sua confirmação, na qual se verificou a associação positiva ou negativa com a violência em alguns Domínios.

***H6:** Existe correlação positiva entre o tempo de namoro e a perpetuação de violência.*

A análise correlacional entre a variável tempo de namoro e a perpetuação de violência quer seja nas ligações actuais quer nas do passado têm uma associação positiva, ou seja, que quanto mais durar o relacionamento maior é a perpetuação da violência nas relações amorosas, como foi possível verificar nos estudos de Besserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo e Ferriani (2016), no de Caetano, Sá, Silva, Amado e Santos (sd) e no estudo de Douglas e Straus (2006). Esta ocorrência deve-se ao facto, de que, com o passar do tempo as vulnerabilidades de cada sujeito que constitui o casal vão sendo expostas (Brown & Bulanda, 2008), neste sentido os sujeitos utilizam a violência como estratégia de resolução de conflitos (Colossi, Razera, Haack & Falcke, 2015) e para atingirem os seus objectivos (Oliveira & Sani, 2005). A continuação da relação, apesar da permanência da perpetuação da violência, poderá ser explicada através do ciclo da mesma, e ao longo deste a vítima menospreza a violência pensando que são episódios pontuais, há momentos em que o agressor ilude a vítima com promessas de que os comportamentos ofensivos não voltarão a acontecer (Mendes & Cláudio, 2010). Contudo, apesar dos resultados serem congruentes com a literatura, neste estudo temos que classificar esta Hipótese como Infirmada, uma vez que não obteve um valor estatisticamente significativo.

***H7:** Existe uma associação entre os Estilos de vinculação e todos os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces.*

Como Collins e Read (1990), mencionaram os esquemas dão continuidade aos estilos de vinculação, esta hipótese pretende perceber melhor esta afirmação, analisando a associação entre estas duas variáveis, tendo como apoio o estudo de Bosmans, Breat e Van Vlierberghe (2010) onde referem que existe uma associação entre os estilos de vinculação e todos os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces. Na análise efectuada entre os Estilos de Vinculação e todos os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces obteve-se associação estatisticamente significativa, podendo Confirmar a Hipótese5.

Contudo procedeu-se a um estudo mais detalhado desta Hipótese, no qual se pode concluir que o Estilo de Vinculação “Amedrontado” está associado a cinco dos Domínios, como Bosmans, Breat e Van Vlierberghe (2010) mencionaram, tendo sido obtida associação entre os Domínios da Instabilidade-Separação, da Redução da Autonomia, da Indesejabilidade, da Auto-Restrição e do Domínio da Redução de Limites. O estilo de Vinculação “Amedrontado” é caracterizado por ser um sujeito angustiado com a eventualidade de poder ser recusado ou abandonado, sentindo-se desconfortável com a intimidade e em estabelecer relações interpessoais (Canavarro, Dias e Lima, 2006), estando associado positivamente aos domínios anteriormente mencionados. Para perceber melhor esta ligação é pertinente lembrar que o primeiro domínio remete para as expectativas negativas direccionadas para a segurança e estabilidade que o companheiro lhe possa atribuir (Cláudio, 2009), em que apresenta maiores valores nos esquemas de “Abandono” e de “Desconfiança”, o que coincide com a descrição deste estilo vincutivo, referente ao medo de ser rejeitado, uma vez que desconfia dos outros (Young, Klosko & Weishaar, 2003). No que concerne ao segundo Domínio relacionado, este diz respeito às avaliações erróneas que o sujeito tem sobre as suas aptidões e expectativas de desempenho, dificuldades em estabelecer objectivos, apresentando um valor significativo com o esquema “*Vulnerabilidade ao Prejuízo ou Doença*”, o que remete para o medo exagerado de que haja uma catástrofe, como o término de uma relação. A associação com o Domínio da Indesejabilidade, remete para se considerar indesejável perante outros, indo em concordância com o seu medo de ser rejeitado, neste domínio tem maior influência através do esquema “Dependência Emocional”, no qual o sujeito acredita que só se sentirá bem se tiver uma ligação emocional exagerada, podendo-se dever à infirmação das suas crenças de ser abandonado; ainda sofre influência do esquema “Deficiência”, onde crê que não pode ser amado devido a alguma deficiência interna que tenha, indo em concordância ao medo que tem na ligação aos outros. Em relação ao Domínio da Redução de Limites, neste, o sujeito apresenta dificuldades ao nível de limites na convivência com os outros, ao nível emocional e de autodisciplina, tem dificuldades adaptativas em estabelecer conexões interpessoais, apresentando deste modo o esquema “Medo de Perder o Controlo”, assim sendo, este vai em concordância com as características de o sujeito não se sentir confortável a estabelecer as mesmas. Por fim, o Domínio da Auto-Restrição associado a este estilo de vinculação, poder-se-á referir que o sujeito está angustiado com a possibilidade de ser abandonado o que inibe a expressão do seu afecto, tendo o esquema “auto-imagem” influência, uma vez, que sente que, esta poderá ter como consequência a sua rejeição.

Ainda se pode verificar que o estilo “Não Classificável” está relacionado aos Domínios da Instabilidade-Separação, da Redução da Autonomia, da Indesejabilidade e do Domínio da Redução de Limites, porém este estilo é associado à combinação de dois estilos de vinculação, independentemente de qual seja, deste modo, não se poderá caracterizar este grupo.

Estes resultados vão em concordância com os resultados obtidos no estudo de Pinheiro (2015), onde refere que parece existir uma relação entre o estilo de vinculação ansioso-ambivalente, que neste estudo está caracterizado como “Amedrontado”, com os esquemas desadaptativos precoces.

Escalas Clínicas

A complexidade e a diversidade da violência nas relações de intimidade, afectam a saúde física e psicológica (Coker, et al., 2002). Para Carlson, McNutt, Choi, e Rose (2002) e Callahn et al., (2003), a depressão e a ansiedade estão associados ao comportamento abusivo; em que a vitimização de violência no namoro associa-se ao mal-estar psicológico (Callahn et al., 2003). A gravidade do trauma varia consoante a relação vítima-perpetuador (Freyd, DePrince, & Gleaves, 2007), este está associado com dificuldades de regulação emocional e sintomas psicológicos, indo afectar sintomas de stress pós-traumático, depressão e ansiedade (Goldsmith, Chesney, Heath & Barlow, 2013), deste modo resultados psicológicos e físicos de valência emocional negativo para o sujeito (Goldsmith, Freyd & DePrince, 2012). Callahan et al. (2003), relataram que existe maior presença de ansiedade nos sujeitos vítimas de comportamentos abusivos do que as não vítimas. Em contrapartida com estes dados, os autores Ham-Rowbottom, Gordon, Jarvis, e Novaco (2005), apresentaram resultados, em que a ansiedade e a depressão não estariam directamente associados à violência conjugal. Ainda sobre os sintomas psicopatológicos os autores Arteaga, Fernández-Montalvo e López-Goñi (2015), concluíram que nas relações amorosas onde existia violência que apresentavam ter maiores sintomas que os que não tinham estes comportamentos abusivos nas suas relações de intimidade, congruente com o estudo de Carvalho e Quintas (sd). Neste estudo, pode-se verificar que não existem diferenças significativas entre os grupos que perpetuavam e as vítimas de violência nas relações actuais, no que concerne, às escalas clínicas que avaliam a depressão, a ansiedade, os problemas interpessoais e os sintomas psicopatológicos, deste modo, os resultados não vão ao encontro à literatura.

A escolha do parceiro relacional pode ser realizada de forma a que exista confirmação das crenças que o sujeito tem de si e dos outros, neste âmbito os sujeitos têm tendência a

relacionar-se intimamente com sujeitos que tenham as mesmas características patológicas com o objectivo da perpetuação e continuidade das mesmas. Assim, este tipo de relações podem contribuir para a ocorrência de violência no meio relacional, através de comportamentos que activem os esquemas desadaptativos do outro elemento do casal (Paim, Madalena & Falcke, 2012).

Conclusão

Este estudo, teve como objectivo contribuir para o melhor conhecimento de dois factores que fazem parte de um universo multidimensional que é o conceito da violência. O estudo destes dois, vai contribuir para o melhor conhecimento desta temática nas relações de namoro e possibilitará a utilização do mesmo na intervenção terapêutica, em casais com relações de intimidade.

Através deste podemos concluir que existe uma relação entre, os estilos de Vinculação e o modo como os sujeitos se relacionam, e entre os Esquemas desadaptativos precoces, deste modo é importante perceber as características de cada prática vinculativa como também cada domínio e esquema que o indivíduo integra, para que se consiga perceber os factores intrínsecos e as formas como os indivíduos interagem, assim como, para compreender melhor a perpetuação e vitimização da violência, para que *à posteriori* seja feita a intervenção psicoterapêutica com base nestas informações.

A temática da violência no namoro, actualmente, é muito falada, por ter sido considerada um problema de saúde pública, porém ainda revela muito tabu na população jovem adulta em admitir que sofre ou que perpetua violência. Existem actos violentos que são menosprezados e minimizados pelo casal, contribuindo para a aceitação destes comportamentos no futuro, alimentando o ciclo da violência passando-o para as gerações seguintes, como tal é crucial a prevenção na idade escolar e intervenção aquando estes já se perpetuam na relação. Este menosprezo pode justificar os baixos resultados da violência apresentados, ou seja, existir minimização da gravidade desta por parte dos participantes no preenchimento do questionário, dificultando o seu estudo e, por conseguinte, a sua prevenção e intervenção. Deste modo, é imprescindível a continuação do mesmo em diferentes dimensões que o constituem.

Também se verifica que existe maior percentagem de casais que compartilham o mesmo estilo de vinculação do que nos casais incongruentes. Esta procura de congruência dos estilos de vinculação, está relacionada com as expectativas de respostas que o sujeito pretende confirmar com o companheiro, na perspectiva de encontrar alguém semelhante a si mesmo, o que influencia os comportamentos e as emoções de cada sujeito, deste modo, a congruência vai alterar o modo como os sujeitos se relacionam e por conseguinte a satisfação da relação amorosa, diminuindo assim o conflito e consequentemente a violência na interacção de intimidade. Os sujeitos de Vinculação “Seguro” perpetuam menos violência em detrimento dos outros estilos, tendo maior satisfação a nível relacional, deste modo, a nível de intervenção psicoterapêutica poder-se-á ajudar o sujeito a tornar-se uma pessoa que se avalie a

si e aos Outros de uma forma de valência emocional positiva, conseqüentemente aumentar a sua auto-estima, a confiança em si mesmo, e a estabelecer uma dependência saudável, melhorando o seu bem-estar e a relação com os Outros.

Os esquemas precoces são ideias que as pessoas têm de determinada situação que alteram as suas respostas, a nível comportamental. O conhecimento dos diferentes Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces de cada sujeito, vai contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção psicoterapêutica, a fim de modificar as crenças erróneas presentes nos modelos esquemáticos do mesmo. Conseqüentemente ajudar o mesmo a tornar-se mais “Seguro”, transformando-o em adaptado, para minimizar os incidentes de violência. Resultando deste modo, uma maior satisfação nos relacionamentos amorosos e reduzindo a probabilidade de a violência ser perpetuada nas uniões matrimoniais.

Os resultados deste estudo, podem ser utilizados na intervenção psicoterapêutica, no que concerne à violência nas relações amorosas (de namoro e matrimoniais). Aqui foi possível verificar que os sujeitos seguros apresentam menos esquemas desadaptativos e menor violência nas suas relações. Assim, poder-se-á utilizar a informação das crenças erróneas de cada um, adaptá-lo às circunstâncias, tornando-o mais seguro de si e na relação com os outros, diminuindo por conseguinte os comportamentos violentos, e também utilizar estas informações na prevenção e sobretudo na intervenção desta temática.

Limitações do Estudo

Pode-se atribuir o baixo número de comportamentos violentos verificado no estudo, devido à sensibilidade do tema, à aplicação ser presencial pelo que os participantes poderiam estar constrangidos na presença do investigador, e com medo do seu parceiro em relação ao questionário, com receio de ter conseqüências pelas respostas dadas, uma vez que ambos responderam aos inquéritos, apesar de terem sido executados separadamente e ser assegurada a confidencialidade. Para contornar estas limitações poder-se-iam aplicar os questionários em conjunto mas separadamente para que nenhum dos elementos pudesse visualizar as respostas do outro, assegurando deste modo que não teriam uma ideia preconcebida da temática em estudo, e ainda que nenhum dos elementos aborda-se a temática dos questionários ao parceiro antes deste os preencher.

Outras limitações verificadas dizem respeito ao extenso protocolo administrado aos participantes e à reduzida amostragem, para contornar as mesmas, ter-se-ia que cingir o protocolo aos questionários das variáveis em apreciação e a três escalas clínicas que avaliassem o estado psicológico do participante, e ainda aumentar a amostragem do mesmo.

Estudos Futuros

Através deste estudo, pode-se concluir que, de acordo com a literatura anteriormente mencionada, existe relação entre Violência e Estilos de Vinculação, Violência e Esquemas desadaptativos precoces, assim como nos Estilos de Vinculação e Esquemas desadaptativos precoces. Sendo pertinente observar no futuro a associação entre estas três variáveis, pormenorizando as dimensões que as constituem. Seria interessante verificar se existe violência entre os pais e se a mesma tem alguma ligação à dos filhos que estejam em relação de namoro, para identificar como ocorre esta transmissão intergeracional da mesma, examinar e o grau de influência do factor externo família, assim como dos factores internos aqui aplicados.

Ainda, para futuras pesquisas, deve-se replicar este mesmo estudo, em diferentes populações e em maior número de amostragem, como por exemplo em adolescentes do secundário com ligações amorosas, em jovens adultos com relação de intimidade que trabalham, mas não coabitam, em jovens adultos a viverem juntos, a recém-casados e a sujeitos casados, aplicar ainda na população homossexual, com as diferentes etapas relacionais mencionadas, e ainda estudar a influência dos problemas interpessoais e memória autobiográfica em relação com a violência nas relações amorosas.

Referências

- Alden., L. E., Wiggins., J. S., & Pincus, A. L. (1990). Construction of Circumplex Scales for the Inventory of Interpersonal Problems. *Journal of Personality Assessment*, 55(3,4), 521-536.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Anmuth, L. M. (2011). *Early Maladaptive Schemas and Negative Life Events*. Rowan University.
- Antunes., J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, XXX (1-2), 93-107.
- Arteaga, A., Fernández-Montalvo, J., & López-Goñi, J. J. (2015). Prevalence and Differential Profile of Patients With Drugs Addiction Problems Who Commit Intimate Partner Violence. *The American Journal on Addictions*, 24(8), 756-764.
- Baptista, A. C. (2012). *Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interparental*. ISPA – Instituto Universitário.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Personal and Social Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., Cobb, R. J., & Dutton, D. G. (2015). *Established and emerging perspectives on violence in intimate relationships*. In Mikulincer, Mario (Ed); Shaver, Phillip R. (Ed); Simpson, Jeffrey A. (Ed); Dovidio, John F. (Ed), *APA Handbook of Personality and Social Psychology Volume 3: Interpersonal Relations*. Washington, DC, US: American Psychological Association, 19, 605-630.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Beck, A. T. (1983). *Cognitive therapy of depression: New perspectives*. In P. J. Clayton & J. E. Barrett (Eds.), *Treatment of depression: Old controversies and new approaches*. New York: Raven Press.
- Beck, A. T., & Beamesderfer, A. (1974). Assessment of depression: the depression inventory. *Modern Problems of Pharmacopsychiatry*, 7(0),151-69.

- Beck, A., Ward, C. H., Mendelson, M., Mock, J., & Erbaugh, J. (1961). An inventory for measuring depression. *Archives of General Psychiatry*, 4, 561-571.
- Beck, A.T., Rush, J.A., Shaw, B.F., & Emery, G. (1979). *Cognitive Therapy of Depression*. New York: The Guilford Press.
- Bennett, S., Farrington, D., & Huesmann, L. (2005). Explaining gender differences in crime and violence. *Aggression and violent behaviour*, 10 (3), 263-288.
- Bertoldo, R. B.; Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens, *PsicoUSF*, 11(2).
- Beserra., M. A., Leitão., M. N., Fabião., J. A., Dixe., M. A., Veríssimo., C. M., & Ferriani, M. G. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bosmans, G., Braet, C., & Vlierberghe, L. V. (2010). Attachment and Symptoms of Psychopathology: Early Maladaptive Schemas as a Cognitive Link? *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 17, 374–385.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, Anxiety and Anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect. *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2).
- Brown, S. L., & Bulanda, J. R. (2008). Relationships violence in young adulthood: a comparison of daters, cohabitators, and marrieds. *Social Science Research*, 37, 73-87.
- Cabral, F. B. (2015). *O Entrelaçar de duas Individualidades: Relação entre os Esquemas Precoces Desadaptativos e os Padrões de Vinculação nas Relações Interpessoais*. Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Caetano., A. B., Sá., M. C., Silva., T. M., Amado., R. M., & Santos, S. D. (s.d.). Violência nas relações de namoro: Vitimação e perpetração dos jovens do ensino secundário. *GÉNERO(S) E VIOLÊNCIA(S)*.

- Callahan., M. R., Tolman., R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research, 18(6)*, 664-681.
- Calvete, E., Corral, S., & Estévez, A. (2007). Cognitive and coping mechanisms in the interplay between intimate partner violence and depression. *Anxiety, Stress, & Coping, 20(4)*, 369-382.
- Canavarro, M. C. (1999). *Inventário de sintomas psicopatológicos (BSI): Uma versão crítica dos estudos realizados em Portugal*. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.) *Testes e Provas Psicológicas em Portugal (vol. II; pp. 87-109)*. Braga: SHO/APPORT.
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica propósito da aplicação da adult attachment scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia, 155-186*.
- Caridade., S., & Machado, C. (2012). Violência nas Relações Juvenis de Intimidade: uma revisão da Teoria, da Investigação e da Prática. *Psicologia, XXVII (1)*, 91-113.
- Carlson., B. E., McNutt., L.-A., Choi., D. Y., & Rose, I. M. (2002). Intimate Partner Abuse and Mental Health, The Role of Social Support and Other Protective Factors. *Violence Against Women, 8(6)*, 720-745.
- Carvalho, T. A. (2013). *Determinantes da Satisfação Conjugal: Felicidade, Bem-estar subjetivo, Personalidade e Satisfação sexual*. Centro Regional de Braga, Universidade Católica Portuguesa.
- Carvalho., N., & Quintas, J. (sd). *Perfil Psicológico das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica e suas Repercussões*. Mestrado de Psicologia Forense e da Transgressão na Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e universitário – Departamento de Psicologia do ISCS-N, UnIPSa.
- Cheik, N., Reis, I. T., Heredia, R. A., & Ventura, M. (2003). Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 11(3)*, 45-52.
- Cheung, H., & Power, M. (2012). The development of a New Multidimensional Depression Assessment Scale: Preliminary results. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 19*, 170-178.

- Chorpita, E., & Barlow, D. (1988). The development of anxiety: the role of control in the early environment. *Psychological Bulletin*, *124*(1), 3-21.
- Chiclana, C., & María, C. C. (2013). Evaluación de la Personalidad con el Inventory of Interpersonal Problems (IIP-64). *13º Congreso Virtual de Psiquiatria.com. Interpsiquis*, (pp. 1-11). Universidad San Pablo CEU.
- Cláudio, V. (2004). Da trama das minhas memórias o fio que tece a depressão: Esquecimento dirigido e memória autobiográfica na depressão major. Lisboa: ISPA.
- Cláudio, V. (2009). Domínios de esquemas precoces na Depressão. *Análise Psicológica*, *2* (XXVII), 143-157.
- Coker., A. L., Davis., K. E., Arias., I., Desai., S., Sanderson., M., Brandt., H. M., & Smith, P. H. (2002). Physical and Mental Health Effects of Intimate Partner Violence for Men and Women. *American Journal of Preventive Medicine*, *24*(4), 260-268.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment relationships, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58*, pp. 644-683.
- Colossi., P. M., Razera., J., Haack., K. R., & Falcke, D. (2015). Violência conjugal: prevalência e factores associados; Intimate partner violence: Prevalence and associated factors. *Contextos Clínicos*, *8*(1), 55-66.
- Couto, G., Muniz, M., Vandenberghe, L. M., & Van Hattum, A. C. (2008). Diferenças Relacionadas ao Sexo Observadas no Checklist de Relações Interpessoais - Revisado. *Avaliação Psicológica*, *7*(3), 347-357.
- Dahlberg., L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública - Violence: a global public health problem. *Ciência & Saúde Coletiva*, *11*, 1163-1178.
- Del Toro, M. (2012). *The Influence of Parent-Child Attachment on Romantic Relationships*. McNair Scholar.
- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory (3rd ed.)*. Minneapolis: National Computers Systems.
- Derogatis, L. R. (1982). *Self-report measures of stress*. In L. Goldberger & S. Brenznitz (Eds.), *Handbook of stress*. New York: Free.

- Derogatis, L. R., & Spencer, M. S. (1982). *The Brief Symptom Inventory (BSI): Administration, scoring, and procedures manual-I*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University School of Medicine, Clinical Psychometrics Research Unit.
- DGS. (2014). *Violência Interpessoal: Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Portugal - Lisboa: Direção-Geral de Saúde.
- Dias, A. R. (2012). Repertórios interpretativos sobre o amor: das narrativas culturais às conjugalidades violentas. Dissertação de candidatura ao grau de Doutoramento. Braga: Escola de Psicologia. Universidade do Minho.
- Dias, A. R., & Machado, C. (2014). *Violência conjugal: representações e significados no discurso mediático*. Braga: Departamento de Psicologia, Universidade Minho.
- Dutton, D. G. (1995a). *The domestic assault of women: Psychological and criminal justice perspectives*. Vancouver BC: UBC Press.
- Eberhart., N. K., Auerbach., R. P., Bigda-Peyton., J., & Abela, J. R. (2011). Maladaptive Schemas and Depression: Tests of Stress Generation and Diathesis-Stress Models. *Journal of Social and Clinical Psychology, 30 (1)*, 75-104.
- Fletcher., G. J., Simpson., J. A., Thomas., G., & Giles, L. (1999). Ideals in Intimate Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 76(1)*, 72-89.
- Fonagy, P. (2003). Towards a developmental understanding of violence. *British Journal of Psychiatry, 183*, 190-192.
- Fonseca, M. (2014). *Life Scripts e a sua Associação com Estados de Humor, Género, Vinculação e Relações Interpessoais*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology, 4*, 132–154.
- Freyd., J. J., DePrince., A. P., & Gleaves, D. H. (2007). The state of betrayal trauma theory: Reply to McNally - Conceptual issues and future directions. *Memory, 15 (3)*, 295-311.
- Friedman., E. S., Thase., M. E., & Wright, J. H. (2008, 3ªEd). Cognitive and Behavioral Therapies. *Psychiatry, 1921-1947*.
- Goldsmith., R. E., Chesney., S. A., Heath., N. M., & Barlow, M. R. (2013). Emotion Regulation Difficulties Mediate Associations Between Betrayal Trauma and

- Symptoms of Posttraumatic Stress, Depression, and Anxiety. *Journal of Traumatic Stress*, 26, 376–384.
- Goldsmith., R. E., Freyd., J. J., & DePrince, A. P. (2012). Betrayal Trauma: Associations With Psychological and Physical Symptoms in Young Adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(3), 547–567.
- Gormley, B., & Lopez, F. G. (2010). Correlates of psychological abuse perpetration in college dating relationships. *Journal of College Counseling*, 13(1), 4-16.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M.J., Oliveira, E. & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Cescontexto*, 14-26.
- Ham-Rowbottom., K. A., Gordon., E. E., Jarvis., K. L., & Novaco, R. W. (2005). Life Constraints and Psychological Well-Being of Domestic Violence Shelter Graduates. *Journal of Family Violence*, 20(2), 109-121.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology* , 52(3), 511-524.
- Hepper, E., & Carnelley, K. B. (2012). Attachment and romantic relationships: The role of models of self and other In: The psychology of love. . *Women's Psychology*, 1, 133-154.
- Holahan., C. J., ., R. H., Holahan., C. K., & Brennan, P. L. (1997). Social Context, Coping Strategies, and Depressive Symptoms: An Expanded Model With Cardiac Patients. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(4), 918-928.
- Honari., B., & Saremi, A. A. (2015). The Study of Relationship between Attachment Styles and Obsessive Love Style. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 165, 152 – 159.
- Horowitz, L., Alden, L., Wiggins, J., & Pincus, A. (2000). *IIP - Inventory of Interpersonal*. San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Horowitz, M., H. L., Rosenberg, S. E., & Bartholomew, K. (1993). Interpersonal Problems, Attachment Styles, and Outcome in Brief Dynamic Psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(4), 549-560.
- Ismail., F., Berman., H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating Violence and the Health of YoungWomen: A Feminist Narrative Study. *Health Care for Women International*, 28, 453–477.

- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behaviour*, 4(2), 233-247.
- Jewkes, R. (2002). Preventing sexual violence: A rights-based approach. *The Lancet*, 360, 1092-1093.
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *Journal of Family Violence*, 22(6), 367–381.
- Krug., E. G., Dahlberg., L. L., Mercy., J. A., Zwi., A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization, Geneva.
- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating Violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21 (1), 105-127.
- Lichter, E. L. & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28(4), 344–357.
- Lisboa, M., Carmo, I., Vicente, L., Nóvoa, A., Barros, P. P., Silva, S. M., Roque, A., & Amândio, S. (2006). *Prevenir ou Remediar – Os Custos Sociais e Económicos da Violência Contra as Mulheres*. Lisboa: Colibri.
- Lourenço., N., & Lisboa, M. (1992). *Representações da Violência - Percepção social do grau, da frequência, das causas e das medidas para diminuir a violência em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). Escala de crenças sobre a violência conjugal (E.C.V.C.) e Inventário de violência conjugal (I.V.C.): Escalas de avaliação e manual. *Departamento de psicologia, Universidade do Minho*.
- Manita., C., Ribeiro., C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde*. Lisboa - Av. da República: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Manuel, S. C. (2014). *A Violência no Namoro entre Jovens Adultos*. Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.
- Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. M. (2000b). *I.V.C. – inventário de violência*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

- McDermott, R. C., & Lopez, F. G. (2013). College men's intimate partner violence attitudes: contributions of adult attachment and gender role stress. *Journal of Counseling Psychology*, 60(1), 127–136.
- Mendes, E., & Cláudio V. (2010) Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, 3219-3230.
- Minayo, M. C. S.. (1994) A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (1), 7-18.
- Moura, G. A. (2012). *Violência no Namoro e Estilos Parentais na Adolescência, Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais*. ISPA – Instituto Universitário.
- Muller, R. T. (2009). Trauma and Dimissing (Avoidant) Attachment: Intervention Strategies in Individual Psychotherapy. *Psychotherapy Theory, Research, Practice, Training*, 46(1), 68–81.
- Muller, R., Thornback, K., & Bedi, R. (2012). Attachment as a Mediator between Childhood Maltreatment and Adult Symptomatology. *Journal of Family Violence*, 27, 243–255.
- Murray, C., & Kardatzke, K. (2007). Dating violence among college students: Key issues for college. *Journal of College Counseling*, 10 (1), 79-89.
- O'Leary., K. D., & Smith-Slep, A. M. (2003). A Dyadic Çongitudinal Model of Adolescent Dating Aggression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(3), 314-327.
- Ogilvie., C. A., Newman., E., Todd., L., & Peck, D. (2014). Attachment & violent offending: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 322–339.
- Oleiro, J. (2011). *A intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: A influência do sexo e da idade*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Oliveira, J. A. (2011). *Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. Covilhã - Universidade da Beira Interior, Ciências Sociais e Humanas.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas.

- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011) *Código deontológico*. (ed.) Lisboa: ordem dos psicólogos portugueses.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272
- Portela, T. S. (2015). *Relação Amorosa e Vinculação nos Jovens Adultos*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Psicologia e Ciências da Vida.
- Riskind, J. H. & Alloy, L.B. (2006). Cognitive vulnerability to psychological disorders: Overview of theory, design, and methods. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 25 (7), 705-725.
- Rosinha., L. C., Greve., P., Nascimento., N. H., Lopes., P. G., Calonego., C. A., & Boschi, S. R. (2008). Exercício Resistido, Ansiedade e Depressão em Portadores de Esclerose Múltipla. *Fisioterapia em Movimento*, 21(3), 83-91.
- Safford, S.M., Alloy, L.B., Abramson, L.Y., and Crossfield, A.G. (2007). Negative cognitive style as a predictor of negative life events in depression-prone individuals: A test of the stress generation hypothesis. *Journal of Affective Disorders*, 99, 147-154.
- Santos, J. C. (2013). *Violência no namoro: Conceções e perceções dos jovens em função do género*. Coimbra: Dissertação apresentada à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Schmitt., S., & Imbelloni, M. (2011). *Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea*. Obtido de O Portal dos Psicólogos: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0583
- Schuengel., C., Schipper., J. C., Sterkenburg., P. S., & Kef, S. (2013). Attachment, Intellectual Disabilities and Mental Health: Research, Assessment and Intervention. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 26, 34–46.
- Seeds, P.M. & Dozois, D.J.A. (2010). Prospective evaluation of a cognitive vulnerability-stress model for depression: The interaction of schema self-structures and negative life events. *Journal of Clinical Psychology*, 66 (12), 1307-1323.

- Shaver., P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment & Human Development*, 4(2), 133–161.
- Shaw., S. K., & Dallos, R. (2005). Attachment and adolescent depression: The impact of early attachment experiences. *Attachment & Human Development*, 7(4), 409 – 424.
- Silva, D. R., & Campos, R. (1998). Alguns dados normativos do Inventário de Estado-Traço de Ansiedade - Forma Y (STAI-Y), de Spielberger, para a População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 33, 71-89.
- Silva., A. L., Antunes., J., Peixoto., J., Ferreira., B., Alves., F., & Silva, J. V. (2015). *Manual de formação - Metodologia de Desenvolvimento Holístico CarryOn*. Unidade de Educação Ambiental da Sociedade Portuguesa de Vida Selvagem.
- Silva., G. R., Rodrigues., T. P., Carvalho., D. P., & Lourenço, L. M. (2005). *Um estudo das Crenças no que concerne à utilização de Armas de Fogo enquanto causa da Violência/Agressividade*. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Sousa, M. A. A. (2013). *Preditores de Recuperação nas Perturbações do Comportamento Alimentar: Estudo Prospectivo de Longa Duração*. Tese de Dissertação em Mestrado Integrado em Psicologia, Área de Especialização em Psicologia Clínica. Minho: Escola de Psicologia.
- Spielberger, C. D. (1983). *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory (STAI)*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Staggs, S., & Schewe, P. (2011). *The primary prevention of domestic violence*. In M. Koss, J. White, & A. Kazdin (Eds.). *Violence Against Women And Children, Vol 2: Navigating solutions*. . Washington D.C: APA Books.
- Stanton., S. C., & Campbell, L. (2013). Psychological and Physiological Predictors of Health in Romantic Relationships: An Attachment Perspective. *Journal of Personality*, 82(6), 528-538.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790–811.
- Straus, R. A. (1981). *Symbolic Interaction: The Theoretical Frame of Symbolic Interactions: A Contextualist, Social Science*. Wiley.

- Tarabulsky, G. M., Larose, S., Bernier, A., Trottier-Sylvain, K., Girard, D., Vargas, M., & Noe, C. (2012). Attachment states of mind in late adolescence and the quality and course of romantic relationships in adulthood. *Attachment & Human Development, 14*(6), 621–643.
- Tezel, F. K., Kislak, Ş. T., & Boysan, M. (2015). Relationships between Childhood Traumatic Experiences, Early Maladaptive Schemas and Interpersonal Styles. *Arch Neuropsychiatr, 52*, 226-232.
- Toscano, S. E. (2007). A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: the dynamics of the Circle. *BMC Nursing, 1-12*.
- Walker, L. (1979), *The Battered Woman*, New York, Harper & Row.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 10*(1).
- Waters, E., Crowell, J., Elliott, M., Corcoran, D., & Treboux, D. (2002). Bowlby's secure base theory and the social/personality psychology of attachment styles: Work(s) in progress. *Attachment & Human Development, 4*(2), 230–242.
- Whisman, M. A., & Baucom, D. H. (2012). Intimate Relationships and Psychopathology. *Clinical Child and Family Psychology Review, 15*, 4–13.
- Wingood, G. M., DiClemente, R. J., McCree, D. H., Harrington, K., & Davies, S. L. (2001). Dating Violence and the Sexual Health of Black Adolescent Females. *Pediatrics, 107*(5), 1-4.
- Young, J. E., & Brown, G. (1994). *Young Schema Questionnaire*. In J. E. Young (Ed.), *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach (2nd ed.)*. Sarasota, FL: Professional Resource Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: The Guilford Press.

Anexos

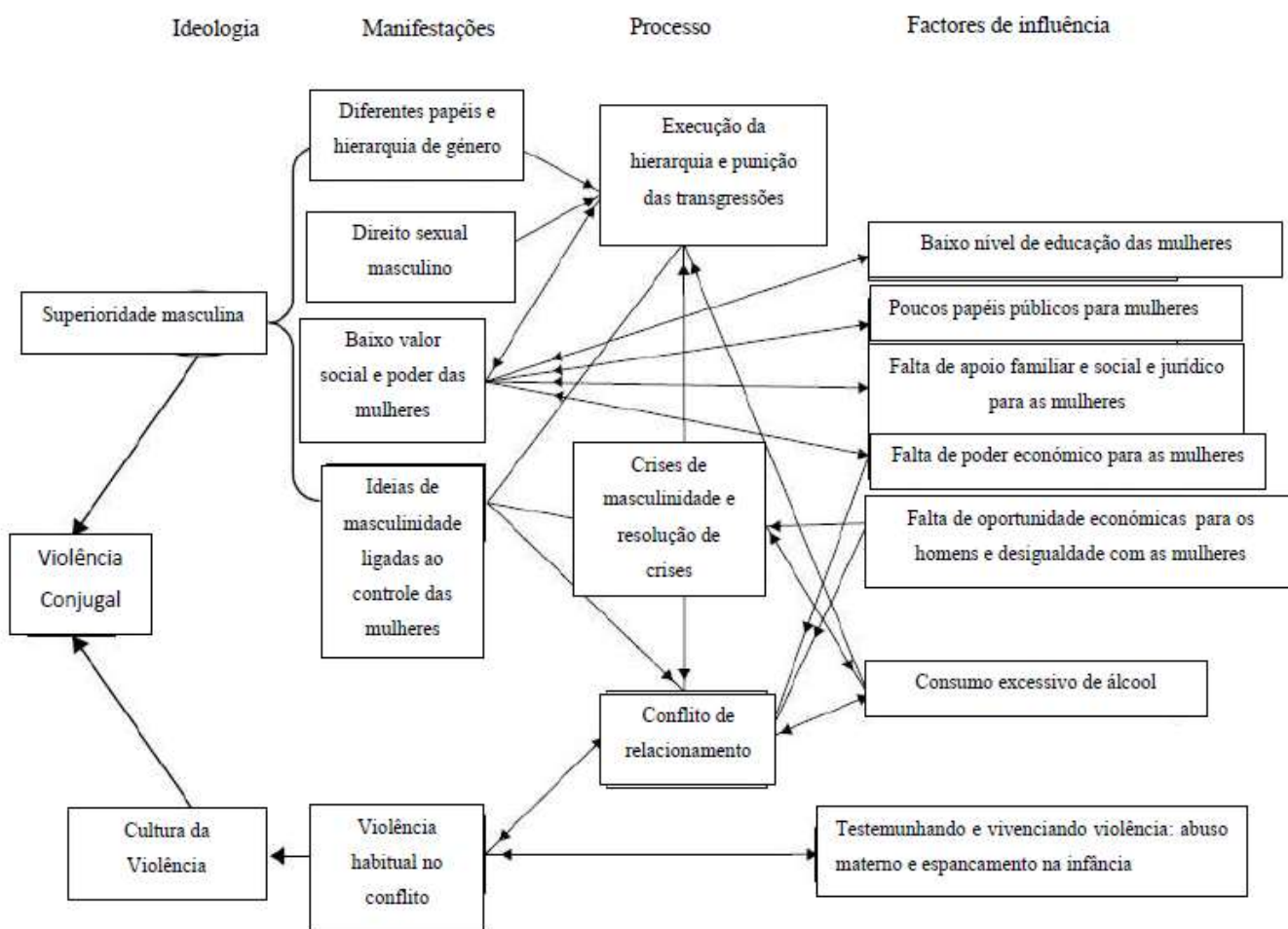
Anexo 1 - Organização Mundial da Saúde Tipologia da Violência (Krug et al, 2002).



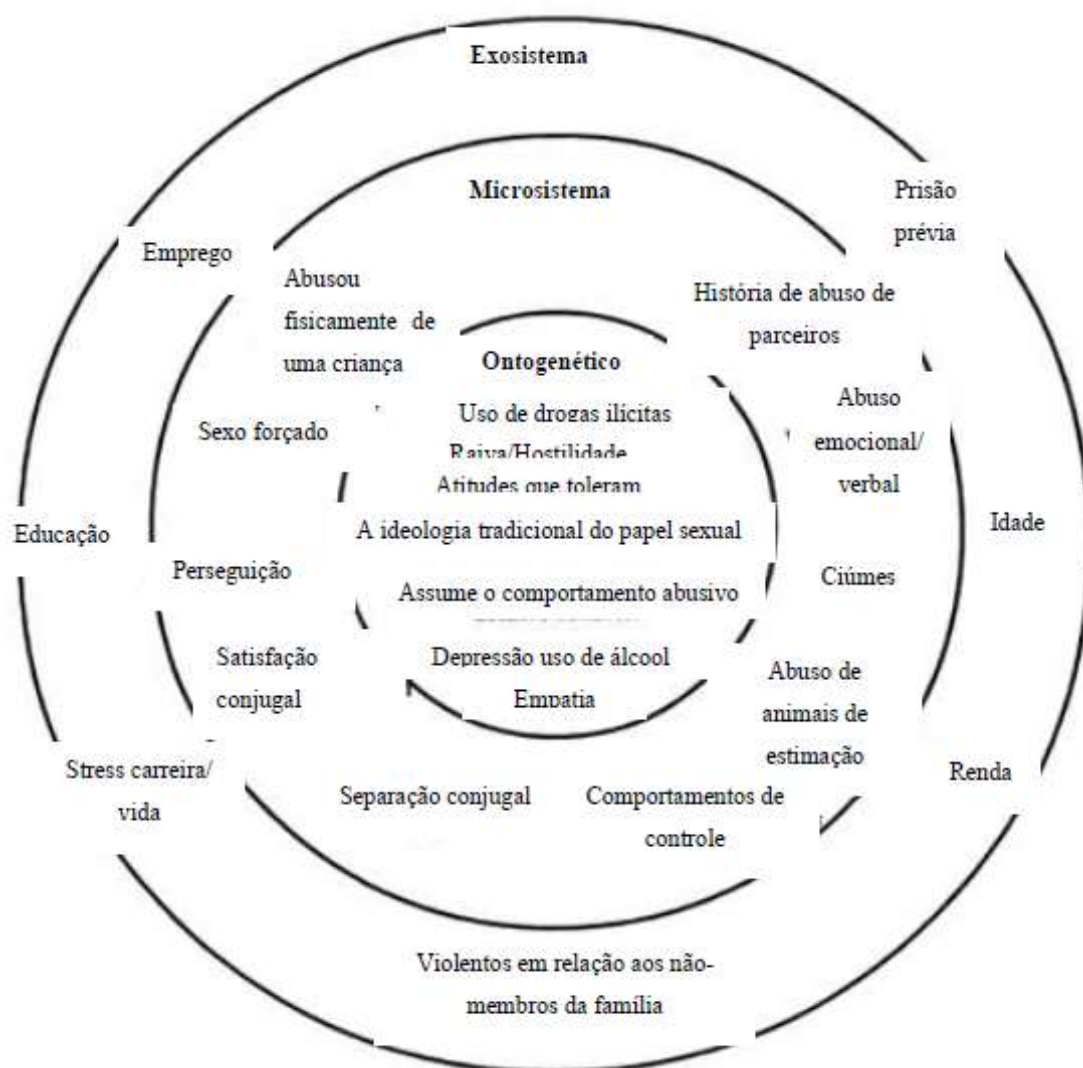
Anexo 2 - Modelo Ecológico da Violência (Krug, et al, 2002).



Anexo 3 - Violência entre parceiros íntimos: causas e prevenção (Jewkes, 2002).



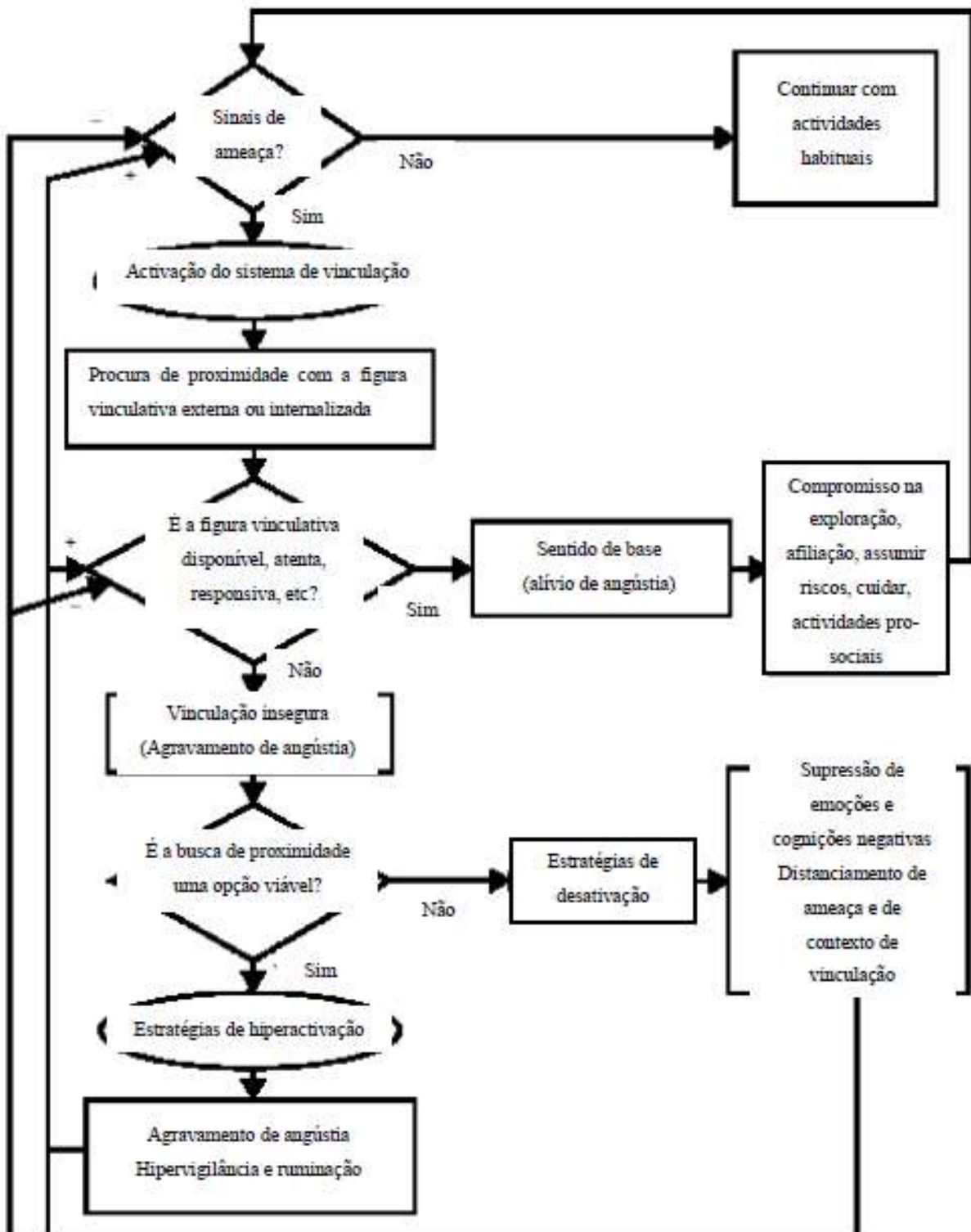
Anexo 4 - Factor de risco do agressor (Dutton, 1995a).



Anexo 5 – Ciclo da Violência (Walker, 1979).



Anexo 6 – Um modelo de activação do sistema de ligação, hiperactivação e desactivação (Shaver & Mikulincer, 2002).



Anexo 7 – Quatro estilos de Vinculação entre os jovens adultos (Bartholomew & Horowitz, 1991).

		Modelo do self	
		Positivo (baixo)	Negativo (elevado)
Modelo do outro (evitamento)	Positivo (baixo)	SEGURO Confortável com a intimidade e a autonomia	PREOCUPADO/ANSIOSO Preocupado Ambivalente Muito dependente
	Negativo (elevado)	DESLIGADO Negação da vinculação Desligado da intimidade Oposição à dependência	RECEOSO/EVITANTE Receio da vinculação Evitante a nível íntimo Evitante a nível social

Anexo 8 – Caracterização da Amostra

SEXO					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Feminino	27	50,0	50,0	50,0
	Masculino	27	50,0	50,0	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Idade					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	18	1	1,9	1,9	1,9
	19	3	5,6	5,6	7,4
	20	10	18,5	18,5	25,9
	21	12	22,2	22,2	48,1
	22	5	9,3	9,3	57,4
	23	8	14,8	14,8	72,2
	24	6	11,1	11,1	83,3
	25	6	11,1	11,1	94,4
	27	1	1,9	1,9	96,3
	28	2	3,7	3,7	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Profissão					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Estudante	34	63,0	63,0	63,0
	Trabalhador/Estudante	8	14,8	14,8	77,8
	Trabalhador	12	22,2	22,2	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

		Universidade			
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	ISPA-IU	7	13,0	16,7	16,7
	Universidade de Lisboa	4	7,4	9,5	26,2
	Católica	1	1,9	2,4	28,6
	IADE	1	1,9	2,4	31,0
	ISCTE-IUL	2	3,7	4,8	35,7
	Universidade NOVA de Lisboa IMS	1	1,9	2,4	38,1
	Universidade NOVA de Lisboa FCSH	1	1,9	2,4	40,5
	ISEL	2	3,7	4,8	45,2
	Universidade Lusíada de Lisboa	2	3,7	4,8	50,0
	Escola Superior de Educação de Lisboa	3	5,6	7,1	57,1
	ESTeSL	5	9,3	11,9	69,0
	CINEL	1	1,9	2,4	71,4
	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	3	5,6	7,1	78,6
	Universidade Lusófona	1	1,9	2,4	81,0
	Instituto Superior Técnico	2	3,7	4,8	85,7
	Instituto Superior de Ciências sa Saúde Egas Moniz	1	1,9	2,4	88,1
	Universidade de Direito de Lisboa	1	1,9	2,4	90,5
	Universidade NOVA de Lisboa FCT	1	1,9	2,4	92,9
	Escola Superior Comunicação Social	1	1,9	2,4	95,2
	Universidade Europeia	1	1,9	2,4	97,6
	Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa	1	1,9	2,4	100,0
	Total	42	77,8	100,0	
Omisso	Não Aplicável	12	22,2		
Total		54	100,0		

Local de Emprego					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Técnicos e Profissionais de nível intermédio	4	7,4	20,0	20,0
	Serviços e Vendedores	13	24,1	65,0	85,0
	Desempregado	1	1,9	5,0	90,0
	Serviço Militar	1	1,9	5,0	95,0
	Jogador de Futebol Profissional	1	1,9	5,0	100,0
	Total	20	37,0	100,0	
Omisso	Não Aplicável	34	63,0		
Total		54	100,0		

Escolaridade					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	4º ano	1	1,9	1,9	1,9
	9º ano	2	3,7	3,7	5,6
	12º ano	32	59,3	59,3	64,8
	Bacharelato/Licenciatura	16	29,6	29,6	94,4
	Mestrado	3	5,6	5,6	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Nacionalidade					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Portuguesa	51	94,4	94,4	94,4
	Luso-Belga	1	1,9	1,9	96,3
	Luso-Ucraniano	1	1,9	1,9	98,1
	Luso- Suíço	1	1,9	1,9	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Localidade de Residência					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Lisboa	46	85,2	85,2	85,2
	Setúbal	7	13,0	13,0	98,1
	Santarém	1	1,9	1,9	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Tempo de Namoro					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	,42	2	3,7	3,7	3,7
	,50	2	3,7	3,7	7,4
	1,03	2	3,7	3,7	11,1
	1,08	2	3,7	3,7	14,8
	1,42	2	3,7	3,7	18,5
	1,58	2	3,7	3,7	22,2
	1,67	2	3,7	3,7	25,9
	1,83	2	3,7	3,7	29,6
	1,92	2	3,7	3,7	33,3
	2,00	10	18,5	18,5	51,9
	2,83	2	3,7	3,7	55,6
	3,00	4	7,4	7,4	63,0
	3,08	2	3,7	3,7	66,7
	3,50	4	7,4	7,4	74,1
	3,75	2	3,7	3,7	77,8
	4,00	2	3,7	3,7	81,5
	4,25	2	3,7	3,7	85,2
	5,08	4	7,4	7,4	92,6
	7,00	2	3,7	3,7	96,3
	10,00	2	3,7	3,7	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Consumos					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Álcool	21	38,9	38,9	38,9
	Tabaco	5	9,3	9,3	48,1
	Não tem consumos	24	44,4	44,4	92,6
	Álcool + Tabaco	4	7,4	7,4	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Regularidade por semana					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	1-4 vezes por semana	19	35,2	63,3	63,3
	5-8 vezes por semana	3	5,6	10,0	73,3
	Todos os dias	6	11,1	20,0	93,3
	1 vez em quatro semanas	2	3,7	6,7	100,0
	Total	30	55,6	100,0	
Omisso	Não Aplicável	24	44,4		
Total		54	100,0		

Toma alguma medicação					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Actualmente toma medicação	1	1,9	1,9	1,9
	No passado tomou medicação	7	13,0	13,0	14,8
	Nunca tomou medicação psicofarmacológica	46	85,2	85,2	100,0
	Total	54	100,0	100,0	

Medicação, Actualmente, desde quando?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	5	1	1,9	100,0	100,0
Omisso	99	53	98,1		
Total		54	100,0		

Medicação, No passado, Quando?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	0	1	1,9	14,3	14,3
	1	1	1,9	14,3	28,6
	2	1	1,9	14,3	42,9
	4	1	1,9	14,3	57,1
	6	2	3,7	28,6	85,7
	11	1	1,9	14,3	100,0
	Total	7	13,0	100,0	
Omisso	99	47	87,0		
Total		54	100,0		

Esteve ou está em acompanhamento terapêutico					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Actualmente está em acompanhamento psicoterapêutico	4	7,4	7,4	7,4
	No passado esteve em acompanhamento psicoterapêutico	7	13,0	13,0	20,4
	Nunca esteve em acompanhamento psicoterapêutico	42	77,8	77,8	98,1
	Está e já esteve em acompanhamento psicoterapêutico	1	1,9	1,9	100,0
Total		54	100,0	100,0	

Actualmente, Desde quando?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	,08	3	5,6	60,0	60,0
	Há 25- 30 meses	1	1,9	20,0	80,0
	Há 73- 78 meses	1	1,9	20,0	100,0
	Total	5	9,3	100,0	
Omisso	Não aplicável	49	90,7		
Total		54	100,0		

No passado, Quando?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	,25	1	1,9	12,5	12,5
	Há 0- 6 meses	2	3,7	25,0	37,5
	1,50	1	1,9	12,5	50,0
	Há 19- 24 meses	1	1,9	12,5	62,5
	Há 31- 36 meses	2	3,7	25,0	87,5
	Há 61- 66 meses	1	1,9	12,5	100,0
	Total	8	14,8	100,0	
Omisso	Não aplicável	46	85,2		
Total		54	100,0		

Anexo 9 – Consentimento informado

Exmo(a). Participante:

Eu, Inês do Amaral Ribeiro, Licenciada em Psicologia, frequentando no presente o Mestrado de Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), sob orientação do Prof. Doutor Victor Cláudio solicito o seu consentimento para a recolha de dados através de um protocolo.

O presente aborda o tema “Estilos de vinculação no namoro”, deste modo solicito a sua participação. A participação neste estudo consiste no preenchimento do protocolo, que está relacionado com o tema em estudo.

A participação é de carácter voluntário, informo que a qualquer momento do estudo poderá solicitar a anulação da sua participação, e assegurarei o seu anonimato e confidencialidade. Os dados serão apresentados porém estes serão de todos os participantes que integram o estudo, deste modo não será possível relacionar o protocolo com o participante que o realizou.

A qualquer momento do estudo disponibilizarei qualquer informação que surja sobre o protocolo ou sobre o estudo através do contacto electrónico inesamaralribeiro@gmail.com.

A realização deste protocolo despenderá de aproximadamente 30 minutos do participante.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar ou alunar a participação neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

/_____/_____

Grata desde já pela colaboração,

Atentamente,

(Inês Ribeiro)

Anexo 10 – Questionário Sociodemográfico

--	--	--

Este questionário tem o intuito de recolher informação acerca do participante que não interfira com a quebra de confidencialidade, onde a informação adquirida será para caracterização da população em estudo e para dados relacionais para o estudo.

Data de aplicação:

_____ / _____ / _____

Género:

Masculino

Feminino

Idade:

Profissão:

Estudante

Trabalhador/Estudante

Outro: _____

Universidade: _____

Local de emprego: _____

Escolaridade:

4ºano

6ºano

9ºano

12ºano

Bacharelato/Licenciatura

Mestrado

Pós-graduação

Doutoramento

Nacionalidade:

Portuguesa

Outra: _____

Localidade de residência:

Tempo de namoro:

[00; 06[meses

[60; 66[meses

[06; 12[meses

[66; 72[meses

[12; 18[meses

[72; 78[meses

[18; 24[meses

[78; 84[meses

[24; 30[meses

[84; 90[meses

[30; 36[meses

[90; 96[meses

[36; 42[meses

[96; 102[meses

[42; 48[meses

[102; 108[meses

[48; 54[meses

[108; 114[meses

[54; 60[meses

[114; 120[meses

INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações sobre comportamentos que podem ocorrer entre os membros de uma relação amorosa. Pede-se que **leia atentamente** essas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como pensa que deveria ser.**

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

As respostas a este inquérito são **absolutamente anónimas.**

Obrigado pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, **sem indicar o seu nome.**

Idade: _____ Sexo: M F Curso: _____ Ano: _____

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) / União de facto
Divorciado(a) / Separado(a) Viúvo(a)

Profissão (se não for economicamente autónomo, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis): _____

NOTA:

Informa-se que o presente estudo terá uma 2.ª fase, em que, em conversa com grupos distintos de homens e mulheres, iremos procurar discutir e analisar algumas das questões subjacentes a esta temática. Assim sendo, quem quiser colaborar igualmente nesta 2.ª fase do estudo, deverá preencher os dados que se seguem:

Nome (primeiro e último): _____

Contacto (s): Telef. _____ / _____ mail: _____

A. Em relação a cada um dos comportamentos abaixo indicados, por favor indique os que já usou com o seu parceiro(a) atual e os que o seu parceiro(a) já usou consigo, reportando-se ao último ano. No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

Caso não esteja atualmente envolvido numa relação amorosa, por favor prossiga para a parte B (pág.7) deste questionário.

1 - Puxar os cabelos com força

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

3 - Dar uma bofetada

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

4 - Apertar o pescoço

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez
Uma única vez Mais do que uma vez

6 - Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual
Uma única vez Mais do que uma vez

- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez
Uma única vez Mais do que uma vez

7 - Acordar a meio da noite, para causar medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual
Uma única vez Mais do que uma vez

- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez
Uma única vez Mais do que uma vez

8 - Dar um murro

- a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual
Uma única vez Mais do que uma vez

9 - Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

10 - Atirar com objetos à outra pessoa

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

11 - Dar uma sova

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

12 - Dar pontapés ou cabeçadas

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

13 - Dar empurrões violentos

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica

(especificar _____)

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez Mais do que uma vez

17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica

(especificar _____)

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez Mais do que uma vez

18 - Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez Mais do que uma vez

19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas cotidianas

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

21 - Outros (especificar: _____)

a) Nunca fiz na minha relação atual Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

B. Em relação a cada um dos comportamentos abaixo apresentados, por favor indique os que já ocorreram no contexto de qualquer relação amorosa que já tenha mantido no passado (excluindo a sua relação atual).

No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

1 - Puxar os cabelos com força

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

3 - Dar uma bofetada

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

4 - Apertar o pescoço

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

6 - Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo.

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

7 - Acordar a meio da noite, para causar medo

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

8 - Dar um murro

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

9 - Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

10 - Atirar com objetos à outra pessoa

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

11 - Dar uma sova

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

12 - Dar pontapés ou cabeçadas

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

13 - Dar empurrões violentos

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica

(especificar _____)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica

(especificar _____)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

18 - Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

21 - Outros (especificar: _____)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

Informação adicional:

1. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido na sua **relação atual** durante o último ano, por favor indique o tipo de ligação que mantém com essa pessoa:

Casamento/união de facto Divórcio/separação Ligação afectiva sem coabitação

2. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido em **qualquer relação do seu passado**, por favor indique o tipo de ligação que mantinha então com essa pessoa:

Casamento/união de facto Divórcio/separação Ligação afectiva sem coabitação

<p>3. Já mantive alguma relação amorosa <input type="checkbox"/></p>	<p>Nunca mantive uma relação amorosa <input type="checkbox"/></p>
--	---

NÃO COPIAR

Anexo 12- Inventário de Depressão de Beck (BDI)

Neste questionário existem grupos de quatro afirmações.
Por favor, leia cuidadosamente cada uma delas. A seguir seleccione a afirmação, em cada grupo, que melhor descreve como se sentiu **NA SEMANA QUE PASSOU, INCLUINDO O DIA DE HOJE**. Desenhe um círculo em torno do número ao lado da afirmação seleccionada. Se escolher dentro de cada grupo várias afirmações, faça um círculo em cada uma delas. Certifique-se que leu todas as afirmações de cada grupo antes de fazer a sua escolha.

1. 0 Não me sinto triste.
1 Sinto-me triste.
2 Sinto-me triste o tempo todo e não consigo evitá-lo.
3 Sinto-me tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

2. 0 Não estou particularmente desencorajado(a) em relação ao futuro.
1 Sinto-me desencorajado(a) em relação ao futuro.
2 Sinto que não tenho nada a esperar.
3 Sinto que o futuro é sem esperança e que as coisas não podem melhorar.

3. 0 Não me sinto fracassado(a).
1 Sinto que falhei mais do que um indivíduo médio.
2 Quando analiso a minha vida passada, tudo o que vejo é uma quantidade de fracassos.
3 Sinto que sou um completo fracasso.

4. 0 Eu tenho tanta satisfação nas coisas como antes.
1 Não tenho satisfação com as coisas como costumava ter.
2 Não consigo sentir verdadeira satisfação com coisa alguma.
3 Estou insatisfeito(a) ou entediado(a) com tudo.

5. 0 Não me sinto particularmente culpado(a).
1 Sinto-me culpado(a) grande parte do tempo.
2 Sinto-me bastante culpado(a) a maior parte do tempo.
3 Sinto-me culpado(a) o tempo todo.

6. 0 Não sinto que esteja a ser punido(a).
1 Sinto que posso ser punido(a).
2 Sinto que mereço ser punido(a).
3 Sinto que estou a ser punido(a).

7. 0 Não me sinto desapontado(a) comigo mesmo(a).
1 Sinto-me desapontado(a) comigo mesmo(a).
2 Sinto-me desgostoso(a) comigo mesmo(a).
3 Eu odeio-me.

8. 0 Não sinto que seja pior que qualquer outra pessoa.
1 Critico-me pelas minhas fraquezas ou erros.
2 Culpo-me constantemente pelas minhas faltas.
3 Culpo-me de todas as coisas más que acontecem.
9. 0 Não tenho qualquer ideia de me matar.
1 Tenho ideias de me matar, mas não sou capaz de as concretizar.
2 Gostaria de me matar.
3 Eu matar-me-ia se tivesse uma oportunidade.
10. 0 Não costumo chorar mais do que o habitual.
1 Choro mais agora do que costumava fazer.
2 Actualmente, choro o tempo todo.
3 Eu costumava conseguir chorar, mas agora não consigo, ainda que queira.
11. 0 Não me irrita mais do que costumava.
1 Fico aborrecido(a) ou irritado(a) mais facilmente do que costumava.
2 Actualmente, sinto-me permanentemente irritado(a).
3 Já não consigo ficar irritado(a) com as coisas que antes me irritavam.
12. 0 Não perdi o interesse nas outras pessoas.
1 Interesse-me menos do que costumava pelas outras pessoas.
2 Perdi a maior parte do interesse nas outras pessoas.
3 Perdi todo o meu interesse nas outras pessoas.
13. 0 Tomo decisões tão bem como antes.
1 Adio as minhas decisões mais do que costumava.
2 Tenho maior dificuldade em tomar decisões do que antes.
3 Já não consigo tomar qualquer decisão.
14. 0 Não sinto que a minha aparência seja pior do que costumava ser.
1 Preocupo-me porque estou a parecer velho(a) ou nada atraente.
2 Sinto que há mudanças permanentes na minha aparência que me tornam nada atraente
3 Considero-me feio(a).
15. 0 Sou capaz de trabalhar tão bem como antes.
1 Preciso de um esforço extra para começar qualquer coisa.
2 Tenho que me forçar muito para fazer qualquer coisa.
3 Não consigo fazer nenhum trabalho.

16. 0 Durmo tão bem como habitualmente.
1 Não durmo tão bem como costumava.
2 Acordo uma ou duas horas mais cedo do que o habitual e tenho dificuldade em voltar a adormecer.
3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e não consigo voltar a dormir.
17. 0 Não fico mais cansado(a) do que é habitual.
1 Fico cansado(a) com mais facilidade do que antes.
2 Fico cansado(a) ao fazer quase tudo.
3 Estou demasiado cansado(a) para fazer qualquer coisa.
18. 0 O meu apetite é o mesmo de sempre.
1 Não tenho tanto apetite como costumava ter.
2 O meu apetite, agora, está muito pior.
3 Perdi completamente o apetite.
19. 0 Não perdi muito peso, se é que perdi algum ultimamente.
1 Perdi mais de 2,5 Kg.
2 Perdi mais de 5 Kg.
3 Perdi mais de 7,5 Kg.
Estou propositadamente a tentar perder, comendo menos. Sim___ Não___
20. 0 A minha saúde não me preocupa mais do que o habitual.
1 Preocupo-me com problemas físicos, como dores e aflições, má disposição do estômago ou prisão de ventre.
2 Estou muito preocupado(a) com problemas físicos e torna-se difícil pensar em outra coisa.
3 Estou tão preocupado(a) com os meus problemas físicos que não consigo pensar em qualquer outra coisa.
21. 0 Não tenho observado qualquer alteração recente no meu interesse sexual.
1 Estou menos interessado(a) na vida sexual do que costumava.
2 Sinto-me, actualmente, muito menos interessado(a) pela vida sexual.
3 Perdi completamente o interesse na vida sexual.

Anexo 13 - Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

Escala de Vinculação do Adulto

EVA - M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. <u>Não</u> me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sinto-me de alguma forma <u>desconfortável</u> quando me aproximo das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fico <u>incomodado</u> quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 14 - Inventário de Ansiedade Estado e Traço- Forma Y (STAI-Y)

DATA: ____ / ____ / ____

Nº _____

INSTRUÇÕES: Em baixo tem uma série de frases que são habitualmente utilizadas para descrever pessoas. Leia cada uma delas e assinale com uma cruz (X) o algarismo da direita que melhor indica **COMO SE SENTE NESTE MOMENTO**. Não há respostas certas ou erradas. Não demore muito tempo com cada frase; responda de modo a descrever o melhor possível a maneira **COMO SE SENTE AGORA**.

	NADA	UM POUCO	MODERADA MENTE	MUITO
1. Sinto-me calmo	1	2	3	4
2. Sinto-me seguro	1	2	3	4
3. Estou tenso	1	2	3	4
4. Sinto-me cansado	1	2	3	4
5. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
6. Sinto-me perturbado	1	2	3	4
7. Presentemente, preocupo-me com possíveis desgraças	1	2	3	4
8. Sinto-me satisfeito	1	2	3	4
9. Sinto-me amedrontado	1	2	3	4
10. Sinto-me confortável	1	2	3	4
11. Sinto-me auto-confiante	1	2	3	4
12. Sinto-me nervoso	1	2	3	4
13. Sinto-me trémulo	1	2	3	4
14. Sinto-me indeciso	1	2	3	4
15. Sinto-me descontraído	1	2	3	4
16. Sinto-me contente	1	2	3	4
17. Estou preocupado	1	2	3	4
18. Sinto-me confuso	1	2	3	4
19. Sinto-me firme	1	2	3	4
20. Sinto-me bem	1	2	3	4

INSTRUÇÕES: Em baixo tem uma série de frases que são habitualmente utilizadas para descrever pessoas. Leia cada uma delas e assinale com uma cruz (X) o algarismo da direita que melhor indica COMO SE SENTE HABITUALMENTE. Não há respostas certas ou erradas. Não demore muito tempo com cada frase; responda de modo a descrever o melhor possível a maneira COMO SE SENTE HABITUALMENTE.

	NADA	UM POUCO	MODERADA MENTE	MUITO
1. Sinto-me bem	1	2	3	4
2. Sinto-me nervoso e agitado	1	2	3	4
3. Sinto-me satisfeito comigo mesmo	1	2	3	4
4. Gostava de ser tão feliz como os outros parecem ser	1	2	3	4
5. Sinto-me fãlhado	1	2	3	4
6. Sinto-me tranquilo	1	2	3	4
7. Estou "calmo, fresco e concentrado"	1	2	3	4
8. Sinto que as dificuldades se acumulam de tal forma, que não as consigo ultrapassar	1	2	3	4
9. Preocupo-me demais com coisas que na realidade não têm importância	1	2	3	4
10. Estou feliz	1	2	3	4
11. Tenho pensamentos que me perturbam	1	2	3	4
12. Falta-me auto-confiança	1	2	3	4
13. Sinto-me seguro	1	2	3	4
14. Tomo decisões facilmente	1	2	3	4
15. Sinto-me inadequado	1	2	3	4
16. Estou contente	1	2	3	4
17. Passam-me pela cabeça pensamentos sem importância que me perturbam	1	2	3	4
18. As contrariedades afectam-me de modo tão intenso que não consigo afastá-las da minha mente	1	2	3	4
19. Sou uma pessoa firme	1	2	3	4
20. Fico tenso e perturbado quando penso nas minhas preocupações e interesses actuais	1	2	3	4

Anexo 15 - Inventário de Problemas Interpessoais (IIP-64)

Problemas Interpessoais IIP

Esta é uma lista de alguns problemas no relacionamento com os outros, que as pessoas às vezes referem. Leia a lista que se segue e considere para cada item se esse determinado problemas constituiu um problema para si relativamente a uma pessoa significativa na sua vida. Depois escolha o número que descreve a forma como esse problema tem sido perturbador para si e faça um círculo à volta desse número.

Exemplo:		De que forma se sente perturbado/a por este problema?				
É difícil para mim:		de forma alguma	um pouco	moderadamente	bastante	extremamente
		0	1	2	3	4
00	relacionar-me com os meus familiares					

PARTE 1: A lista que se segue diz respeito aos aspectos que considera difíceis de fazer com as outras pessoas						
É difícil para mim:		de forma alguma	um pouco	moderadamente	bastante	extremamente
		0	1	2	3	4
01	confiar nas outras pessoas	0	1	2	3	4
02	dizer não às outras pessoas	0	1	2	3	4
03	juntar-me em grupo	0	1	2	3	4
04	manter a privacidade dos meus assuntos	0	1	2	3	4
05	fazer com que as outras pessoas saibam aquilo que eu quero	0	1	2	3	4
06	Dizer a uma pessoa que pare de me aborrecer	0	1	2	3	4
07	Apresentar-me a pessoas novas	0	1	2	3	4
08	Confrontar as pessoas com os problemas que aparecem	0	1	2	3	4
09	Ser assertivo/a com as outras pessoas	0	1	2	3	4
10	Deixar que os outros se apercebam quando estou zangado/a	0	1	2	3	4
11	Comprometer-me a longo prazo com outra pessoa	0	1	2	3	4
12	Ser o/a chefe de outra pessoa	0	1	2	3	4
13	Ser agressivo/a com uma pessoa quando a situação o exige	0	1	2	3	4
14	Socializar com as outras pessoas	0	1	2	3	4
15	Mostrar afecto pelos outros	0	1	2	3	4
16	Manter-me firme quanto ao meu ponto de vista e não me deixar persuadir pelos outros	0	1	2	3	4
17	Relacionar-me com as outras pessoas	0	1	2	3	4
18	Compreender o ponto de vista das outras pessoas	0	1	2	3	4
19	Ser firme quando preciso de o ser	0	1	2	3	4
20	Experenciar um sentimento de amor por outra pessoa	0	1	2	3	4
21	Estabelecer limites com outra pessoa	0	1	2	3	4
22	Ser apoiante relativamente aos objectivos de vida de outra pessoa	0	1	2	3	4
23	Sentir-me próximo/a de outras pessoas	0	1	2	3	4
24	Preocupar-me realmente com os problemas dos outros	0	1	2	3	4
25	Discutir com outra pessoa	0	1	2	3	4
26	Passar tempo sozinho/a	0	1	2	3	4
27	Dar um presente a outra pessoa	0	1	2	3	4
28	Permitir-me sentir zangado/a com uma pessoa de quem gosto	0	1	2	3	4
29	Pôr as necessidades dos outros à frente das minhas	0	1	2	3	4

É difícil para mim		de forma alguma	um pouco	moderadamente	bastante	extremamente
30	Falar de coisas pessoais com outras pessoas	0	1	2	3	4
31	Receber instruções de pessoas que têm autoridade sobre mim	0	1	2	3	4
32	Sentir-me bem com a felicidade de outra pessoa	0	1	2	3	4
33	Pedir a outras pessoas para se envolverem socialmente comigo	0	1	2	3	4
34	Sentir-me zangado/a com as outras pessoas	0	1	2	3	4
35	Abrir-me e falar dos meus sentimentos às outras pessoas	0	1	2	3	4
36	Desculpar os outros após ter-me zangado com eles	0	1	2	3	4
37	Preocupar-me com o meu bem-estar quando outra pessoa está necessitada	0	1	2	3	4
38	Ser assertivo/a sem me preocupar em magoar os outros	0	1	2	3	4
39	Ser auto-confiante quando estou com os outros	0	1	2	3	4
PARTE 2: Segue-se os aspectos que faz em demasia						
40	Discuto demasiado com as outras pessoas	0	1	2	3	4
41	Sinto-me demasiado responsável em resolver os problemas dos outros	0	1	2	3	4
42	Sou facilmente influenciado pelas outras pessoas	0	1	2	3	4
43	Abro-me demais com as outras pessoas	0	1	2	3	4
44	Sou demasiado independente	0	1	2	3	4
45	Sou demasiado agressivo/a com as outras pessoas	0	1	2	3	4
46	Tento agradar demasiadamente aos outros	0	1	2	3	4
47	Sou demasiado brincalhão	0	1	2	3	4
48	Quero muito que reparem em mim	0	1	2	3	4
49	Confio demais nas outras pessoas	0	1	2	3	4
50	Tento controlar demasiadamente as outras pessoas	0	1	2	3	4
51	Frequentemente ponho as necessidades das outras pessoas à frente das minhas	0	1	2	3	4
52	Tento frequentemente mudar as outras pessoas	0	1	2	3	4
53	Sou demasiado ingénuo/a	0	1	2	3	4
54	Sou demasiado generoso/a com as outras pessoas	0	1	2	3	4
55	Tenho muito medo das outras pessoas	0	1	2	3	4
56	Sou demasiado desconfiado em relação às outras pessoas	0	1	2	3	4
57	Frequentemente manipulo as outras pessoas para obter o que eu quero	0	1	2	3	4
58	Conto frequentemente a minha vida pessoal às outras pessoas	0	1	2	3	4
59	Discuto muito com as outras pessoas	0	1	2	3	4
60	Frequentemente mantenho-me distante das outras pessoas	0	1	2	3	4
61	Frequentemente deixo que os outros tirem partido de mim	0	1	2	3	4
62	Fico muito embaraçado/a quando estou com outras pessoas	0	1	2	3	4
63	Sou muito afectado/a pelo sofrimento das outras pessoas	0	1	2	3	4
64	Frequentemente quero vingar-me das outras pessoas	0	1	2	3	4

Anexo 16 - Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

BSI

L.R. Derogatis, 1993; Versão: M.C. Canavarro, 1995

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Desmaios ou tonturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Medo na rua ou praças públicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensamentos de acabar com a vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Perder o apetite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ter um medo súbito sem razão para isso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ter impulsos que não se podem controlar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sentir-se sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentir-se triste	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter interesse por nada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentir-se atemorizado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Sentir-se inferior aos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Dificuldade em adormecer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
27. Dificuldade em tomar decisões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sensação de que lhe falta o ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Calafrios ou afrontamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sensação de vazio na cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Ter dificuldade em se concentrar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Falta de forças em partes do corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Grande dificuldade em sentir-se "próximo" de outra pessoa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Ter ataques de terror ou pânico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Entrar facilmente em discussão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sentir que não tem valor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Ter sentimentos de culpa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 17 - Questionário de Esquemas de Young (QE)

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas frases que podem ou não ajudar a pessoa na descrição de si mesma. Leia, por favor, cada uma delas e decida até que ponto se lhe ajusta e serve para o(a) descrever. Quando tiver dificuldade responda com base na emoção que sente e não no que racionalmente acredita ser ou não verdadeiro.

Se desejar, pode reescrever a frase por palavras suas de forma a ficar mais verdadeiro para o seu caso. Escolha de seguida, de 1 a 6 na escala de resposta, o grau que melhor descrever ao longo da sua vida a sua forma mais habitual de ser e coloque o número no espaço indicado pelo traço.

EXEMPLO:

Preocupo-me que as pessoas de quem eu gosto, não gostem de mim. 5

PRESTE ATENÇÃO POR FAVOR

Ao decidir se uma frase é característica da sua maneira habitual de encarar as coisas, lembre-se como você é a maior parte das vezes, isto é, a sua maneira habitual e não o seu estado de espírito de momento.

Porque as pessoas são diferentes não há respostas certas ou erradas. Procure responder de uma forma verdadeira, rápida e espontânea a cada questão.

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.
2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.
3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.
5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.
6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

A I

1. Não consigo fazer a minha vida sem ajuda dos outros ____
2. Preciso da ajuda das outras pessoas ____
3. Sinto que não consigo resolver os meus problemas sozinho ____
4. Acredito que os outros sabem melhor que eu tomar conta de mim ____
5. Preciso da orientação de outra pessoa sempre que tenho de lidar com uma situação nova ____
6. Vejo-me como uma pessoa dependente ____

A II

7. Não interfiro na maneira de ser das outras pessoas ____
8. Sinto que se fizer o que quero vou arranjar sarilhos ____
9. Sinto que não tenho outro remédio senão fazer a vontade aos outros ____
10. Ponho os interesses dos outros antes dos meus ____
11. Nas minhas relações com os outros deixo que estes me dominem ____
12. É-me difícil ser eu mesmo(a) quando estou com os outros ____
13. Na verdade não sei o que quero ____
14. Não posso mostrar-me zangado porque os outros não vão aceitar isso ou vão rejeitar-me ____
15. Sinto que as decisões importantes da minha vida não foram na realidade tomadas por mim ____
16. Pensar que posso deixar mal as pessoas ou que as posso desapontar faz-me sentir culpado ____
17. Dou mais aos outros do que recebo ____
18. Preocupo-me em agradar aos outros ____
19. Por vezes sinto crescer em mim raiva e ressentimento que não exprimo ____
20. Tenho imenso trabalho em conseguir que os meus sentimentos sejam tomados em consideração e os meus direitos respeitados ____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.
2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.
3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.
5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.
6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

A III

21. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer ____
22. Sinto que uma desgraça (natural, criminosa, financeira ou de saúde) pode atingir-me em qualquer momento ____
23. Tenho medo de me tornar um vadio ou marginal ____
24. Tenho medo de ser atacado ____
25. Tenho muito cuidado com o dinheiro porque de outra maneira posso acabar na miséria ____
26. Tenho os maiores cuidados para evitar adoecer ou magoar-me ____
27. Preocupo-me em perder todo o dinheiro que tenho e ficar na miséria ____
28. Estou preocupado(a) com a ideia de ter uma doença grave apesar de o médico me ter dito que não tinha nada de grave ____
29. Sou uma pessoa medrosa ____
30. Prefiro jogar pelo seguro ou fazer as coisas da maneira habitual do que correr o risco do inesperado ____
31. Penso muito nas coisas más que acontecem no mundo: crime, poluição, violência ____

A IV

32. Tenho medo de perder o controlo sobre as minhas acções ____
33. Sinto com frequência que posso enlouquecer ____
34. Sinto com frequência que vou ter um ataque de ansiedade ____
35. Preocupa-me poder corar ou suar em frente de outras pessoas ____
36. Sinto-me muitas vezes à beira de gritar descontroladamente ____
37. Preocupa-me não ser capaz de resistir aos meus impulsos sexuais ____

38. Preocupa-me poder magoar fisicamente ou emocionalmente alguém no caso de não conseguir dominar a minha raiva (cólera) ____

39. Sinto que tenho de controlar as minhas emoções e impulsos porque senão alguma coisa de mal pode acontecer ____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.

2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.

3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.

4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.

5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.

6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

L V

40. Não tenho ninguém que satisfaça as minhas necessidades ____

41. Não consigo amor e atenção suficientes ____

42. Não tenho ninguém em quem confiar para um conselho ou apoio emocional ____

43. Não tenho ninguém que trate de mim, que partilhe comigo a sua vida ou que se preocupe verdadeiramente com tudo o que me acontece ____

44. Não tenho ninguém que queira aproximar-se de mim, nem que queira passar muito tempo comigo ____

45. Podia desaparecer da face da terra que ninguém dava pela minha falta ____

46. As minhas relações são muito superficiais ____

47. Sinto que não sou uma pessoa especial para ninguém ____

48. Na realidade ninguém me ouve, ninguém me compreende ou está interessado(a) nos meus verdadeiros sentimentos e necessidades ____

L VI

49. Estou destinado a ficar só o resto da minha vida ____

50. Preocupo-me que alguém que amo possa morrer em breve, mesmo quando há poucas razões que o justifiquem ____

51. Sinto que me agarro às pessoas que estão perto de mim ____

52. Preocupo-me que as pessoas que estão perto de mim me deixem ou me

abandonem ____

53. Sinto que me falta uma base estável de apoio emocional ____

54. Acho que as minhas relações importantes não vão durar e estou sempre à espera que a acabem ____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.

2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.

3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.

4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.

5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.

6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

L VII

55. Sinto que a maior parte das pessoas está sempre disposta a magoar-me e a tirar partido de mim ____

56. Tenho de me proteger dos ataques e das desconsiderações das outras pessoas ____

57. A melhor maneira de evitar ser magoado(a) é atacar primeiro ____

58. Sinto que tenho de me vingar da maneira como as pessoas me trataram ____

59. Sinto que tenho de me defender sempre que estou na presença de outras pessoas ____

60. Quando alguém é simpático penso logo que quer alguma coisa de mim ____

61. Há sempre alguém que mais tarde ou mais cedo acaba por me trair ____

62. A maioria das pessoas só pensa nelas ____

63. Tenho muita dificuldade em confiar nos outros ____

64. Sou muito desconfiado(a) acerca das razões das outras pessoas ____

L VIII

65. Sinto-me um(a) desajustado(a) ____

66. Sou fundamentalmente diferente dos outros ____

67. Sinto que estou a mais; sou um(a) solitário(a) ____

68. Sinto-me separado dos outros ____

69. Sinto-me isolado e só ____

V IX

70. Nenhum homem/mulher de quem eu goste poderá gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos ____

71. Ninguém de quem eu goste gostaria de ficar comigo depois de me conhecer ____

72. Sou fundamentalmente uma pessoa cheia de imperfeições e de defeitos ____

73. Por mais que tente não consigo que nenhum homem/mulher, importante para mim, me respeite ou sinta que tenho algum valor ____

74. Não mereço nem o amor, nem a atenção nem o respeito dos outros ____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.

2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.

3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.

4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.

5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.

6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

V X

75. Não sou sexualmente atraente ____

76. Sou muito gorda(o) ____

77. Sou feia(o) ____

78. Não consigo manter uma conversa interessante ____

79. Não sou uma pessoa interessante e em sociedade as pessoas acham-me aborrecida(o) ____

80. As pessoas a quem dou valor não gostariam da minha companhia por causa do meu estatuto social (rendimento, educação, carreira, etc.) ____

81. Nunca sei o que é que hei-de dizer em sociedade ____

82. As pessoas não gostam de me incluir nos seus grupos ____

V XI

83. Nunca faço as coisas tão bem como os outros ____

84. Sou incompetente ____
85. A maioria das pessoas tem mais capacidade do que eu ____
86. Estrago tudo o que tento fazer ____
87. Sou um(a) incapaz ____
88. Sou um(a) fracassado(a) ____
89. Sempre que confio no meu critério tomo a decisão errada ____
90. Não tenho senso comum (Bom senso, senso nenhum) ____
91. Não tenho confiança nas minhas decisões ____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de **maneira nenhuma** a minha maneira de ser.
2. Acontece **algumas vezes** mas é pouco característica da minha maneira de ser.
3. Acontece **neste momento** mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de **modo bastante** característico e **frequentemente** a minha maneira de ser.
5. Descreve de um **modo muito** característico a minha maneira de ser, verdadeira a maior parte do tempo.
6. Descreve de um **modo muitíssimo** característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

V XII

92. No fundo sou uma pessoa má ____
93. Mereço ser castigado(a) ____
94. Não mereço ser feliz ____
95. Quando cometo um erro mereço ser severamente criticado(a) e punido(a) ____
96. Não devo desculpar-me pelos meus erros ou fugir das minhas responsabilidades ____
97. Sinto-me muito culpado(a) dos erros que cometi ____
98. Por mais que tente, em determinados aspectos sou incapaz de viver de acordo com os meus princípios religiosos ou morais ____
99. Muitas vezes sinto-me culpado(a) sem saber porquê ____
100. Sinto-me envergonhado pelos meus defeitos ____
101. Sou tão inferior que não posso mostrar as minhas faltas aos outros ____

102. Sinto que não conseguiria enfrentar os outros se eles descobrissem os meus defeitos ____

103. Sinto-me muitas vezes embaraçado quando estou com outras pessoas porque não me sinto à altura delas ____

104. Tenho demasiada consciência de mim sempre que estou com os outros ____

105. Tenho de ser o(a) melhor em quase tudo o que faço, não aceito ficar em segundo lugar ____

106. Luto por manter quase tudo numa ordem perfeita ____

107. Tenho de parecer o melhor possível na maior parte do tempo ____

108. Tenho de fazer o melhor, não chega ser suficientemente bom ____

109. Tenho tanta coisa para fazer que quase não tenho tempo para descansar ____

110. Quase nada do que faço é suficientemente bom, posso sempre fazer melhor ____

111. Tenho de estar à altura das minhas responsabilidades ____

112. Sinto sobre mim uma pressão constante para realizar coisas e alcançar objectivos ____

113. O meu relacionamento com as pessoas ressentem-se com o facto de exigir demais de mim mesmo(a) ____

114. Prejudico a minha saúde por andar sempre numa tensão enorme para fazer as coisas bem feitas ____

115. Sacrifico com frequência o prazer e a felicidade para atingir os meus níveis de exigência ____

XV

116. Tenho muita dificuldade em aceitar um não por resposta quando quero alguma coisa dos outros ____

117. Fico com frequência zangado(a) ou irritado se não consigo o que quero ____

118. Sou uma pessoa especial e não devia ser obrigado a aceitar muitas das restrições que são impostas aos outros ____

119. Detesto ser constrangido(a) ou impedido de fazer o que quero ____

120. Tenho muita dificuldade em aceitar aspectos da minha vida que não são como eu quero que sejam, se bem que objectivamente a minha vida seja boa ____

121. Tenho muita dificuldade em conseguir parar de beber, ou de fumar, ou de comer demasiado ____

122. Acho que não sou capaz de me sujeitar à rotina ou de fazer tarefas aborrecidas ____

123. Muitas vezes permito-me agir por impulsos e exprimir emoções que originam problemas ou magoam as outras pessoas ____

Anexo 18 - Nova Escala Multidimensional da Depressão – Versão 2 (NMADS)

Este questionário contém uma série de itens acerca de como se tem estado a sentir recentemente. Por favor leia cada item cuidadosamente e faça um círculo à volta do número que melhor descreve os seus sentimentos **durante as últimas duas semanas, incluindo o dia de hoje**, desde o 1= nunca ao 5= sempre.

Com que frequência sente:	Itens				
	Nunca	Raramente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre
1. Em Baixo	1	2	3	4	5
2. Tristeza	1	2	3	4	5
3. (Estado de) Espírito em baixo	1	2	3	4	5
4. Melancolia	1	2	3	4	5
5. Humor Triste	1	2	3	4	5
6. Culpa	1	2	3	4	5
7. Infelicidade	1	2	3	4	5
8. Desanimado(a)	1	2	3	4	5
9. Humor irritável	1	2	3	4	5
10. Mau humor	1	2	3	4	5
11. Vergonha	1	2	3	4	5
12. Ansiedade	1	2	3	4	5

13. (Sentimentos) de falta de esperança	1	2	3	4	5
14. Perda de interesse	1	2	3	4	5
15. Falta de prazer	1	2	3	4	5
16. O futuro parece negro	1	2	3	4	5
17. Sem valor	1	2	3	4	5
18. Fraca concentração	1	2	3	4	5
19. Auto-culpa	1	2	3	4	5
20. A vida parece sem sentido	1	2	3	4	5
21. Um fracasso	1	2	3	4	5
22. Ruminações	1	2	3	4	5
23. Pensamento de suicídio	1	2	3	4	5
24. Incapaz de tomar decisões	1	2	3	4	5
25. Baixa energia	1	2	3	4	5
26. Problemas de sono	1	2	3	4	5

27. Alterações do apetite	1	2	3	4	5
28. Diminuição do desejo sexual	1	2	3	4	5
29. (Sentir-se) Lentificado	1	2	3	4	5
Com que frequência sente:	Nunca	Raramente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre
30. Fadiga	1	2	3	4	5
31. Alterações de peso	1	2	3	4	5
32. Chorar	1	2	3	4	5
33. Agitação	1	2	3	4	5
34. Lentidão de movimentos	1	2	3	4	5
35. Mais sensibilidade à dor	1	2	3	4	5
36. Problemas intestinais	1	2	3	4	5
37. Diminuição das actividades	1	2	3	4	5
38. Isolamento social	1	2	3	4	5
39. (sentir-se) pior que os outros	1	2	3	4	5
40. (Sentir) um fardo para os outros	1	2	3	4	5
41. Evitamento social	1	2	3	4	5

42. (sentir-se) pouco merecedor dos cuidados das outras pessoas	1	2	3	4	5
43. Muito sensível a críticas	1	2	3	4	5
44. Sentir-se menos atraente que os outros	1	2	3	4	5
45. Sentir-se muito sensível em relação aos outros	1	2	3	4	5
46. Sentir-se desiludido com os outros	1	2	3	4	5
47. Incapaz de amar outros	1	2	3	4	5
48. Agressividade em relação a outros	1	2	3	4	5
49. Memória fraca	1	2	3	4	5
50. Incapaz de planear	1	2	3	4	5
51. Sentir-se desorganizado	1	2	3	4	5
52. Incapaz de cuidar de si Próprio(a)	1	2	3	4	5
	1	2	3	4	5

Anexo 19 – Número de comportamentos violentos consoante a Idade e o Género

Correlações						
	SEXO		SEXO	Idade	Sum_Rel_Actual_Auto	Sum_Rel_Passado_Auto
Feminino	SEXO	Correlação de Pearson	. ^a	. ^a	. ^a	. ^a
		Sig. (bilateral)
		N	27	27	27	27
	Idade	Correlação de Pearson	. ^a	1	,216	,012
		Sig. (bilateral)	.	.	,278	,954
		N	27	27	27	27
	Sum_Rel_Actual_Auto	Correlação de Pearson	. ^a	,216	1	,182
		Sig. (bilateral)	.	,278	.	,362
		N	27	27	27	27
Masculino	SEXO	Correlação de Pearson	. ^a	. ^a	. ^a	. ^a
		Sig. (bilateral)
		N	27	27	27	27
	Idade	Correlação de Pearson	. ^a	1	-,021	,054
		Sig. (bilateral)	.	.	,918	,789
		N	27	27	27	27
	Sum_Rel_Actual_Auto	Correlação de Pearson	. ^a	-,021	1	,308
		Sig. (bilateral)	.	,918	.	,118
		N	27	27	27	27
Feminino	SEXO	Correlação de Pearson	. ^a	. ^a	. ^a	. ^a
		Sig. (bilateral)
		N	27	27	27	27
	Idade	Correlação de Pearson	. ^a	1	-,021	,054
		Sig. (bilateral)	.	.	,918	,789
		N	27	27	27	27
	Sum_Rel_Actual_Auto	Correlação de Pearson	. ^a	-,021	1	,308
		Sig. (bilateral)	.	,918	.	,118
		N	27	27	27	27
Masculino	SEXO	Correlação de Pearson	. ^a	. ^a	. ^a	. ^a
		Sig. (bilateral)
		N	27	27	27	27
	Idade	Correlação de Pearson	. ^a	1	-,021	,054
		Sig. (bilateral)	.	.	,918	,789
		N	27	27	27	27
	Sum_Rel_Actual_Auto	Correlação de Pearson	. ^a	-,021	1	,308
		Sig. (bilateral)	.	,918	.	,118
		N	27	27	27	27

a. Não é possível calcular porque pelo menos uma das variáveis é constante.

Anexo 20 - Perpetuação de comportamentos violentos consoante o Género

Sum_Rel_Actual_Auto						
SEXO			Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Feminino	Válido	,00	16	59,3	59,3	59,3
		1,00	8	29,6	29,6	88,9
		2,00	1	3,7	3,7	92,6
		3,00	2	7,4	7,4	100,0
		Total		27	100,0	100,0
Masculino	Válido	,00	19	70,4	70,4	70,4
		1,00	5	18,5	18,5	88,9
		2,00	3	11,1	11,1	100,0
		Total		27	100,0	100,0

Sum_Rel_Passado_Auto						
SEXO			Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Feminino	Válido	,00	23	85,2	85,2	85,2
		1,00	3	11,1	11,1	96,3
		2,00	1	3,7	3,7	100,0
		Total		27	100,0	100,0
Masculino	Válido	,00	24	88,9	88,9	88,9
		1,00	3	11,1	11,1	100,0
		Total		27	100,0	100,0

Anexo 21 - Relação entre os Estilos de Vinculação e a Violência nas relações amorosas

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Sum_Rel_Actual_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,906	Reter a hipótese nula.
2	A distribuição de Sum_Rel_Actual_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,791	Reter a hipótese nula.
3	A distribuição de Sum_Rel_Passado_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,001	Rejeitar a hipótese nula.
4	A distribuição de Sum_Rel_Passado_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,030	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Anexo 22 – Estilos de Vinculação e Violência nas relações amorosas

Comparações múltiplas							
Bonferroni							
Variável dependente	(I)	(J)	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Sum_Rel_Passado_Auto	Seguro	Preocupado	,10000	,19246	1,000	-,4658	,6658
		Desligado	-,90000*	,26592	,014	-1,6817	-,1183
		Amedrontado	-,40000	,19246	,429	-,9658	,1658
		Não Classificável	,10000	,19246	1,000	-,4658	,6658
	Preocupado	Seguro	-,10000	,19246	1,000	-,6658	,4658
		Desligado	-1,00000*	,31784	,028	-1,9344	-,0656
		Amedrontado	-,50000	,25951	,598	-1,2629	,2629
		Não Classificável	,00000	,25951	1,000	-,7629	,7629
	Desligado	Seguro	,90000*	,26592	,014	,1183	1,6817
		Preocupado	1,00000*	,31784	,028	,0656	1,9344
		Amedrontado	,50000	,31784	1,000	-,4344	1,4344
		Não Classificável	1,00000*	,31784	,028	,0656	1,9344
	Amedrontado	Seguro	,40000	,19246	,429	-,1658	,9658
		Preocupado	,50000	,25951	,598	-,2629	1,2629
		Desligado	-,50000	,31784	1,000	-1,4344	,4344
		Não Classificável	,50000	,25951	,598	-,2629	1,2629
	Não Classificável	Seguro	-,10000	,19246	1,000	-,6658	,4658
		Preocupado	,00000	,25951	1,000	-,7629	,7629
		Desligado	-1,00000*	,31784	,028	-1,9344	-,0656
		Amedrontado	-,50000	,25951	,598	-1,2629	,2629
Sum_Rel_Passado_Hetero	Seguro	Preocupado	,52500	,61537	1,000	-1,2840	2,3340
		Desligado	-1,47500	,85026	,891	-3,9745	1,0245
		Amedrontado	-,22500	,61537	1,000	-2,0340	1,5840
		Não Classificável	-,22500	,61537	1,000	-2,0340	1,5840
	Preocupado	Seguro	-,52500	,61537	1,000	-2,3340	1,2840

	Desligado	-2,00000	1,01626	,547	-4,9875	,9875
	Amedrontado	-,75000	,82977	1,000	-3,1893	1,6893
	Não Classificável	-,75000	,82977	1,000	-3,1893	1,6893
Desligado	Seguro	1,47500	,85026	,891	-1,0245	3,9745
	Preocupado	2,00000	1,01626	,547	-,9875	4,9875
	Amedrontado	1,25000	1,01626	1,000	-1,7375	4,2375
	Não Classificável	1,25000	1,01626	1,000	-1,7375	4,2375
Amedrontado	Seguro	,22500	,61537	1,000	-1,5840	2,0340
	Preocupado	,75000	,82977	1,000	-1,6893	3,1893
	Desligado	-1,25000	1,01626	1,000	-4,2375	1,7375
	Não Classificável	,00000	,82977	1,000	-2,4393	2,4393
Não Classificável	Seguro	,22500	,61537	1,000	-1,5840	2,0340
	Preocupado	,75000	,82977	1,000	-1,6893	3,1893
	Desligado	-1,25000	1,01626	1,000	-4,2375	1,7375
	Amedrontado	,00000	,82977	1,000	-2,4393	2,4393
	o					

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Anexo 23 – Relação entre os diferentes Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de V_Física_Actual_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,732	Retar a hipótese nula.
2	A distribuição de V_Emocional_Actual_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,707	Retar a hipótese nula.
3	A distribuição de V_Física_Actual_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,634	Retar a hipótese nula.
4	A distribuição de V_Emocional_Actual_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,658	Retar a hipótese nula.
5	A distribuição de V_Física_Passada_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,027	Rejeitar a hipótese nula.
6	A distribuição de V_Emocional_Passada_Auto é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,002	Rejeitar a hipótese nula.
7	A distribuição de V_Física_Passada_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,098	Retar a hipótese nula.
8	A distribuição de V_Emocional_Passada_Hetero é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independentes	,107	Retar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Anexo 24 - Estilos de Vinculação e as Dimensões da Violência nas relações amorosas

Comparações múltiplas							
Bonferroni							
Variável dependente	(I) Estilo_Vinc	(J) Estilo_Vinc	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
V_Emocional_Passada_Auto	Seguro	Preocupado	,00397	,02626	1,000	-,0735	,0815
		Desligado	-,06746	,03619	,689	-,1743	,0394
		Amedrontado	-,13889*	,02626	,000	-,2164	-,0614
		Não Classificável	,00397	,02626	1,000	-,0735	,0815
	Preocupado	Seguro	-,00397	,02626	1,000	-,0815	,0735
		Desligado	-,07143	,04314	1,000	-,1988	,0559
		Amedrontado	-,14286*	,03523	,002	-,2468	-,0389
		Não Classificável	,00000	,03523	1,000	-,1040	,1040
	Desligado	Seguro	,06746	,03619	,689	-,0394	,1743
		Preocupado	,07143	,04314	1,000	-,0559	,1988
		Amedrontado	-,07143	,04314	1,000	-,1988	,0559
		Não Classificável	,07143	,04314	1,000	-,0559	,1988
	Amedrontado	Seguro	,13889*	,02626	,000	,0614	,2164
		Preocupado	,14286*	,03523	,002	,0389	,2468
		Desligado	,07143	,04314	1,000	-,0559	,1988
		Não Classificável	,14286*	,03523	,002	,0389	,2468
	Não Classificável	Seguro	-,00397	,02626	1,000	-,0815	,0735
		Preocupado	,00000	,03523	1,000	-,1040	,1040
		Desligado	-,07143	,04314	1,000	-,1988	,0559
		Amedrontado	-,14286*	,03523	,002	-,2468	-,0389
V_Física_Passada_Auto	Seguro	Preocupado	,00427	,01266	1,000	-,0331	,0417
		Desligado	-,03419	,01745	,563	-,0857	,0173
		Amedrontado	,00427	,01266	1,000	-,0331	,0417
		Não Classificável	,00427	,01266	1,000	-,0331	,0417
	Preocupado	Seguro	-,00427	,01266	1,000	-,0417	,0331
		Desligado	-,03846	,02080	,711	-,0999	,0230
		Amedrontado	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501
		Não Classificável	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501
	Desligado	Seguro	,03419	,01745	,563	-,0173	,0857
		Preocupado	,03846	,02080	,711	-,0230	,0999
		Amedrontado	,03846	,02080	,711	-,0230	,0999
		Não Classificável	,03846	,02080	,711	-,0230	,0999
	Amedrontado	Seguro	-,00427	,01266	1,000	-,0417	,0331
		Preocupado	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501
		Desligado	-,03846	,02080	,711	-,0999	,0230
		Não Classificável	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501

Não	Seguro	-,00427	,01266	1,000	-,0417	,0331
Classificável	Preocupado	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501
	<u>Desligado</u>	<u>-,03846</u>	<u>,02080</u>	<u>,711</u>	<u>-,0999</u>	<u>,0230</u>
	Amedrontado	,00000	,01699	1,000	-,0501	,0501

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Anexo 25 – Relação entre as dimensões da Violência nas relações amorosas e os esquemas desadaptativos precoces

		Correlações							
		V_Física_Actual_Auto	V_Emocional_Actual_Auto	V_Física_Actual_Hetero	V_Emocional_Actual_Hetero	V_Física_Passada_Auto	V_Emocional_Passada_Auto	V_Física_Passada_Hetero	V_Emocional_Passada_Hetero
Abandono	Coefficiente de Correlação	-.165	.078	-.198	-.074	.063	.182	.214	.121
	Sig. (2 extremidades)	.232	.573	.151	.592	.662	.205	.136	.403
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Perda Emocional	Coefficiente de Correlação	-.112	.034	.101	.142	-.119	.346*	-.003	.088
	Sig. (2 extremidades)	.420	.808	.469	.305	.409	.014	.981	.545
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Desconfiança	Coefficiente de Correlação	-.413**	-.029	.005	-.049	-.148	.346*	.007	.232
	Sig. (2 extremidades)	.002	.835	.974	.724	.305	.014	.964	.104
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Dependência	Coefficiente de Correlação	-.043	-.001	.057	.008	.045	.042	-.108	-.064
	Sig. (2 extremidades)	.758	.992	.681	.956	.756	.770	.456	.661
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Vulnerabilidade_Prejuízo_Doença	Coefficiente de Correlação	-.136	.185	.059	-.103	.001	.211	.142	.176
	Sig. (2 extremidades)	.327	.180	.671	.459	.996	.141	.325	.221
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Dependência Emocional	Coefficiente de Correlação	-.229	-.007	-.185	.003	-.030	.306*	.020	.201
	Sig. (2 extremidades)	.096	.957	.181	.980	.838	.030	.890	.163
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Deficiência	Coefficiente de Correlação	-.099	.012	-.134	-.023	-.178	.304*	-.016	.095

		ão							
	Sig. (2 extremidades)	.474	.931	.334	.866	.217	.032	.912	.511
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Falha_Realização	Coefficiente de Correlação	-.209	.110	.030	-.045	-.021	,314 [*]	-.061	,318 [*]
	Sig. (2 extremidades)	.129	.430	.832	.746	.883	.027	.674	.024
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Auto_image_m	Coefficiente de Correlação	-.112	.124	.086	.177	-.033	,284 [*]	-.139	.039
	Sig. (2 extremidades)	.419	.372	.538	.200	.819	.046	.334	.790
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Inibição_Emocional	Coefficiente de Correlação	-.289 [*]	.060	-.055	-.072	-.169	,330 [*]	-.061	,333 [*]
	Sig. (2 extremidades)	.034	.668	.695	.605	.241	.019	.672	.018
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Auto_Sacrifício	Coefficiente de Correlação	-.299 [*]	-.106	-.102	-.270 [*]	.005	,284 [*]	-.044	.078
	Sig. (2 extremidades)	.028	.445	.462	.048	.973	.046	.761	.590
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Inferioridade	Coefficiente de Correlação	-.216	.103	.123	.142	-.130	.138	-.252	-.056
	Sig. (2 extremidades)	.116	.460	.376	.307	.368	.340	.078	.701
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Padrão_Rígido	Coefficiente de Correlação	-.050	,343 [*]	.153	.138	-.208	,320 [*]	-.274	.237
	Sig. (2 extremidades)	.720	.011	.270	.320	.146	.024	.054	.097
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Medo_Perder_Controlo	Coefficiente de Correlação	-.215	.214	.210	.134	-.020	,326 [*]	-.053	.175

	Sig. (2 extremidades)	.119	.119	.127	.333	.892	.021	.714	.225
	N	54	54	54	54	50	50	50	50
Défice_Auto_Controlo	Coeficiente de Correlação	-.178	.298*	.113	.226	-.055	.266	.013	.272
	Sig. (2 extremidades)	.197	.029	.416	.100	.703	.062	.928	.056
	N	54	54	54	54	50	50	50	50

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Anexo 26- Relação entre os Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Domínio_Instabilidade_Separação é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,004	Rejeitar a hipótese nula.
2	A distribuição de Domínio_Redução_Autonomia é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,003	Rejeitar a hipótese nula.
3	A distribuição de Domínio_Indesejabilidade é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,019	Rejeitar a hipótese nula.
4	A distribuição de Domínio_Auto_restricção é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,004	Rejeitar a hipótese nula.
5	A distribuição de Domínio_Restricção_Gratificação é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,036	Rejeitar a hipótese nula.
6	A distribuição de Domínio_Redução_Limites é a mesma entre as categorias de Estilo_Vinc.	Teste de Kruskal-Wallis de Amostras Independent es	,015	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

Anexo 27 – Estilos de Vinculação e os Domínios dos Esquemas desadaptativos precoces

Comparações múltiplas							
Bonferroni							
Variável dependente	(I) Estilo_Vinc	(J) Estilo_Vinc	Diferença média (I-J)	Erro Erro	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Domínio_Instabilidade_Separação	Seguro	Preocupado	-,0396	,26447	1,000	-,8170	,7379
		Desligado	-,3833	,36541	1,000	-1,4575	,6909
		Amedrontado	-1,5187*	,26447	,000	-2,2962	-,7413
		Não Classificável	-1,1542*	,26447	,001	-1,9316	-,3767
	Preocupado	Seguro	,0396	,26447	1,000	-,7379	,8170
		Desligado	-,3438	,43675	1,000	-1,6277	,9402
		Amedrontado	-1,4792*	,35661	,001	-2,5275	-,4308
		Não Classificável	-1,1146*	,35661	,030	-2,1629	-,0663
	Desligado	Seguro	,3833	,36541	1,000	-,6909	1,4575
		Preocupado	,3438	,43675	1,000	-,9402	1,6277
		Amedrontado	-1,1354	,43675	,123	-2,4194	,1485
		Não Classificável	-,7708	,43675	,838	-2,0548	,5131
	Amedrontado	Seguro	1,5187*	,26447	,000	,7413	2,2962
		Preocupado	1,4792*	,35661	,001	,4308	2,5275
		Desligado	1,1354	,43675	,123	-,1485	2,4194
		Não Classificável	,3646	,35661	1,000	-,6837	1,4129
	Não Classificável	Seguro	1,1542*	,26447	,001	,3767	1,9316
		Preocupado	1,1146*	,35661	,030	,0663	2,1629
		Desligado	,7708	,43675	,838	-,5131	2,0548
		Amedrontado	-,3646	,35661	1,000	-1,4129	,6837
Domínio_Redução_Autonomia	Seguro	Preocupado	-,3162	,25788	1,000	-1,0743	,4419
		Desligado	-,4632	,35632	1,000	-1,5107	,5842
		Amedrontado	-,9044*	,25788	,010	-1,6625	-,1463
		Não Classificável	-,7721*	,25788	,043	-1,5302	-,0139
	Preocupado	Seguro	,3162	,25788	1,000	-,4419	1,0743
		Desligado	-,1471	,42588	1,000	-1,3990	1,1049
		Amedrontado	-,5882	,34773	,971	-1,6105	,4340

		Não						
		Classificável	-,4559	,34773	1,000	-1,4781		,5664
	Desliga	Seguro	,4632	,35632	1,000	-,5842		1,5107
	do	Preocupado	,1471	,42588	1,000	-1,1049		1,3990
		Amedrontado	-,4412	,42588	1,000	-1,6932		,8108
		Não						
		Classificável	-,3088	,42588	1,000	-1,5608		,9432
	Amedro	Seguro	,9044*	,25788	,010	,1463		1,6625
	ntado	Preocupado	,5882	,34773	,971	-,4340		1,6105
		Desligado	,4412	,42588	1,000	-,8108		1,6932
		Não						
		Classificável	,1324	,34773	1,000	-,8899		1,1546
	Não	Seguro	,7721*	,25788	,043	,0139		1,5302
	Classifi	Preocupado	,4559	,34773	1,000	-,5664		1,4781
	cável	Desligado	,3088	,42588	1,000	-,9432		1,5608
		Amedrontado	-,1324	,34773	1,000	-1,1546		,8899
Domínio_Indesej	Seguro	Preocupado	,1413	,36407	1,000	-,9290		1,2116
abilidade		Desligado	-,7826	,50303	1,000	-2,2614		,6962
		Amedrontado	-1,2609*	,36407	,011	-2,3311		-,1906
		Não						
		Classificável	-1,2283*	,36407	,015	-2,2985		-,1580
	Preocup	Seguro	-,1413	,36407	1,000	-1,2116		,9290
	ado	Desligado	-,9239	,60124	1,000	-2,6914		,8436
		Amedrontado	-1,4022	,49091	,063	-2,8453		,0410
		Não						
		Classificável	-1,3696	,49091	,075	-2,8127		,0736
	Desliga	Seguro	,7826	,50303	1,000	-,6962		2,2614
	do	Preocupado	,9239	,60124	1,000	-,8436		2,6914
		Amedrontado	-,4783	,60124	1,000	-2,2457		1,2892
		Não						
		Classificável	-,4457	,60124	1,000	-2,2131		1,3218
	Amedro	Seguro	1,2609*	,36407	,011	,1906		2,3311
	ntado	Preocupado	1,4022	,49091	,063	-,0410		2,8453
		Desligado	,4783	,60124	1,000	-1,2892		2,2457
		Não						
		Classificável	,0326	,49091	1,000	-1,4105		1,4757
	Não	Seguro	1,2283*	,36407	,015	,1580		2,2985
	Classifi	Preocupado	1,3696	,49091	,075	-,0736		2,8127
	cável	Desligado	,4457	,60124	1,000	-1,3218		2,2131
		Amedrontado	-,0326	,49091	1,000	-1,4757		1,4105
Domínio_Auto_r	Seguro	Preocupado	-,2658	,34125	1,000	-1,2690		,7374
estrição		Desligado	-,5684	,47150	1,000	-1,9545		,8177
		Amedrontado	-1,9237*	,34125	,000	-2,9269		-,9205

	Não						
	Classificável	-,8579	,34125	,153	-1,8611		,1453
Preocupado	Seguro	,2658	,34125	1,000	-,7374		1,2690
	Desligado	-,3026	,56355	1,000	-1,9593		1,3540
	Amedrontado	-1,6579*	,46014	,007	-3,0106		-,3052
	Não						
	Classificável	-,5921	,46014	1,000	-1,9448		,7606
Desligado	Seguro	,5684	,47150	1,000	-,8177		1,9545
	Preocupado	,3026	,56355	1,000	-1,3540		1,9593
	Amedrontado	-1,3553	,56355	,200	-3,0119		,3014
	Não						
	Classificável	-,2895	,56355	1,000	-1,9462		1,3672
Amedrontado	Seguro	1,9237*	,34125	,000	,9205		2,9269
	Preocupado	1,6579*	,46014	,007	,3052		3,0106
	Desligado	1,3553	,56355	,200	-,3014		3,0119
	Não						
	Classificável	1,0658	,46014	,248	-,2869		2,4185
Não	Seguro	,8579	,34125	,153	-,1453		1,8611
Classificável	Preocupado	,5921	,46014	1,000	-,7606		1,9448
	Desligado	,2895	,56355	1,000	-1,3672		1,9462
	Amedrontado	-1,0658	,46014	,248	-2,4185		,2869
Domínio Restrição_Gratificação	Seguro	Preocupado	-,0964	,31807	1,000	-1,0315	,8386
	Desligado	-,7839	,43948	,807	-2,0759		,5080
	Amedrontado	-,7393	,31807	,243	-1,6743		,1958
	Não						
	Classificável	-,8286	,31807	,121	-1,7636		,1065
Preocupado	Seguro	,0964	,31807	1,000	-,8386		1,0315
	Desligado	-,6875	,52527	1,000	-2,2317		,8567
	Amedrontado	-,6429	,42888	1,000	-1,9037		,6179
	Não						
	Classificável	-,7321	,42888	,941	-1,9929		,5287
Desligado	Seguro	,7839	,43948	,807	-,5080		2,0759
	Preocupado	,6875	,52527	1,000	-,8567		2,2317
	Amedrontado	,0446	,52527	1,000	-1,4995		1,5888
	Não						
	Classificável	-,0446	,52527	1,000	-1,5888		1,4995
Amedrontado	Seguro	,7393	,31807	,243	-,1958		1,6743
	Preocupado	,6429	,42888	1,000	-,6179		1,9037
	Desligado	-,0446	,52527	1,000	-1,5888		1,4995
	Não						
	Classificável	-,0893	,42888	1,000	-1,3501		1,1715
Não	Seguro	,8286	,31807	,121	-,1065		1,7636
Classificável	Preocupado	,7321	,42888	,941	-,5287		1,9929

Domínio_Redução_Limites	cável	Desligado	,0446	,52527	1,000	-1,4995	1,5888
		Amedrontado	,0893	,42888	1,000	-1,1715	1,3501
	Seguro	Preocupado	-,3091	,32262	1,000	-1,2575	,6393
		Desligado	-1,2636	,44577	,066	-2,5741	,0468
		Amedrontado	-1,0591*	,32262	,019	-2,0075	-,1107
		Não Classificável	-,9682*	,32262	,042	-1,9166	-,0198
	Preocupado	Seguro	,3091	,32262	1,000	-,6393	1,2575
		Desligado	-,9545	,53280	,794	-2,5208	,6117
		Amedrontado	-,7500	,43503	,910	-2,0289	,5289
		Não Classificável	-,6591	,43503	1,000	-1,9380	,6198
	Desligado	Seguro	1,2636	,44577	,066	-,0468	2,5741
		Preocupado	,9545	,53280	,794	-,6117	2,5208
		Amedrontado	,2045	,53280	1,000	-1,3617	1,7708
		Não Classificável	,2955	,53280	1,000	-1,2708	1,8617
	Amedrontado	Seguro	1,0591*	,32262	,019	,1107	2,0075
		Preocupado	,7500	,43503	,910	-,5289	2,0289
		Desligado	-,2045	,53280	1,000	-1,7708	1,3617
		Não Classificável	,0909	,43503	1,000	-1,1880	1,3698
	Não Classificável	Seguro	,9682*	,32262	,042	,0198	1,9166
		Preocupado	,6591	,43503	1,000	-,6198	1,9380
Desligado		-,2955	,53280	1,000	-1,8617	1,2708	
Amedrontado		-,0909	,43503	1,000	-1,3698	1,1880	

Com base em médias observadas.

O termo de erro é Quadrado Médio (Erro) = ,378.

*. A diferença média é significativa no nível ,05.

Anexo 28 - Estilos de Vinculação e os Esquemas desadaptativos precoces

Comparações múltiplas							
Bonferroni							
Variável dependente	(I) Estilo_Vinc	(J) Estilo_Vinc	Diferença média (I-J)	Erro	Erro	Sig.	Intervalo de Confiança 95% Limite inferior Limite superior
Abandono	Seguro	Preocupado	-,2958	,37483	1,000	-1,3977	,8061
		Desligado	-,6292	,51790	1,000	-2,1517	,8933
		Amedrontado	-1,7542*	,37483	,000	-2,8561	-,6523
		Não Classificável	-1,4625*	,37483	,003	-2,5644	-,3606
	Preocupado	Seguro	,2958	,37483	1,000	-,8061	1,3977
		Desligado	-,3333	,61901	1,000	-2,1531	1,4864
		Amedrontado	-1,4583	,50542	,058	-2,9441	,0275
		Não Classificável	-1,1667	,50542	,252	-2,6525	,3191
	Desligado	Seguro	,6292	,51790	1,000	-,8933	2,1517
		Preocupado	,3333	,61901	1,000	-1,4864	2,1531
		Amedrontado	-1,1250	,61901	,753	-2,9447	,6947
		Não Classificável	-,8333	,61901	1,000	-2,6531	,9864
	Amedrontado	Seguro	1,7542*	,37483	,000	,6523	2,8561
		Preocupado	1,4583	,50542	,058	-,0275	2,9441
		Desligado	1,1250	,61901	,753	-,6947	2,9447
		Não Classificável	,2917	,50542	1,000	-1,1941	1,7775
	Não Classificável	Seguro	1,4625*	,37483	,003	,3606	2,5644
		Preocupado	1,1667	,50542	,252	-,3191	2,6525
		Desligado	,8333	,61901	1,000	-,9864	2,6531
		Amedrontado	-,2917	,50542	1,000	-1,7775	1,1941
Perda Emocional	Seguro	Preocupado	,0222	,27208	1,000	-,7776	,8221
		Desligado	-,3944	,37593	1,000	-1,4996	,7107
		Amedrontado	-,5889	,27208	,353	-1,3887	,2109
		Não Classificável	-1,0056*	,27208	,006	-1,8054	-,2057
	Preocupado	Seguro	-,0222	,27208	1,000	-,8221	,7776
		Desligado	-,4167	,44932	1,000	-1,7375	,9042

		Amedrontado	-,6111	,36687	1,000	-1,6896	,4674
		Não Classificável	-1,0278	,36687	,073	-2,1063	,0507
	Desligado	Seguro	,3944	,37593	1,000	-,7107	1,4996
		Preocupado	,4167	,44932	1,000	-,9042	1,7375
		Amedrontado	-,1944	,44932	1,000	-1,5153	1,1264
		Não Classificável	-,6111	,44932	1,000	-1,9320	,7098
	Amedrontado	Seguro	,5889	,27208	,353	-,2109	1,3887
		Preocupado	,6111	,36687	1,000	-,4674	1,6896
		Desligado	,1944	,44932	1,000	-1,1264	1,5153
		Não Classificável	-,4167	,36687	1,000	-1,4952	,6618
	Não Classificável	Seguro	1,0056*	,27208	,006	,2057	1,8054
		Preocupado	1,0278	,36687	,073	-,0507	2,1063
		Desligado	,6111	,44932	1,000	-,7098	1,9320
		Amedrontado	,4167	,36687	1,000	-,6618	1,4952
Desconfiança	Seguro	Preocupado	,0625	,31501	1,000	-,8635	,9885
		Desligado	-,1875	,43525	1,000	-1,4670	1,0920
		Amedrontado	-2,0625*	,31501	,000	-2,9885	-1,1365
		Não Classificável	-,9875*	,31501	,029	-1,9135	-,0615
	Preocupado	Seguro	-,0625	,31501	1,000	-,9885	,8635
		Desligado	-,2500	,52022	1,000	-1,7793	1,2793
		Amedrontado	-2,1250*	,42476	,000	-3,3737	-,8763
		Não Classificável	-1,0500	,42476	,170	-2,2987	,1987
	Desligado	Seguro	,1875	,43525	1,000	-1,0920	1,4670
		Preocupado	,2500	,52022	1,000	-1,2793	1,7793
		Amedrontado	-1,8750*	,52022	,007	-3,4043	-,3457
		Não Classificável	-,8000	,52022	1,000	-2,3293	,7293
	Amedrontado	Seguro	2,0625*	,31501	,000	1,1365	2,9885
		Preocupado	2,1250*	,42476	,000	,8763	3,3737
		Desligado	1,8750*	,52022	,007	,3457	3,4043
		Não Classificável	1,0750	,42476	,146	-,1737	2,3237

Dependência	Não Classificável	Seguro	,9875*	,31501	,029	,0615	1,9135
		Preocupado	1,0500	,42476	,170	-,1987	2,2987
		Desligado	,8000	,52022	1,000	-,7293	2,3293
	Seguro	Amedrontado	-1,0750	,42476	,146	-2,3237	,1737
		Preocupado	,0250	,41375	1,000	-1,1913	1,2413
		Desligado	,0250	,57168	1,000	-1,6556	1,7056
	Preocupado	Amedrontado	-,0167	,41375	1,000	-1,2330	1,1996
		Não Classificável	,5667	,41375	1,000	-,6496	1,7830
		Seguro	-,0250	,41375	1,000	-1,2413	1,1913
	Desligado	Desligado	,0000	,68329	1,000	-2,0087	2,0087
		Amedrontado	-,0417	,55790	1,000	-1,6817	1,5984
		Não Classificável	,5417	,55790	1,000	-1,0984	2,1817
	Amedrontado	Seguro	-,0250	,57168	1,000	-1,7056	1,6556
		Preocupado	,0000	,68329	1,000	-2,0087	2,0087
		Amedrontado	-,0417	,68329	1,000	-2,0503	1,9670
	Não Classificável	Não Classificável	,5417	,68329	1,000	-1,4670	2,5503
		Seguro	,0167	,41375	1,000	-1,1996	1,2330
		Preocupado	,0417	,55790	1,000	-1,5984	1,6817
Não Classificável	Desligado	,0417	,68329	1,000	-1,9670	2,0503	
	Não Classificável	,5833	,55790	1,000	-1,0567	2,2234	
	Seguro	-,5667	,41375	1,000	-1,7830	,6496	
Vulnerabilidade_Prejuízo_Doença	Preocupado	-,5417	,55790	1,000	-2,1817	1,0984	
	Desligado	-,5417	,68329	1,000	-2,5503	1,4670	
	Amedrontado	-,5833	,55790	1,000	-2,2234	1,0567	
Preocupado	Não Classificável	-1,5023*	,30743	,000	-2,4060	-,5985	
	Seguro	-,5023	,30743	1,000	-,4015	1,4060	
	Desligado	-,2273	,50771	1,000	-1,7198	1,2652	
		Amedrontado	-,8864	,41454	,375	-2,1050	,3323

		Não Classificável	-1,0000	,41454	,196	-2,2186	,2186
	Desligado	Seguro	,7295	,42478	,922	-,5192	1,9783
		Preocupado	,2273	,50771	1,000	-1,2652	1,7198
		Amedrontado	-,6591	,50771	1,000	-2,1516	,8334
		Não Classificável	-,7727	,50771	1,000	-2,2652	,7198
	Amedrontado	Seguro	1,3886*	,30743	,000	,4849	2,2924
		Preocupado	,8864	,41454	,375	-,3323	2,1050
		Desligado	,6591	,50771	1,000	-,8334	2,1516
		Não Classificável	-,1136	,41454	1,000	-1,3323	1,1050
	Não Classificável	Seguro	1,5023*	,30743	,000	,5985	2,4060
		Preocupado	1,0000	,41454	,196	-,2186	2,2186
		Desligado	,7727	,50771	1,000	-,7198	2,2652
		Amedrontado	,1136	,41454	1,000	-1,1050	1,3323
Dependência	Seguro	Preocupado	,2650	,44655	1,000	-1,0477	1,5777
_Emocional		Desligado	-1,3350	,61700	,354	-3,1488	,4788
		Amedrontado	-1,9850*	,44655	,001	-3,2977	-,6723
		Não Classificável	-1,2850	,44655	,059	-2,5977	,0277
	Preocupado	Seguro	-,2650	,44655	1,000	-1,5777	1,0477
		Desligado	-1,6000	,73746	,349	-3,7679	,5679
		Amedrontado	-2,2500*	,60213	,005	-4,0201	-,4799
		Não Classificável	-1,5500	,60213	,131	-3,3201	,2201
	Desligado	Seguro	1,3350	,61700	,354	-,4788	3,1488
		Preocupado	1,6000	,73746	,349	-,5679	3,7679
		Amedrontado	-,6500	,73746	1,000	-2,8179	1,5179
		Não Classificável	,0500	,73746	1,000	-2,1179	2,2179
	Amedrontado	Seguro	1,9850*	,44655	,001	,6723	3,2977
		Preocupado	2,2500*	,60213	,005	,4799	4,0201
		Desligado	,6500	,73746	1,000	-1,5179	2,8179
		Não Classificável	,7000	,60213	1,000	-1,0701	2,4701
	Não Classificável	Seguro	1,2850	,44655	,059	-,0277	2,5977
		Preocupado	1,5500	,60213	,131	-,2201	3,3201

Deficiência	Seguro	Desligado	-,0500	,73746	1,000	-2,2179	2,1179	
		Amedrontado	-,7000	,60213	1,000	-2,4701	1,0701	
		Preocupado	,0300	,36887	1,000	-1,0544	1,1144	
		Desligado	-,2200	,50966	1,000	-1,7183	1,2783	
		Amedrontado	-1,1700*	,36887	,026	-2,2544	-,0856	
		Não Classificável	-1,3200*	,36887	,008	-2,4044	-,2356	
		Preocupado	Seguro	-,0300	,36887	1,000	-1,1144	1,0544
			Desligado	-,2500	,60916	1,000	-2,0408	1,5408
			Amedrontado	-1,2000	,49738	,196	-2,6622	,2622
			Não Classificável	-1,3500	,49738	,091	-2,8122	,1122
	Desligado	Seguro	,2200	,50966	1,000	-1,2783	1,7183	
		Preocupado	,2500	,60916	1,000	-1,5408	2,0408	
		Amedrontado	-,9500	,60916	1,000	-2,7408	,8408	
		Não Classificável	-1,1000	,60916	,771	-2,8908	,6908	
	Amedrontado	Seguro	1,1700*	,36887	,026	,0856	2,2544	
		Preocupado	1,2000	,49738	,196	-,2622	2,6622	
		Desligado	,9500	,60916	1,000	-,8408	2,7408	
		Não Classificável	-,1500	,49738	1,000	-1,6122	1,3122	
	Não Classificável	Seguro	1,3200*	,36887	,008	,2356	2,4044	
		Preocupado	1,3500	,49738	,091	-,1122	2,8122	
Desligado		1,1000	,60916	,771	-,6908	2,8908		
Amedrontado		,1500	,49738	1,000	-1,3122	1,6122		
Falha_Realização	Seguro	Preocupado	,1365	,37002	1,000	-,9512	1,2243	
		Desligado	-,7865	,51126	1,000	-2,2895	,7164	
		Amedrontado	-1,0173	,37002	,083	-2,1051	,0705	
		Não Classificável	-1,1712*	,37002	,027	-2,2589	-,0834	
	Preocupado	Seguro	-,1365	,37002	1,000	-1,2243	,9512	
		Desligado	-,9231	,61108	1,000	-2,7195	,8733	
		Amedrontado	-1,1538	,49894	,250	-2,6206	,3129	
		Não Classificável	-1,3077	,49894	,116	-2,7744	,1591	

Auto_image m	Desligado	Seguro	,7865	,51126	1,000	-,7164	2,2895
		Preocupado	,9231	,61108	1,000	-,8733	2,7195
		Amedrontad o	-,2308	,61108	1,000	-2,0272	1,5656
		Não Classificável	-,3846	,61108	1,000	-2,1810	1,4118
	Amedrontad o	Seguro	1,0173	,37002	,083	-,0705	2,1051
		Preocupado	1,1538	,49894	,250	-,3129	2,6206
		Desligado	,2308	,61108	1,000	-1,5656	2,0272
		Não Classificável	-,1538	,49894	1,000	-1,6206	1,3129
	Não Classificável	Seguro	1,1712*	,37002	,027	,0834	2,2589
		Preocupado	1,3077	,49894	,116	-,1591	2,7744
		Desligado	,3846	,61108	1,000	-1,4118	2,1810
		Amedrontad o	,1538	,49894	1,000	-1,3129	1,6206
	Seguro	Preocupado	,1031	,26561	1,000	-,6777	,8840
		Desligado	-,8344	,36700	,274	-1,9132	,2445
		Amedrontad o	-1,5844*	,26561	,000	-2,3652	-,8035
		Não Classificável	-,1781	,26561	1,000	-,9590	,6027
	Preocupado	Seguro	-,1031	,26561	1,000	-,8840	,6777
		Desligado	-,9375	,43864	,376	-2,2270	,3520
		Amedrontad o	-1,6875*	,35815	,000	-2,7404	-,6346
		Não Classificável	-,2813	,35815	1,000	-1,3341	,7716
	Desligado	Seguro	,8344	,36700	,274	-,2445	1,9132
		Preocupado	,9375	,43864	,376	-,3520	2,2270
		Amedrontad o	-,7500	,43864	,936	-2,0395	,5395
		Não Classificável	,6563	,43864	1,000	-,6332	1,9457
	Amedrontad o	Seguro	1,5844*	,26561	,000	,8035	2,3652
		Preocupado	1,6875*	,35815	,000	,6346	2,7404
		Desligado	,7500	,43864	,936	-,5395	2,0395
		Não Classificável	1,4063*	,35815	,003	,3534	2,4591
Não Classificável	Seguro	,1781	,26561	1,000	-,6027	,9590	
	Preocupado	,2813	,35815	1,000	-,7716	1,3341	
	Desligado	-,6563	,43864	1,000	-1,9457	,6332	

Inibição_Em ocional	Seguro	Amedrontad o	-1,4063*	,35815	,003	-2,4591	-,3534
		Preocupado	-,5341	,54297	1,000	-2,1303	1,0621
		Desligado	-,3750	,75021	1,000	-2,5804	1,8304
	Preocupado	Amedrontad o	-2,1705*	,54297	,002	-3,7666	-,5743
		Não Classificável	-1,3523	,54297	,162	-2,9484	,2439
		Seguro	,5341	,54297	1,000	-1,0621	2,1303
	Desligado	Desligado	,1591	,89668	1,000	-2,4769	2,7951
		Amedrontad o	-1,6364	,73213	,300	-3,7886	,5159
		Não Classificável	-,8182	,73213	1,000	-2,9705	1,3341
	Amedrontad o	Seguro	,3750	,75021	1,000	-1,8304	2,5804
		Preocupado	-,1591	,89668	1,000	-2,7951	2,4769
		Amedrontad o	-1,7955	,89668	,508	-4,4314	,8405
	Não Classificável	Não Classificável	-,9773	,89668	1,000	-3,6133	1,6587
		Seguro	2,1705*	,54297	,002	,5743	3,7666
		Preocupado	1,6364	,73213	,300	-,5159	3,7886
	Não Classificável	Desligado	1,7955	,89668	,508	-,8405	4,4314
Não Classificável		,8182	,73213	1,000	-1,3341	2,9705	
Seguro		1,3523	,54297	,162	-,2439	2,9484	
Auto_Sacrifí cio	Seguro	Preocupado	,8182	,73213	1,000	-1,3341	2,9705
		Desligado	,9773	,89668	1,000	-1,6587	3,6133
		Amedrontad o	-,8182	,73213	1,000	-2,9705	1,3341
	Preocupado	Seguro	-,1232	,33741	1,000	-1,1151	,8687
		Desligado	-1,0161	,46620	,341	-2,3866	,3544
		Amedrontad o	-,6946	,33741	,449	-1,6865	,2973
	Desligado	Não Classificável	-,8375	,33741	,165	-1,8294	,1544
		Seguro	,1232	,33741	1,000	-,8687	1,1151
		Desligado	-,8929	,55722	1,000	-2,5309	,7452
	Desligado	Amedrontad o	-,5714	,45497	1,000	-1,9089	,7661
		Não Classificável	-,7143	,45497	1,000	-2,0518	,6232
		Seguro	1,0161	,46620	,341	-,3544	2,3866

		Preocupado	,8929	,55722	1,000	-,7452	2,5309
		Amedrontado	,3214	,55722	1,000	-1,3166	1,9595
		Não Classificável	,1786	,55722	1,000	-1,4595	1,8166
	Amedrontado	Seguro	,6946	,33741	,449	-,2973	1,6865
		Preocupado	,5714	,45497	1,000	-,7661	1,9089
		Desligado	-,3214	,55722	1,000	-1,9595	1,3166
		Não Classificável	-,1429	,45497	1,000	-1,4803	1,1946
	Não Classificável	Seguro	,8375	,33741	,165	-,1544	1,8294
		Preocupado	,7143	,45497	1,000	-,6232	2,0518
		Desligado	-,1786	,55722	1,000	-1,8166	1,4595
		Amedrontado	,1429	,45497	1,000	-1,1946	1,4803
Inferioridade	Seguro	Preocupado	,1361	,40846	1,000	-1,0647	1,3369
		Desligado	-,7806	,56437	1,000	-2,4397	,8785
		Amedrontado	-,7250	,40846	,821	-1,9258	,4758
		Não Classificável	-,8083	,40846	,535	-2,0091	,3924
	Preocupado	Seguro	-,1361	,40846	1,000	-1,3369	1,0647
		Desligado	-,9167	,67455	1,000	-2,8997	1,0663
		Amedrontado	-,8611	,55077	1,000	-2,4802	,7580
		Não Classificável	-,9444	,55077	,927	-2,5636	,6747
	Desligado	Seguro	,7806	,56437	1,000	-,8785	2,4397
		Preocupado	,9167	,67455	1,000	-1,0663	2,8997
		Amedrontado	,0556	,67455	1,000	-1,9274	2,0386
		Não Classificável	-,0278	,67455	1,000	-2,0108	1,9552
	Amedrontado	Seguro	,7250	,40846	,821	-,4758	1,9258
		Preocupado	,8611	,55077	1,000	-,7580	2,4802
		Desligado	-,0556	,67455	1,000	-2,0386	1,9274
		Não Classificável	-,0833	,55077	1,000	-1,7024	1,5358
	Não Classificável	Seguro	,8083	,40846	,535	-,3924	2,0091
		Preocupado	,9444	,55077	,927	-,6747	2,5636
		Desligado	,0278	,67455	1,000	-1,9552	2,0108
		Amedrontado	,0833	,55077	1,000	-1,5358	1,7024

Padrão_Rígido	Seguro	Preocupado	-,4400	,46111	1,000	-1,7955	,9155
		Desligado	-,1400	,63712	1,000	-2,0130	1,7330
		Amedrontado	-,8900	,46111	,594	-2,2455	,4655
		Não Classificável	-,8400	,46111	,746	-2,1955	,5155
	Preocupado	Seguro	,4400	,46111	1,000	-,9155	1,7955
		Desligado	,3000	,76150	1,000	-1,9386	2,5386
		Amedrontado	-,4500	,62177	1,000	-2,2778	1,3778
		Não Classificável	-,4000	,62177	1,000	-2,2278	1,4278
	Desligado	Seguro	,1400	,63712	1,000	-1,7330	2,0130
		Preocupado	-,3000	,76150	1,000	-2,5386	1,9386
		Amedrontado	-,7500	,76150	1,000	-2,9886	1,4886
		Não Classificável	-,7000	,76150	1,000	-2,9386	1,5386
	Amedrontado	Seguro	,8900	,46111	,594	-,4655	2,2455
		Preocupado	,4500	,62177	1,000	-1,3778	2,2778
		Desligado	,7500	,76150	1,000	-1,4886	2,9886
		Não Classificável	,0500	,62177	1,000	-1,7778	1,8778
	Não Classificável	Seguro	,8400	,46111	,746	-,5155	2,1955
		Preocupado	,4000	,62177	1,000	-1,4278	2,2278
		Desligado	,7000	,76150	1,000	-1,5386	2,9386
		Amedrontado	-,0500	,62177	1,000	-1,8778	1,7778
Medo_Perder_Controlo	Seguro	Preocupado	-,2469	,34881	1,000	-1,2723	,7785
		Desligado	-1,5906*	,48195	,018	-3,0074	-,1738
		Amedrontado	-1,1219*	,34881	,023	-2,1473	-,0965
		Não Classificável	-,8406	,34881	,198	-1,8660	,1848
	Preocupado	Seguro	,2469	,34881	1,000	-,7785	1,2723
		Desligado	-1,3438	,57604	,238	-3,0372	,3497
		Amedrontado	-,8750	,47034	,688	-2,2577	,5077
		Não Classificável	-,5938	,47034	1,000	-1,9764	,7889
	Desligado	Seguro	1,5906*	,48195	,018	,1738	3,0074
		Preocupado	1,3438	,57604	,238	-,3497	3,0372

		Amedrontado	,4688	,57604	1,000	-1,2247	2,1622
		Não Classificável	,7500	,57604	1,000	-,9434	2,4434
	Amedrontado	Seguro	1,1219*	,34881	,023	,0965	2,1473
		Preocupado	,8750	,47034	,688	-,5077	2,2577
		Desligado	-,4688	,57604	1,000	-2,1622	1,2247
		Não Classificável	,2813	,47034	1,000	-1,1014	1,6639
	Não Classificável	Seguro	,8406	,34881	,198	-,1848	1,8660
		Preocupado	,5938	,47034	1,000	-,7889	1,9764
		Desligado	-,7500	,57604	1,000	-2,4434	,9434
		Amedrontado	-,2813	,47034	1,000	-1,6639	1,1014
Défice_Auto	Seguro	Preocupado	-,4750	,40901	1,000	-1,6774	,7274
_Controlo		Desligado	-,3917	,56513	1,000	-2,0530	1,2697
		Amedrontado	-,8917	,40901	,341	-2,0941	,3107
		Não Classificável	-1,3083*	,40901	,024	-2,5107	-,1059
	Preocupado	Seguro	,4750	,40901	1,000	-,7274	1,6774
		Desligado	,0833	,67546	1,000	-1,9023	2,0690
		Amedrontado	-,4167	,55151	1,000	-2,0380	1,2046
		Não Classificável	-,8333	,55151	1,000	-2,4546	,7880
	Desligado	Seguro	,3917	,56513	1,000	-1,2697	2,0530
		Preocupado	-,0833	,67546	1,000	-2,0690	1,9023
		Amedrontado	-,5000	,67546	1,000	-2,4857	1,4857
		Não Classificável	-,9167	,67546	1,000	-2,9023	1,0690
	Amedrontado	Seguro	,8917	,40901	,341	-,3107	2,0941
		Preocupado	,4167	,55151	1,000	-1,2046	2,0380
		Desligado	,5000	,67546	1,000	-1,4857	2,4857
		Não Classificável	-,4167	,55151	1,000	-2,0380	1,2046
	Não Classificável	Seguro	1,3083*	,40901	,024	,1059	2,5107
		Preocupado	,8333	,55151	1,000	-,7880	2,4546
		Desligado	,9167	,67546	1,000	-1,0690	2,9023
		Amedrontado	,4167	,55151	1,000	-1,2046	2,0380

Com base em médias observadas.

O termo de erro é Quadrado Médio (Erro) = ,608.

*. A diferença média é significativa no nível ,05.